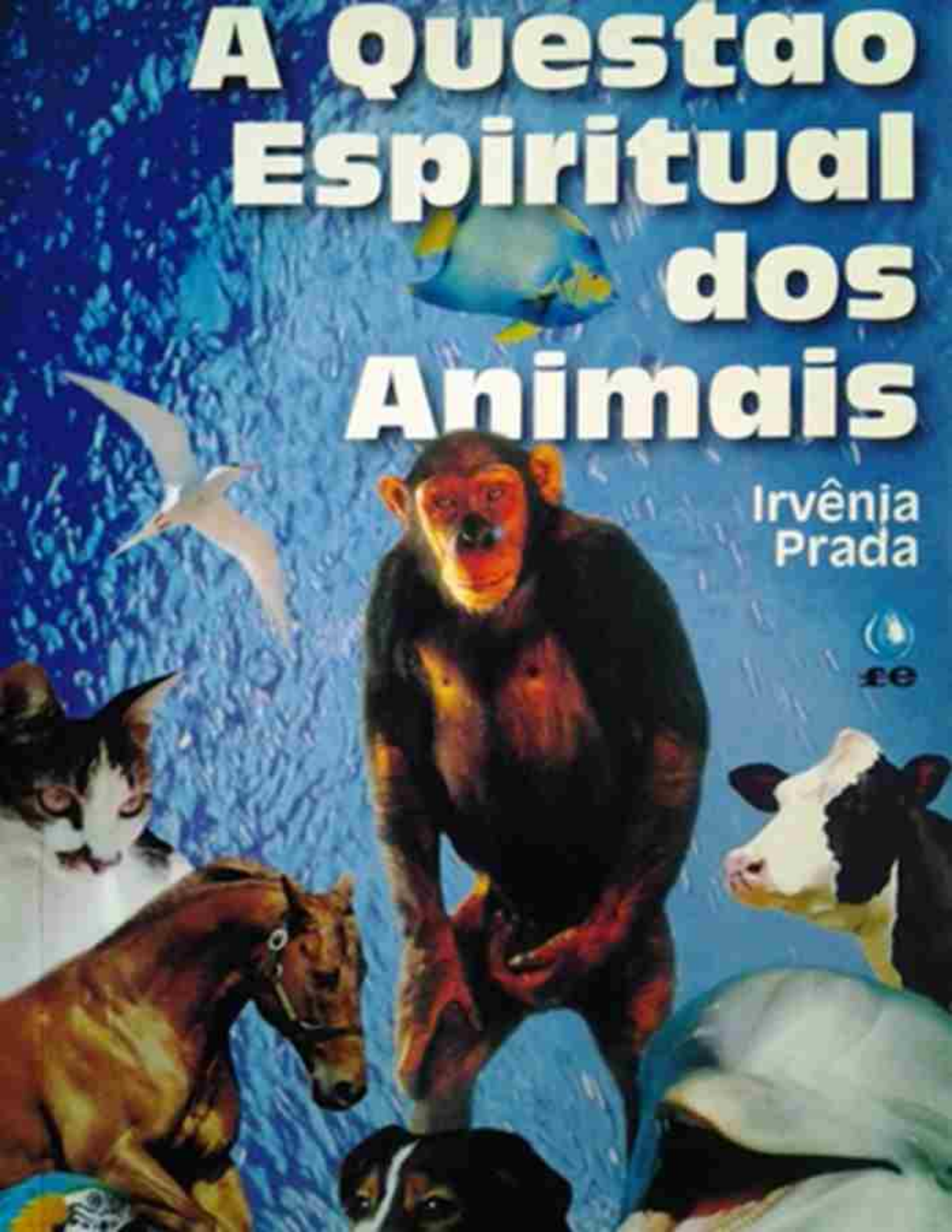


A Questão Espiritual dos Animais

Irvênia
Prada



A QUESTÃO ESPIRITUAL DOS ANIMAIS

Irvênia Prada

São Paulo, 2001

Editora FE

Créditos

Copyright FE Editora Jornalística Ltda.

Capa:

André Luis Fígaro Egidio

Composição Gráfica:

Conrado Gonçalves Santos

Ilustrações:

Irvênia Prada

4ª edição

2.500 exemplares

FE Editora Jornalística Ltda.

Av. Pedro Severino Jr., 325 - Jabaquara São Paulo - SP - 04310-060

Tel.: (011) 5585-1977

Conheça nossas publicações, solicite um catálogo.

Publicamos ainda o jornal *Folha Espírita* que completou

25 anos de existência, veja como é fácil tornar-se assinante,

ligue para (011) 5585-1977

Conversão Digital 2019 — Digitalização web. Atendido o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na revisão, cujas eventuais observações estão em Notas [N.R.]. E-Book sem fins lucrativos visando deficientes visuais; se não o for, considere comprar um original e doá-lo a uma biblioteca.



A

todos os queridos
animais que fizeram
parte de nossas vidas

Orelha



Irvênia Luíza de Santiss Prada é médica veterinária pela Universidade de São Paulo. Professora Titular, é pesquisadora em Neuroanatomia. Encontra-se fortemente inserida no contexto do Bem-Estar Animal, participando de cursos, congressos, palestras e debates. Foi presidente e depois assessora da Comissão de Ética da Faculdade de Medicina Veterinária da USP, tendo sido presidente do Conselho Orientador da Fundação Parque Zoológico de São Paulo e também diretora substituta da instituição. Há mais de vinte anos atua no meio espírita como expositora em cursos e palestras, tendo se dedicado ao estudo e à busca de informações sobre a questão espiritual dos animais, na tentativa de conciliar dados colhidos na literatura espírita e na ciência acadêmica. Defende a tese de que os animais, como seres espirituais em evolução, são nossos companheiros de jornada, merecendo ser respeitados e, sobretudo, amados.

Contracapa

Este livro é um convite à reflexão sobre o significado da existência dos animais, suceder de etapas na longa jornada evolutiva do Princípio inteligente. Nossos companheiros de morada neste planeta, merecem ser compreendidos, respeitados e principalmente amados ao trilharem os mesmos caminhos que certamente já percorremos.

Introdução

Sempre me lembro deste episódio.

Estávamos conversando, alguns familiares e amigos, quando uma das pessoas passou a “apresentar-nos” a sua cachorra, que então se aproximava:

— É uma beleza! Meiga, companheira etc. etc. Aliás, acho que na próxima encarnação já pode vir como gente, porque só falta falar!

Alguém imediatamente retrucou, com veemência:

— Isso é um absurdo! Bicho é bicho e gente é gente! Na Doutrina Espírita, está muito claro que os animais nunca chegarão a ser humanos!

Eu fiquei só ouvindo ... e pensando...

Quantas coisas existem em pendência, e quantas opiniões pessoais transferimos para a Doutrina!

Fiquei em estado de alerta e passei a buscar informações, na literatura espírita, principalmente nas obras básicas da codificação, a respeito dos animais.

Agradeço aos alunos, colegas e amigos que de alguma forma me ajudaram nessa pesquisa.

De outra parte, profissionalmente dedico-me à Neuroanatomia Animal,

isto é, ao estudo anatômico do sistema nervoso dos animais, particularmente do cérebro.

A chamada “interação cérebro-mente”, no homem, tem se constituído, nas últimas décadas, em uma das mais interessantes abordagens na ciência.

E então surge a pergunta:

— Como podemos entender a questão do espírito dos animais, e de que maneira ele interage com o corpo físico? Será também por intermédio do cérebro?

É o que apresento ao leitor, nos três primeiros capítulos, seguindo-se outros temas correlatos, também motivo de constante interesse.

Tenho o hábito de indicar, sempre que possível, a fonte (obra e, ou autor) de onde obtive a informação que está sendo transmitida. É um recurso para os que desejarem ir diretamente ao original.

As perguntas que todos nós sempre fazemos, em relação aos animais, em absoluto não estarão todas respondidas aqui. O entendimento de alguns aspectos, parece sinalizado; o de outros, não. Restam dúvidas a serem esclarecidas e conceitos a serem firmados.

Esta a razão pela qual fiz a abordagem dos assuntos como questão, isto é, matéria em discussão: A questão espiritual dos animais!

Vale continuar a pesquisar, a discutir, a aprender.

Só não vale passarmos, em nome da Doutrina Espírita, as nossas opiniões e posturas pessoais.

A autora

1

Os Animais têm Alma?

O Espírito Humano Evolui do Princípio Inteligente dos Animais?

Num futuro não muito distante, ao encontrar mencionada a questão “Os animais têm alma?”, espero que tenhamos a mesma reação de surpresa que eu tive ao ler o primeiro artigo da Revista Espírita, de Kardec, ano IX-1866, intitulado: “As mulheres têm alma?”. Esse assunto, aliás, foi tema de discussão em um dos Concílios, e é claro que Kardec não o estava retomando diretamente; com certeza apenas valeu-se, na ocasião, do recurso de um título instigante para chamar a atenção das pessoas a respeito de preconceitos inaceitáveis ainda existentes, contra as mulheres, uma vez que o Espírito pode encarnar-se ora no sexo feminino, ora no masculino.

O fato de se propalar a inexistência de alma em mulheres e escravos representava estratégia para o exercício de poder, justificando-se, assim, plenamente a condição de absoluta disponibilidade em que esses indivíduos eram mantidos.

No caso dos animais, além do interesse de exploração econômica para o consumo de suas carnes e produtos (leite, lã, pele, ovos etc.), há ainda o que eu chamo de “culto do estado de antropocentrismo”. O homem considera-se o ser criado “à imagem e semelhança do Criador”, o ser excelso, ao qual toda a natureza deve se curvar e servir.

Essa postura vem de longe.

Para Aristóteles (filósofo grego, 384 - 322 a.C.), os seres orgânicos, apesar de apresentarem aspectos diversos, eram todos constituídos de matéria (o corpo) e de forma (o princípio do movimento). Entre os animais, mais perfeitos do que as plantas e de constituição mais complexa, distinguia os inferiores (insetos, crustáceos etc.) e os superiores (peixes, anfíbios, aves e mamíferos), nestes últimos reconhecendo uma série de funções diferenciadas. Admitia estabelecer-se o correlacionamento entre estados psíquicos e estados fisiológicos, apenas nos seres superiores desenvolvidos; enquanto às plantas eram atribuídas apenas propriedades nutritivas, para os animais eram admitidas, também, propriedades sensitivas e motoras. O homem, por fim, ocupava o vértice dessa pirâmide, aliando a todas essas qualidades uma potencialidade receptiva em grau elevado.

Portanto, para a concepção aristotélica, os seres orgânicos dispõem-se em degraus sobrepostos, com crescente aumento de complexidade estrutural e de correspondentes funções, até culminar no homem, “o ser inteligente”.

Para a filosofia platônica e aristotélica, “o homem é o animal que tem o logos, é o animal racional” (ratio do latim, corresponde a logos, do grego). À essa definição clássica reportam-se outros filósofos como De Bonald (filósofo francês, 1754 - 1840) – “O homem é uma inteligência servida por órgãos”; B. Pascal (filósofo, escritor e matemático francês, 1623 - 1662) – “O homem nada mais é do que um junco, o mais frágil da natureza, mas é um junco pensante”; Descartes (filósofo e matemático francês, 1596 - 1650) – “Eu não sou, exatamente falando, senão uma coisa que pensa, isto é, um espírito, um intelecto, ou uma razão”; Cassirer (filósofo alemão, 1874 - 1945) – “O homem é o animal que fala”.

Em todas essas definições, percebemos a concepção clara da constituição do homem segundo dois aspectos, ou seja, como animal (natureza concreta) e como ser pensante (natureza abstrata). Historicamente, o homem reconhece similitude entre sua natureza concreta e a dos animais, mas, por motivos de ordem cultural, certamente com grande influência do componente religioso, atribui apenas a si, como apanágio, a existência da referida natureza abstrata.

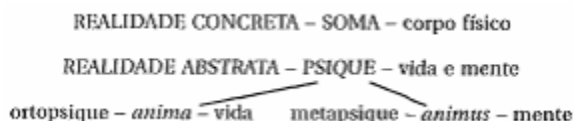
Em sua tese *A Mente Humana*, o prof. R. Manno Vieira (Escola Paulista de Medicina - UNIFESP - 1985) faz interessantes comentários a respeito. Considera, assim, para o ser humano, a coexistência da realidade concreta do corpo físico (SOMA) e da realidade abstrata, metafísica, epifenômica (PSIQUE), esta representada em duas dimensões: a ORTOPSIQUE, relacionada à manifestação da vida, e a METAPSIQUE, que é sede da MENTE e tem a ver com a consciência, o intelecto, o pensamento, a razão, enfim, com o ESPÍRITO!

A coisa é um pouco complicada porque a vertente ortopsique está vinculada ao termo *anima*, do latim, que se traduz para o português como alma mas, cuidado! Aqui não se trata da alma, como nós espíritas a entendemos, a partir da leitura do LE^{1} - 134 (Um espírito encarnado).

Trata-se do componente da realidade abstrata através do qual se expressa a vida. Vejam que interessante: é a partir dessa expressão *anima* (vida) que classificamos os seres existentes na natureza em animados, ou seja, os que tem o *anima*, que são vivos, e os inanimados, que não tem o *anima*, que não são vivos. Esse *anima*, portanto, representa o "motor" segundo o qual os seres que o possuem (seres animados) se automovem e se autorregulam, como é o caso das plantas, dos animais e do próprio homem.

Por sua vez, a metapsique está vinculada à expressão latina *animus*, cuja tradução para o português também é alma mas, agora sim, com o sentido de mente, de espírito.

Vamos resumir:



Mas, retomando o foco nos animais, como ficam as coisas?

Os animais têm alma? Esse é o título de um dos livros de Ernesto Bozzano, publicação (traduzida) da Editora Eco. Bozzano relata e comenta 130 casos de manifestações metapsíquicas envolvendo a atuação de animais. Voltaremos a eles.

Não apenas de modo geral, mas, também dentro do meio espírita, muitas pessoas não se sentem à vontade quando se fala sobre isso.

— Espíritos de animais? Animais têm espírito?

A resposta a esta pergunta é absolutamente afirmativa.

Sim! Basta referirmo-nos ao LE^{2} - 597: "Pois se os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

R - Sim, e que sobrevive ao corpo”.

Em várias oportunidades está referida dentro do Pentateuco Espírita, a expressão Espírito, em relação aos animais, como por exemplo: O Espírito do animal... LE 600; espírito do macaco - GE^{3} XI. 16, (destaques meus).

Note-se que, em relação a LE 600, foi utilizado o termo Espírito com a primeira letra em maiúsculo! Alguns espíritas reservam o uso do termo assim expresso (com E maiúsculo) apenas em relação ao homem. Para os animais, quase sempre referem-se à expressão Princípio Inteligente.

Para o meu entendimento, isso é absolutamente irrelevante, uma vez que a essência de ambos é a mesma (LE 606a) e, conforme tentaremos colocar nos próximos segmentos, a rigor não existe um limite definido entre ambos, no transcurso dos evos (como diria André Luiz). No próprio LM^{4} 2ª XXV 283 está referida também a expressão Espírito (com E maiúsculo) tanto para os animais quanto para o homem.

E qual é a natureza do espírito dos animais?

“Matéria e espírito constituem os dois elementos gerais do universo, estando acima Deus, o Criador; são essas três coisas, o princípio de tudo o que existe, a Trindade Universal” (LE - 27).

Portanto, além de Deus – “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”, tudo o que existe no universo está inserido ou no princípio material ou no princípio espiritual, desde o que nos parece mais evidente como os objetos que estão à nossa volta, o ar que respiramos, a imensa variedade de seres vivos com diferentes formas, sejam aquelas outras coisas difíceis de serem explicadas, como a própria essência da vida, a inteligência, a consciência etc.

Em várias oportunidades, Kardec questiona os espíritos, a esse respeito. Assim, pergunta a eles (LE - 64) se o princípio vital formaria um terceiro elemento, além do espírito e da matéria, ao que os espíritos respondem negativamente, informando que esse princípio tem a sua fonte nas

modificações da matéria universal. Também é de Kardec (LE - 79) a indagação: “Uma vez que há dois elementos gerais do Universo: o inteligente e o material, poderíamos dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos são formados do material?” E a resposta é afirmativa, com o esclarecimento adicional de que “os Espíritos são individualizações do princípio inteligente, assim como os corpos são individualizações do princípio material”.

No ser humano, o seu corpo físico, o seu perispírito e todos os fluidos que permeiam esses dois corpos estão implicados no princípio material, ao passo que o seu espírito, com os atributos que lhe são inerentes como inteligência, pensamento, vontade, sentimentos etc., está afeto ao princípio espiritual ou princípio inteligente, expressão que também se encontra no LE¹ para referir o mesmo elemento.

Em relação aos animais, é indiscutível que eles tem corpo físico, tem vida e mostram (pelo menos muito deles) comportamentos através dos quais exibem capacidade de aprender coisas novas, de resolver situações inesperadas, de fazer julgamento do que está acontecendo à sua volta, enfim, revelam possuir inteligência!

Isso já é um bom começo para o assunto pois lemos no LE¹- 76 que "... os Espíritos são os seres inteligentes da Criação”.

Na GE² III. 11 a 13, ao tratar do tema “O Instinto e a Inteligência”, Kardec registra, no item 12: “A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias. Incontestavelmente, isto é um atributo exclusivo da alma”. E continua no final do item 13: “O animal carniceiro é impelido pelo instinto a nutrir-se de carne; porém, as precauções que ele toma, as quais variam

segundo as circunstâncias, a fim de agarrar sua presa, sua previsão em relação às eventualidades, *são atos de inteligência*”, (destaques meus).

Na questão LE¹ - 606 a vem a indagação crucial: “A inteligência do homem e a dos animais emanam de um princípio único?”

Resposta: “Sem dúvida nenhuma mas, no homem, ela passou por uma elaboração que a eleva acima dos brutos”.

Kardec continua (LE¹ - 607): "Onde cumpre o Espírito essa primeira fase?”

Resposta: “Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade”.

Apesar dessas informações terem sido colocadas pelos Espíritos, de maneira bastante direta, o assunto ainda é polêmico, no meio espírita.

Aliás, Kardec já previa a dificuldade do tema ao referir, em comentário que se segue à questão LE¹ - 613: “É assim que nem todos pensam da mesma maneira a respeito das relações existentes entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres "inferiores" da Criação. Segundo outros, o espírito do Homem teria sempre pertencido à raça (sic) humana, sem passar pela fieira animal”. Na GE², XI. 23, aludindo ao ponto de partida da alma humana, Kardec faz colocação semelhante, ao asseverar que “segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o Princípio Inteligente, distinto do Princípio Material, se individualiza, se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade”.

A esse respeito, é bastante interessante o livro *A Evolução do Princípio Inteligente* - 1995, de nosso prezado confrade Durval Ciamponi. Também é imperdível a leitura de *A Evolução Anímica* - 1937, de Gabriel Delanne.

De minha parte, desejo declarar que aceito o princípio da progressão evolutiva do Espírito, desde quando criado simples e ignorante, passando pela condição humana e tendendo à angelitude, não somente pelo fato desse conceito estar expresso na Doutrina, como também por ser coerente com a lógica.

Interessantes comentários são encontrados em dois artigos com o mesmo título: “A alma dos Animais”, o primeiro de Pedro Valente da Cunha e, o segundo, de J. Martins Peralva, na Revista *Reformador*, respectivamente de março/89 e julho/90. Peralva lembra que, pela mediunidade de Chico Xavier, Emmanuel, na obra *Alvorada do Reino* assevera: “O animal caminha para a condição de homem, tanto quanto o homem evolui no encalço do anjo”. E continua... “No reino animal, a consciência, à feição de crisálida, movimenta-se em todos os tons do instinto, no reino da inteligência, objetivando a conquista da razão sublimada pelo discernimento.”

Também na GE² XI. 15 e 16 ao tratar da “Hipótese sobre a Origem do Corpo Humano,” Kardec refere: “Corpos de macacos teriam sido muito adequados a servir de vestimentas aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados, que vieram encarnar-se na terra... O espírito do macaco (destaque meu), o qual não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macaco para seu uso... e o Espírito humano procriou corpos humanos, variantes do primeiro molde...”

E Kardec continua, no mesmo item 16: “Como não há transições

bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a Terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior e, sem dúvida, também quanto à sua inteligência”.

No LE¹ 849 vem a confirmação:

Qual é, no homem em estado selvagem, a faculdade dominante, o instinto ou o livre-arbítrio?

Resposta: O instinto...”

Em *A Caminho da Luz*, ao tratar de A Grande Transição, Emmanuel esclarece que "Os antropoides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos,... formando os pródromos das raças futuras... as entidades espirituais imprimindo-nos novas expressões biológicas. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal... são um atestado dos experimentos biológicos a que precederam os prepostos de Jesus, até fixarem no 'primata' os característicos aproximados do homem futuro”.

A colocação feita por Kardec, de que o corpo humano poderia ter evoluído a partir de modificações de corpos de macacos, e constante da GE², publicada em sua primeira edição em 1868, além de bastante lógica, é interessante também por razões históricas e motiva algumas reflexões.

Assim, não se pode esquecer que Kardec foi contemporâneo de Charles Darwin (1809 - 1882), o eminente naturalista inglês, autor da revolucionária obra *A Origem das Espécies*, publicada em 1859, alusiva à sua teoria sobre a evolução e seleção das espécies animais. Embora em toda a obra de Darwin não haja uma só frase declarando, com todas as letras, que o homem

veio do macaco, os estudiosos de sua teoria admitem que isso está absolutamente implícito em seus conceitos. Kardec, como homem de ciência, certamente compreendeu a coerência dos enunciados de Darwin revelando mesmo a audácia de colocar o assunto na GE². Por outro lado, teve o cuidado de referi-lo como "Hipótese", obedecendo os rigores do método científico.

A Biologia e a Antropologia, atualmente, não têm mais dúvidas disso. É conhecimento de ponta, hoje, que o ser humano evoluiu a partir de uma espécie animal chamada *Australopitecus*, cujos fósseis foram encontrados no sul da África (austral = sul; pitecus = macaco). Apesar de já ter postura ereta, o *Australopitecus* ainda era um macaco, que viveu no planeta há cerca de 3,5 milhões de anos. Trato deste assunto com mais detalhes e enfoque acadêmico em meu livro anterior *A alma dos Animais*, Editora Mantiqueira - 1997.

Hoje, estudos comparativos de DNA revelam que particularmente os chimpanzés estão, na escala evolutiva, muito perto do homem. No início dos anos 80 os cientistas Jon Ahlquist e Charles Sibly descobriram que o código genético dos seres humanos e dos chimpanzés tem 98,4% de identidade. Em outras palavras, diferimos geneticamente dos chimpanzés em apenas 1,6% de nossas características. A respeito veja-se, por exemplo, Globo Ciência, ano 7, nº 82, maio/98.

Impressionante é a consideração feita por Emmanuel, prefaciando a obra *Os Mensageiros*, de André Luiz, em 1944. Emmanuel assevera que, no chimpanzé, a lei da herança (genética) continua (no homem) com ligeiras modificações, o que hoje é plenamente confirmado pela Ciência.

Assim como na obra de Darwin (*A Origem das Espécies*, 1859) está

clara a noção de evolução orgânica do ser humano a partir de outras espécies de primatas, também na obra de Kardec vejo bem sinalizada a concepção da gênese espiritual do ser humano a partir de estágios anteriores, conforme já vimos no LE¹ - 607: "... onde cumpre o Espírito essa primeira fase?

Resposta: Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade”.

LE¹ 607a - “Parece, assim, que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?”

Resposta: “Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos. É de certa forma um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se toma Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade...” (destaques meus).

Em Kardec (1857), o enunciado do conceito de evolução espiritual. Em Darwin (1859), o enunciado do conceito de evolução orgânica. Não sei se os espíritas já se deram conta da monumental importância desse feito da obra kardequiana, no terreno do espírito, que antecede de dois anos o também monumental feito da obra darwiniana no terreno da matéria. Em outra oportunidade (GE² - 1868), Kardec retoma a discussão dos dois conceitos: Gênese Orgânica (cap. X) e Gênese Espiritual (cap. XI).

Dos itens LE¹606a e 607, já referidos, surge uma questão interessante! Segundo entendo, a rigor não podemos dizer que os primeiros espíritos

humanos da Terra tenham se encarnado em corpos de macacos, pois tal situação não seria a consagração da doutrina da metempsicose? No LE¹ XI.III. “Metempsicose”, pergunta-se (item 612): “O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar-se em um animal?”

Resposta : “Isso seria retrogradar, e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à fonte”.

Voltamos à citação de Kardec, na GE² XI. 16: “...é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior, e sem dúvida também quanto à sua inteligência”.

Parece-me bastante lógico concluir que esses espíritos estavam adentrando o período de humanidade, isto é, não eram já humanos anteriormente, mas foram se tornando humanos, aqui na Terra. Aliás, é o que Kardec refere na GE² XI. 16: “...deram nascimento a uma nova espécie, a qual pouco a pouco se afastava do tipo primitivo, à medida que o Espírito progredia”.

Emmanuel, no livro *Emmanuel*. XVII - “Sobre os Animais” declara, ao tratar do evolucionismo do Princípio Inteligente através das espécies: “sou dos que o estudam atenta e carinhosamente”.

E continua:

“...E como o objetivo desta palestra é o estudo dos animais, nossos irmãos inferiores, sinto-me à vontade para declarar que todos nós já nos debatemos no seu acanhado círculo evolutivo. São eles os nossos parentes próximos, apesar da teimosia de quantos persistem em o não reconhecer. Considera-se, às vezes, como afronta ao gênero humano a aceitação dessas

verdades.

... recebi como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta. Estendei até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida”, (destaque meu)

Interessante a coincidência da expressão que destaquei, com o título do livro de Roger Fouts *O Parente Mais Próximo*, 1998, a respeito de sua experiência de 30 anos com chimpanzés, e ao qual retornarei.

Natureza Concreta – corpo físico

Natureza Abstrata – vida (alma) e mente (alma).

A dúvida que restava: Os animais têm mente (alma)?

As informações doutrinárias e da Ciência Acadêmica nos autorizam a dizer:

— Tem!

Notas:

1 – *O Livro dos Espíritos, Allan Kardec*

2 – *A Gênese, Allan Kardec*

3 – *O Livro dos Médiuns, Allan Kardec*

2

O Pensamento dos Animais

O Papel do Cérebro

“Penso logo existo.”

Este enunciado de René Descartes, famoso filósofo francês do século XVII, tornou a incontestável realidade do pensar quase palpável, como o é a realidade do corpo físico, aliás, corroborando a postura de pensadores ainda mais antigos, como é o caso de Platão (filósofo grego do séc. II). Descartes realça a importância maior e a precedência do ato de pensar, sobre a própria existência concreta da matéria. É a exata impressão que se tem ao contemplar a figura esculpida de “O Pensador”, de Rodin (escultor francês, 1840 - 1917), em que toda a pujança física do indivíduo acha-se subjugada pela atitude de reflexão, de ensimesmamento.

A matéria como que se aquieta e aguarda, silenciosa, em atitude de respeito, o processamento das ideias!

Entretanto, uma pequena mas importantíssima parte do nosso corpo não pode se dar ao luxo de ficar à parte do que está acontecendo no mundo das ideias.

Trata-se do cérebro!

A ciência de hoje já detém o conhecimento de que ele representa o elemento de ligação entre a realidade fenomênica do mundo material e a realidade abstrata^{5} do pensamento, em que situamos essas “coisas” que nem sequer sabemos definir claramente, e que chamamos de consciência, mente, psiquismo, razão, vontade, livre-arbítrio, emoções etc.

Diga-se de passagem, essa noção é bastante antiga, pois Hipócrates (médico grego - séc. V a. C.), considerado o “Pai da Medicina” já afirmava ser, o cérebro, o mensageiro da consciência. Também Descartes considerava a pineal (ou epífise, pequena glândula do cérebro) como sendo a sede da alma.

Eu fico me perguntando como eles tiveram acesso a informações tão preciosas, que a Ciência ainda hoje vasculha na imensidão de seus mistérios! Só pode ser mesmo por via intuitiva!

Aliás, a respeito da pineal, a Ciência ainda não alcançou Descartes. Atualmente, pesquisas que vem sendo realizadas nessa glândula, pelo dr. Sérgio Felipe de Oliveira, em São Paulo, estão prometendo...

O interesse atual por estudos sobre a interação cérebro - mente é tão grande que os anos 90 foram considerados “a década do cérebro”.

Segundo informação da *Folha de São Paulo*, em 2/11/90, o médico americano Meshberger, motivado por esse tema, fez comentários interessantes a respeito da obra de Michelangelo (1475 - 1564) “A Criação de Adão”, pintada em 1511, na Capela Sistina, no Vaticano (Fig. 1).

À direita, está representada a figura antropomórfica (*antropos*, do grego = homem) de Deus e, à esquerda, a de Adão. Assim, tem - se admitido

que o braço e o dedo de Deus, esticados, sejam sugestivos de que a centelha da vida está sendo transmitida a Adão. Meshberger, entretanto, rejeita essa ideia, argumentando que Adão já está vivo e com os olhos abertos. “O que Deus está dando a ele é a inteligência”, afirma o médico, para quem o artista possuía noções de anatomia do cérebro, pois a imagem formada pelo manto que envolve Deus e os anjos, tem a forma de um cérebro. "Esse fato é bastante revelador de que, além de Deus e Adão, há um terceiro protagonista da cena, “o intelecto”, conclui Meshberger.

O que temos, portanto, até aqui: de um lado, a realidade concreta do corpo físico e, dele fazendo parte, o cérebro, que representa o elemento de ligação com “o outro lado”, o “mundo das ideias”, relativo ao Espírito, fonte do pensamento.

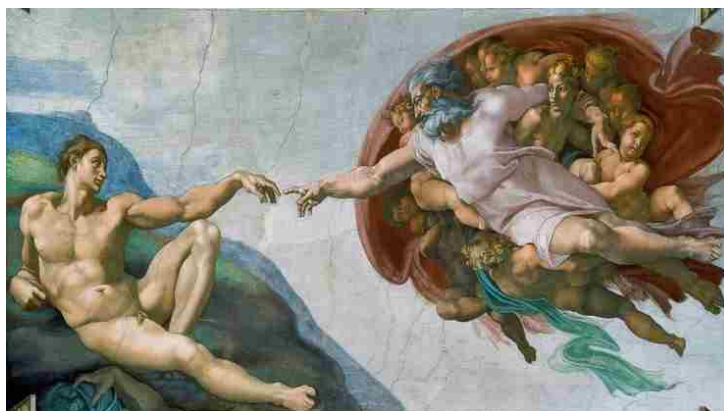


Fig. 1 - Segundo o médico americano Meshberger, nesta pintura de Michelangelo "A Criação de Adão", a figura formada pelo manto que envolve Deus e os Anjos (à direita), tem a forma de um cérebro (encéfalo). De fato, é possível essa comparação destacada no esquema abaixo da foto: a parte do cérebro com o braço direito de Deus, corresponde ao lobo frontal; a extremidade oposta, ao lobo occipital e ao cerebelo; embaixo, nervos e vasos podendo ser, uma das primeiras estruturas, a representação da hipófise. O braço esquerdo de Deus lembra a posição do corpo caloso (veja Fig.3).

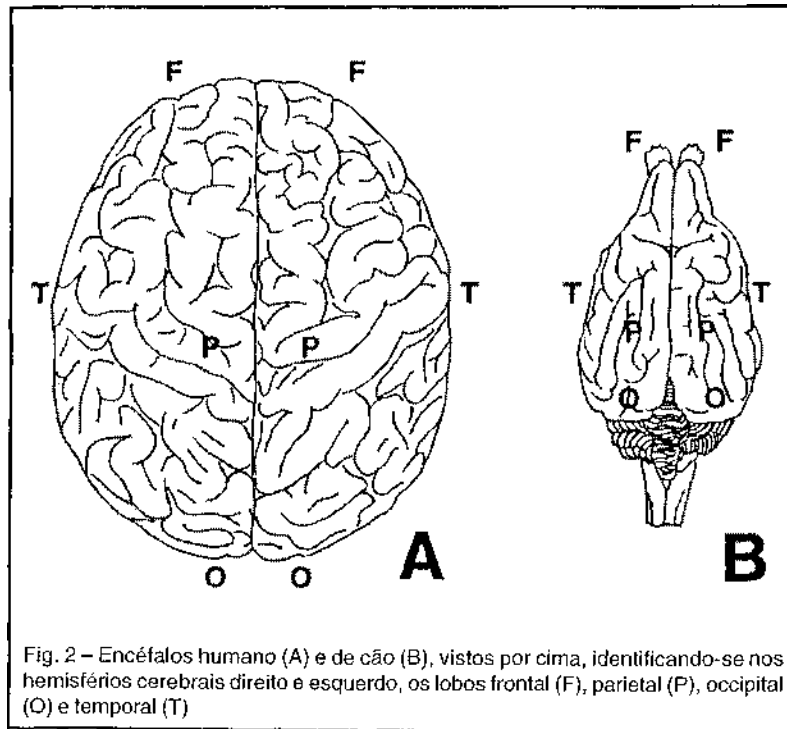
Como É o Cérebro?

É hora de alertarmos os leitores não afetos ao assunto, de que os termos cérebro e encéfalo, a rigor, não são sinônimos. O encéfalo ocupa toda a cavidade do crânio e compõe-se de três partes: cérebro, cerebelo e tronco encefálico; este último tem continuidade com a medula espinhal, que está contida dentro do canal formado pela sequência das vértebras. Encéfalo e medula espinhal constituem, juntos, o que se chama de Sistema Nervoso Central.

No ser humano, como também nos animais que o possuem, o cérebro é formado de duas porções: diencéfalo ou conjunto dos tálamos e telencéfalo,

este representado pelos dois hemisférios cerebrais. Vamos observar bem a organização morfológica do cérebro e do encéfalo como um todo, pois isso é importante para a compreensão de nosso próximo segmento - A Casa Mental.

Os hemisférios cerebrais direito e esquerdo são bem individualizados (Fig. 2), embora mantenham importantes conexões entre si.



Fazendo-se agora um corte entre os dois hemisférios, de modo a separá-los e olhando-se o hemisfério direito, pelo lado do corte (mediano), podemos observar várias estruturas. (Fig. 3)

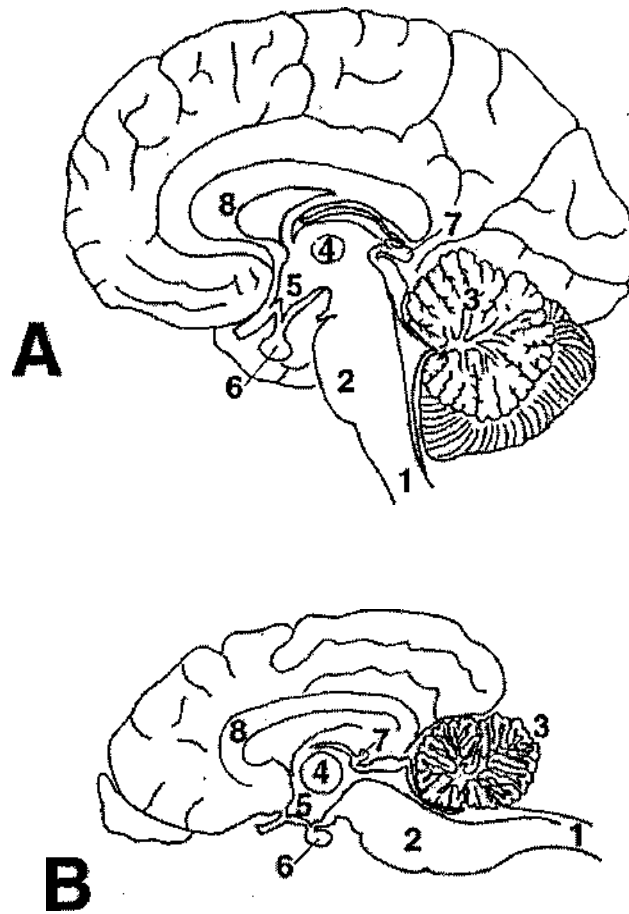


Fig. 3 - Metade direita de encéfalo humano (A) e de cão (B), vendo-se a superfície do corte (mediano).

1 - segmento de medula espinhal; 2 - tronco encefálico; 3 - cerebelo; 4 - tálamo; 5 - hipotálamo; 6 - hipófise; 7 - pineal ou epífise; 8 - corpo caloso.

Como o Ser Humano Conquistou esse Cérebro? Foi Sempre Assim?

Não, não foi sempre assim.

O material que se analisou, para se chegar a essa conclusão,

corresponde a crânios (parte óssea da cabeça) fossilizados, pertencentes a indivíduos de várias espécies do gênero humano, e que viveram neste planeta em diferentes épocas.

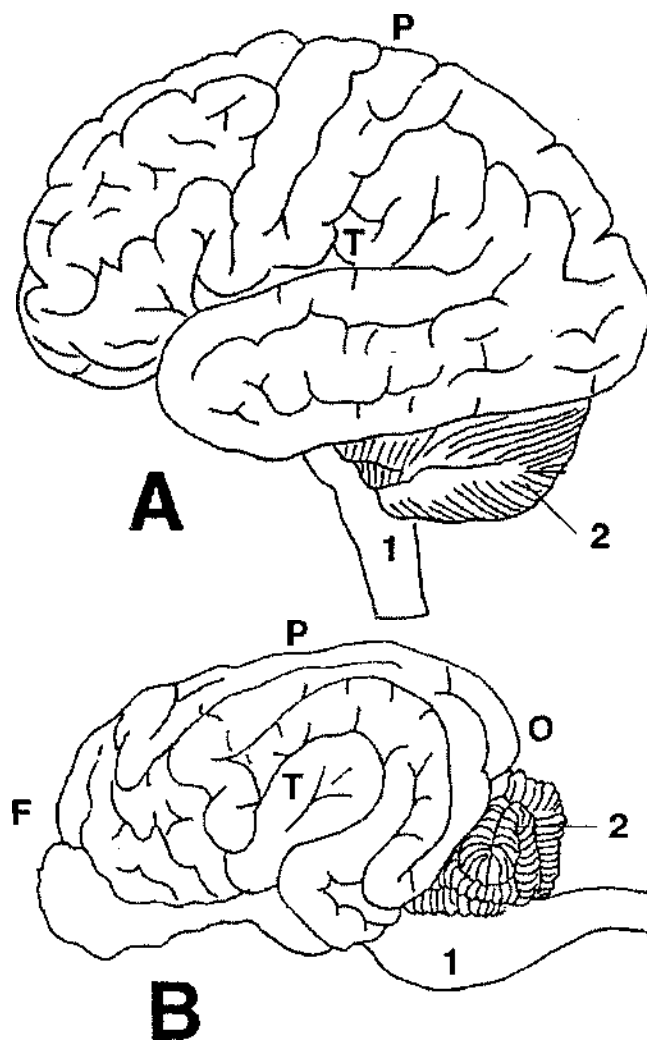


Fig. 4 - Encéfalo humano (A) e de cão (B) em vista lateral, para observação dos lobos cerebrais frontal (F), parietal (P), occipital (O) e temporal (T). 1 - tronco encefálico; 2 - cerebelo.

Como o cérebro (a rigor, encéfalo) se justapõe à superfície interna da cavidade craniana, determinados aspectos morfológicos desses crânios conservados representam, por assim dizer, o “negativo” dos correspondentes encéfalos.

Assim, voltando aos primórdios da existência do ser humano na Terra, teríamos o seguinte quadro^{6}:

Espécie	Surgiu há	Capacidade craniana (cc) ³
<i>Homo habilis</i>	2 milhões de anos	645
<i>Homo erectus</i>	1 milhão de anos	900
<i>Homo sapiens</i>	500 mil anos	1.350
<i>Homo sapiens sapiens</i>	100 a 35 mil anos	1.500 ou +

Faça-se uma ressalva: esses dados são genéricos, isto é, o fato isolado de um indivíduo ter um cérebro maior ou menor que a média da sua espécie, pode não ter significado em termos de sua inteligência. É bastante conhecido, no meio científico, que o cérebro de Anatole France (escritor francês, 1844 - 1924) pesava 1.100 gramas, portanto a metade do cérebro (2.200 gramas) de Lord Byron (poeta romântico inglês - 1788 - 1824), intelectualmente menos brilhante, conforme dizem, enquanto o de Albert Einstein (físico alemão - 1879 - 1955, prêmio Nobel de Física de 1921) se enquadrava na normalidade.

Fato interessante é o de que muitos antropólogos não aceitam o *Homo habilis* como pertencente ao gênero humano, dada a sua restrita capacidade craniana (645 cc), que mais se aproxima do correspondente valor do *Australopithecus* (450 cc) que das outras espécies humanas. O *Australopithecus* - (*austral* = sul; *pithecus* = macaco) é um macaco que teria vivido no sul da África há ± 3,5 milhões de anos, e do qual a Ciência admite

hoje, teria vindo o homem. Assim, ficamos surpresos em perceber que nem a própria Ciência conseguiu definir com rigor, ao longo dos tempos, quando verdadeiramente começou o gênero humano.

Aliás, Kardec já estava atento a isso, pois indaga aos espíritos: LE^{7} - 609: “O Espírito, tendo entrado no período de humanidade, conserva os traços do que havia sido precedentemente, ou seja, do estado em que se encontrava no período que se poderia chamar anti^{8}-humano?

Resposta: “Isso depende da distância que separa os dois períodos e do progresso realizado. Durante algumas gerações ele pode conservar um reflexo mais ou menos pronunciado do estado primitivo, porque nada na natureza se faz por transição brusca...”

Dos dados exibidos no quadro anterior e da observação da Fig. 5, podemos extrair duas conclusões importantes:

1 — O crânio do ser humano vem aumentando progressivamente, ao longo de sua história evolutiva no planeta, o que é altamente sugestivo de que o tamanho do cérebro também está aumentando, em concordância com o tamanho da cavidade craniana que o contém.

2 — Considerando-se, na parte óssea da cabeça que corresponde ao encéfalo (neuro-crânio)^{9}, as regiões frontal (da testa), parietal (do alto), occipital (de trás, perto da nuca) e a temporal (lateralmente, sobre as orelhas), observa-se que a região frontal foi a que mais se modificou, expandindo-se.

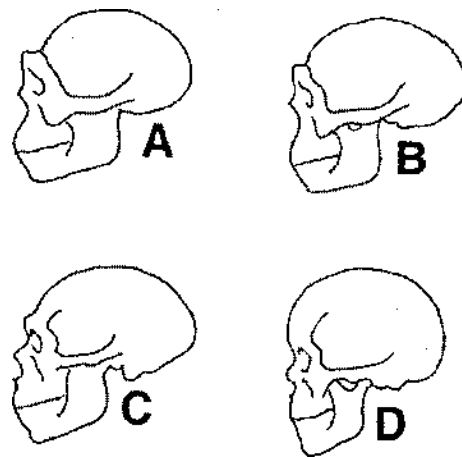


Fig. 5-Representação de crânio de Homo habilis (A), Homo erectus (B), Homo sapiens (C) e Homo sapiens-sapiens (D), notando-se acentuada diferença entre eles, particularmente em relação à região frontal (da testa).

Esse fato é sugestivo de que, no cérebro, também foi o lobo frontal o que mais sofreu mudanças, desenvolvendo-se, igualmente. Conforme veremos, este é o lobo relacionado às mais variadas expressões da inteligência.

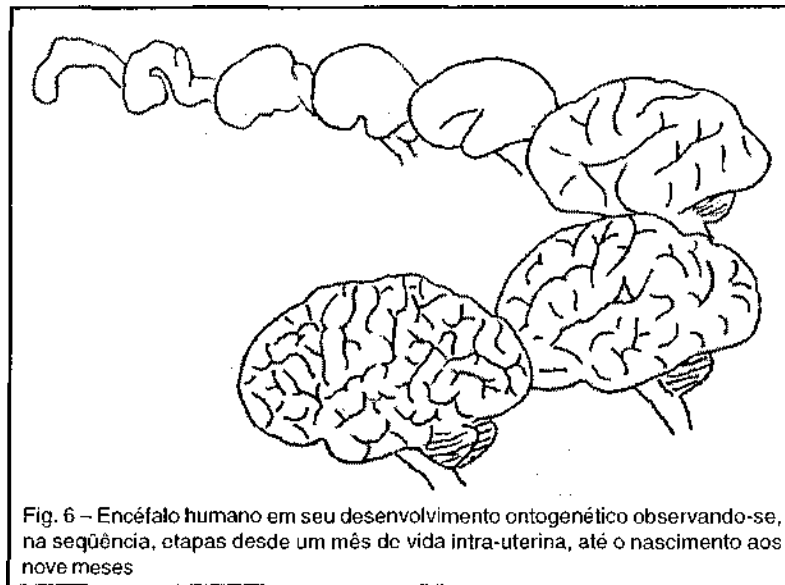
O Encéfalo. Análise Ontogenética

Óntos, do grego = ser; *gênesis*, do grego = origem, criação, geração, formação, desenvolvimento.

Vejamos, portanto, que aspectos mostra o encéfalo humano durante seu desenvolvimento embrionário^{10} e fetal^{11}, até a sua forma definitiva, observando a Fig. 6.

É interessante notar que as fases iniciais são bem diferentes das fases finais. Por exemplo, o aparecimento dos relevos ou giros do córtex cerebral (girencefalia) acontece apenas nos últimos meses de vida intrauterina. Até

então, constata-se uma superfície cerebral lisa, sem relevos ou giros (lissencefalia).



O Encéfalo. Análise Filogenética

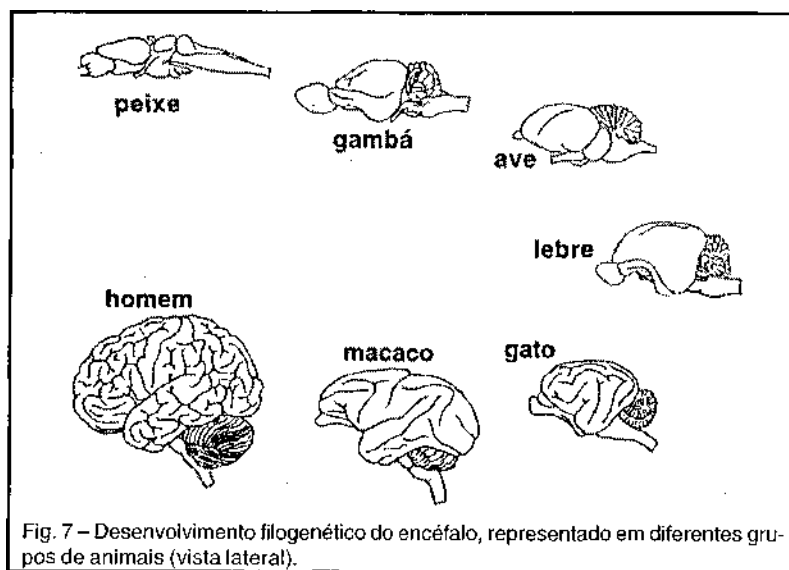
Phyl (o), de *phylon*, *phyle*, do grego = tribo, grupo de famílias, da mesma raça.

O vocábulo filogênese, criado pelo naturalista alemão Haeckel, em 1866, está sendo utilizado aqui com o significado de análise comparativa (no caso do encéfalo) entre diferentes grupos ou espécies de animais.

Acompanhando a Fig. 7, podemos observar que no desenvolvimento do encéfalo, é possível estabelecermos um paralelo entre filogênese e sua ontogênese (nas espécies “mais evoluídas”). Assim, o modelo básico é o mesmo; de simples inicialmente, vai se tornando progressivamente mais complexo. Percebe-se, assim, que as estruturas mais da frente vão se expandindo, aumentando de tamanho e, após a ocorrência de determinadas

flexões, acabam por encobrir as partes mais de trás.

À medida que o encéfalo vai se desenvolvendo (filogeneticamente), o que vão aumentando são as áreas associativas ou cognitivas do córtex^{12} cerebral, e as estruturas a elas relacionadas.



Melhor explicando, no córtex cerebral existem regiões ou áreas relacionadas com funções sensitivas (que recebem todos os tipos de estímulos que chegam do meio exterior ou do interior do organismo), motoras (relacionadas às “ordens” para que se efetuem as correspondentes respostas a esses estímulos) e associativas ou cognitivas (que estabelecem confronto da informação trazida pelo estímulo, com outras constantes do “banco de memória”).

Vejamos como isso funciona: eu vejo uma determinada pessoa. A imagem vai trazer para o meu cérebro, uma série de informações (fisionomia, altura, porte físico, cor dos cabelos e dos olhos etc.) que chegam ao córtex cerebral (área visual). Daí, com a atuação da circuitaria de áreas de associação, essas informações vão sendo “processadas”; então,

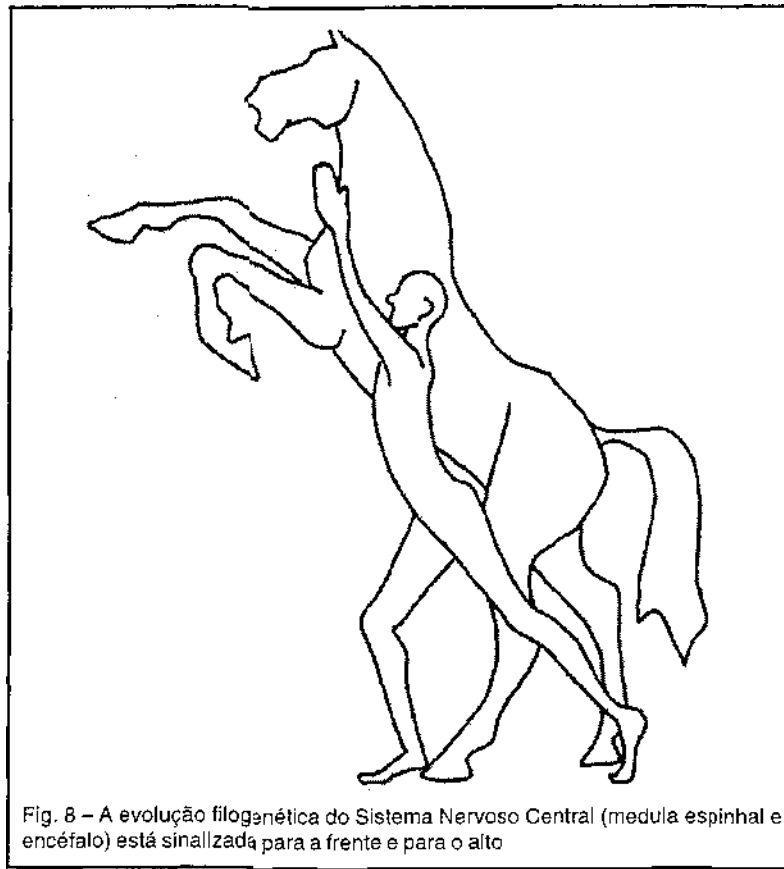
reconheço a pessoa, recordo fatos e cenas, sinto emoções etc. Decido o que fazer e, assim, com a participação das áreas motoras do cérebro, sorrio, digo alguma coisa e estendo a mão para cumprimentar.

É claro que, durante o “processamento” das informações, o cérebro interage com a mente (entenda-se espírito), conforme veremos no capítulo seguinte.

No processo filogenético de desenvolvimento do Sistema Nervoso Central, é interessante notar que as partes mais de trás (caudais) são de construção mais simples, estão ligadas a funções também mais simples e são mais antigas (mais primitivas), como é o caso da medula espinhal. Entretanto, as mais da frente (rostrais) são de estrutura mais complexa, estão associadas ao desempenho de funções mais complexas e são de aquisição filogenética mais recente, como é o caso da porção mais anterior dos lobos frontais que, no homem, se relaciona à região da testa.

Poderíamos, assim, estabelecer uma seta indicativa do sentido em que as estruturas do Sistema Nervoso Central estão se desenvolvendo.

Considerando-se esse desenvolvimento até nos animais quadrupedais, ele seria orientado de trás para a frente. Entretanto, considerando-se a tendência do grupo primata, particularmente do homem, à postura ereta, nesse grupo a seta seria orientada de baixo para cima.



Somando-se todos os grupos animais, inclusive o homem, o vetor resultante seria orientado de trás para a frente e de baixo para cima, ou seja, para a frente e para o alto, como representamos na Fig. 8.

Isso é absolutamente intrigante!

Por que o Sistema Nervoso Central (encéfalo e medula espinhal) está se expandindo na porção mais anterior (região frontal) da cabeça?

Em contrapartida, está acontecendo um encurtamento da medula espinhal, o que já se percebe em alguns animais, particularmente nos primatas e, de maneira mais pronunciada, no homem,

Para a frente e para o alto!

Mais uma vez, o Espírito imprime na matéria a marca de sua inexorável trajetória!

A Ontogênese Recapitula a Filogênese

Esse clássico enunciado foi proferido por Haeckel, em publicação de 1891, em face dos inúmeros aspectos comuns observados em várias estruturas anatômicas, entre sua ontogênese e filogênese.

Vamos explicar melhor isso.

Sabe-se que algumas espécies animais, como é o caso dos peixes, possuem brânquias. Se você não souber o que é brânquia, lembre-se de algum peixe que você tenha visto nadando num aquário. Aquelas fendas laterais, entre a cabeça e o resto do corpo, correspondem às brânquias. Elas se movimentam à medida que o peixe “respira”, pois a água é empurrada com força para passar por elas, sendo aí então retirado o oxigênio necessário ao metabolismo do peixe.

E você sabia que os mamíferos, inclusive os seres humanos, também tem brânquias durante as primeiras fases embrionárias? Não apenas temos brânquias, quando embriões, como temos também várias estruturas que são características da fase definitiva de outras espécies animais, como saco vitelino (gema do ovo), artérias branquiais, lisencefalia cerebral, etc. Essas estruturas são temporárias, isto é, tendem a desaparecer durante as fases finais de nosso desenvolvimento. Portanto, em nossa fase definitiva, quando já nascidos, não teremos mais nenhuma dessas estruturas, a não ser que

persistam de maneira anômala, causando-nos até alguns problemas. Por exemplo, o chamado divertículo de Meckel, que por vezes se inflama e precisa ser removido cirurgicamente de nosso intestino, representa resquício dessa “gema de ovo” que tínhamos apenas ao nosso intestino primitivo, quando embriões.

Outra estrutura interessante que exemplifica o postulado de que a ontogênese recapitula a filogênese é um pequeno músculo existente na planta do pé dos macacos (Fig 9), e que quando se contrai promove a oponência do halux (dedão do pé), tornando possível ao pé agarrar-se em galhos etc. O ser humano, apesar de não possuir oponência na movimentação do halux, até o 5^a mês de vida fetal exhibe esse músculo em seu pezinho^{13}. Depois, ele tende a se atrofiar.

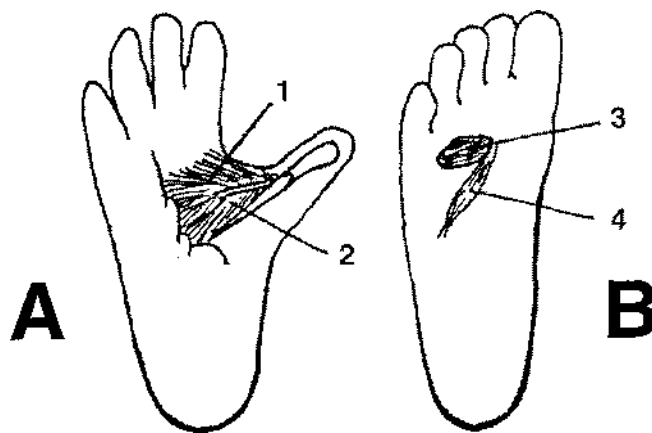


Fig. 9 - Representação gráfica da superfície plantar (sola) do pé de gorila (A) em que se observam as duas porções (1 e 2) do músculo que promove a oponência do primeiro dedo (“dedão” do pé). No pé humano (B), elas também são identificadas nos primeiros meses de vida intrauterina, tendendo a desaparecer; persistem por vezes como estruturas residuais (3 e 4).

O que se apreende de tudo isso é o seguinte; entende-se que o espírito que já passou por várias fases, ao reencarnar e recomeçar pela célula-ovo,

retoma todo o processo, "recapitulando", na sequência de seu desenvolvimento de agora (ontogenético), características de etapas evolutivas anteriores (filogenéticas).

Esse postulado (biológico) de Haeckel tem embasamento no ensino de André Luiz: *No Mundo Maior*, Cap. 3. Seu mentor Calderaro assevera: "Desde a ameba, na água tépida do mar, até o homem, vimos lutando, aprendendo e selecionando invariavelmente. Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e fomos por ela experimentados, milhares de anos".

E continua: "... o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para a frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, *ergueu-se do solo, contemplou* os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência... Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão. Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorrem sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores" (destaques meus).

É maravilhosa essa colocação de Calderaro, pois assim podemos entender como o espírito, que vem de longa jornada aprendendo e conquistando, imprime na matéria a marca de seus passos.

E por falar em passos, ao assumir o seu andar em postura ereta, a criança não repete atavicamente o que acontece na filogenia? É o que

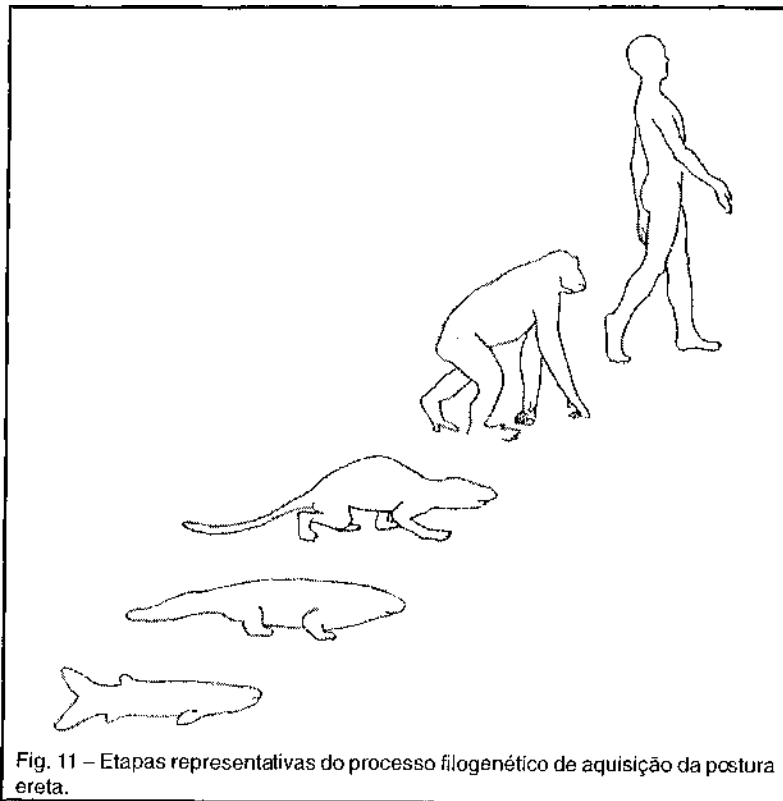
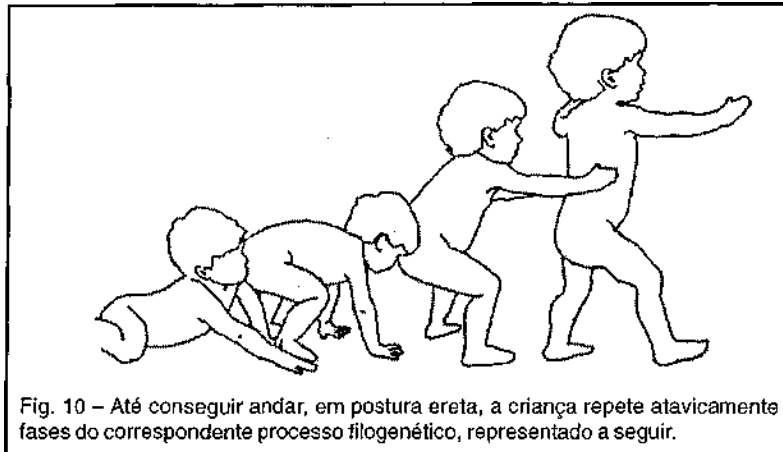
pretendi representar nas Figs. 10 e 11.

Trouxemos essa questão de que “A Ontogênese recapitula a Filogênese”, para este capítulo, porque, certamente em nenhum outro sistema orgânico ela se evidencia tanto, quanto no sistema nervoso, particularmente na organização do encéfalo.

De fato, em relação ao encéfalo, também se observa que, conforme se apresenta no homem e em outros mamíferos “superiores”^{14}, seus sucessivos estágios de desenvolvimento ontogenético lembram a disposição morfológica do encéfalo de diferentes espécies “inferiores”, ou seja, de construção menos complexa.

A explicação desse fato, a encontramos tanto na Ciência acadêmica quanto na literatura espírita.

A Ciência admite ser, o sistema nervoso (do qual faz parte o cérebro), o órgão (do grego *organon* = meio, recurso, instrumento) do comportamento. André Luiz também refere, em *No Mundo Maior*, Cap. 4: “O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana” (destaque meu).



Interessante é que ambas as fontes usam a palavra órgão. De fato, hoje se sabe que o cérebro, melhor dizendo, o encéfalo, representa o meio, o recurso, o instrumento de que o indivíduo (entenda-se o espírito, a mente) se

serve para expressar-se fenomenicamente, isto é, no contexto material em que vive como encarnado.

Em seu livro *O Mistério da Mente*, Penfield (discípulo e continuador da obra de Sherrington, 1859 - 1952, Prêmio Nobel de Fisiologia) assevera: “Se fizermos um julgamento com base no comportamento, é evidente que o homem não é o único a possuir uma mente”. Portanto, temos também de ilustres homens da Ciência, como é o caso de Penfield, aval para as considerações que estamos fazendo.

É ainda Calderaro quem elucida André Luiz (*No Mundo Maior*, Cap. 4) a respeito da interação cérebro-mente: “A célula nervosa é entidade de natureza elétrica, que diariamente se nutre de combustível adequado. Existem neurônios (são as células nervosas, explico) sensitivos, motores, intermediários e reflexos. Existem os que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência. Em todo o cosmo celular agitam-se interruptores e condutores, elementos de emissão e de recepção. A mente é a orientadora desse universo microscópico, em que bilhões de corpúsculos e energias multiformes se consagram a seu serviço. Dela emanam as correntes da vontade, determinando vasta rede de estímulos, reagindo ante as exigências da paisagem externa, ou atendendo às sugestões das zonas inferiores. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre” (destaques meus).

Em resumo, poderíamos dizer que:

— O sistema nervoso, tanto o do ser humano quanto o dos animais acha-se organizado morfológica e funcionalmente segundo o mesmo modelo ou projeto e tem basicamente as mesmas estruturas, que se apresentam mais

ou menos desenvolvidas de acordo com as características próprias de cada espécie.

Em *O Cérebro e suas Vertentes*, de W. L. Sanvito (1982) lê-se: “No cérebro não existe órgão que seja privativo do homem. As diferenças entre o cérebro do antropeide e do homem são, no substrato morfológico, apenas de natureza quantitativa e não qualitativa.”

— O sistema nervoso como um todo e particularmente o encéfalo atuam como “órgão” do comportamento, ou seja, é com sua mediação que o indivíduo (espírito), seja ele animal ou ser humano expressa-se fenomenicamente, isto é, interage com o meio externo e com o próprio meio interno de seu corpo físico.

— Quanto mais desenvolvido o sistema nervoso de uma determinada espécie animal, ou seja, quanto mais complexa a organização de seus elementos, particularmente das áreas associativas ou cognitivas do córtex cerebral, maior capacidade funcional terão os indivíduos dessa espécie, de se expressar em comportamentos mais elaborados. Assim, os animais que têm essas áreas associativas ou cognitivas bem desenvolvidas, mostram, por exemplo, grande capacidade de aprendizado. É o caso dos golfinhos e dos chimpanzés, haja vista a macaca Washoe que aprendeu a se comunicar com as pessoas através da linguagem de sinais^{15}, para surdos-mudos, que lhe foi ensinada (Globo Ciência, nº 82, maio/98).

Sobre essa maravilhosa experiência, leia-se o livro *O Parente mais Próximo*, de Roger Fouts, 1998, em que o autor narra os 30 anos de convívio com Washoe e outros chimpanzés, aos quais foi ensinada a linguagem gestual. Fouts revela, como diz, a indiscutível realidade da inteligência desses nossos parentes mais próximos e, no lento trabalho de cada dia, o

pragmatismo da Ciência cedendo espaço ao sentimento.

A dedicatória do livro é emocionante: "Para Washoe e todos os outros chimpanzés que não podem mais voltar para casa".

Penso que grande parte do chamado carma-coletivo da espécie humana deve-se ao sofrimento que ela vem impondo aos animais, em todos os tempos.

Não é chegada a hora de olharmos para eles, senão com ternura, pelo menos com misericórdia?

Esses dados todos são indicativos, para o meu entendimento, de que, no processo encarnatório dos animais, há um paralelo entre os diferentes estágios em que se encontra o espírito, na sua caminhada evolutiva, e os diferentes graus de complexidade de organização do sistema nervoso de seu correspondente corpo físico.

Em outras palavras, um espírito que ainda esteja nos passos iniciais dessa caminhada pode se expressar, fenomenicamente, por intermédio de um sistema nervoso mais simples, ao passo que sendo mais evoluído (*em inteligência*), *vai necessitar de um instrumento*, ou seja, de um sistema nervoso mais sofisticado para que consiga expressar, através dele, toda a sua potencialidade.

Em relação ao ser humano, esse raciocínio também é válido, em se considerando a história evolutiva do homem no planeta, desde o *Homo habilis* até o atual *Homo sapiens-sapiens*. Como referiu o prof. José Alberto Neves Candeias, no artigo "Para que o homem precisa de um cérebro tão grande?" publicado no *Jornal da USP*, de 28/6 a 4/7/93, diferentemente das

outras espécies humanas que o precederam, o *Homo sapiens* (moderno) sabe utilizar ferramentas de todos os tipos, com um entusiasmo particular pelo uso de ferramentaria eletrônica e nuclear, esta última para sua maior desgraça!

Notas:

1 - Expressão utilizada apenas com a intenção de se oferecer um contraponto à realidade física da matéria, e não de caracterizar sua essência ou natureza.

2 - Este assunto acha-se exposto de forma mais detalhada em meu livro anterior *A Alma dos Animais* - **Editora** Mantiqueira, S. Paulo, 1997.

3 - Centímetros cúbicos.

4 - O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

5 - Para o meu entendimento, a melhor expressão seria ante = o que precede, e não anti = contra

6 - Em contrapartida, a parte óssea da cabeça, que corresponde à face, é chamada de víscero-crânio.

7 - Embrião humano - até aproximadamente o 3º mês de gestação.

8 - Feto humano - do 3º mês de gestação até o nascimento.

9 - Córtex (ou neocórtex) - é a fina camada de substância cinzenta que reveste externamente os hemisférios cerebrais; essa camada é formada por grande concentração de corpos de neurônios, que são as células nervosas.

10 - Apesar de não serem mais aceitas pela moderna biologia, seu uso, neste momento, pode facilitar a compreensão da ideia.

11 - Linguagem conhecida pelo seu acróstico Ameslan (American sign language).

12 - Tese de doutoramento, Henrique Ayres Vasconcellos, 1990 - Escola Paulista de Medicina, São Paulo - Brasil.

2

A Interação Cérebro-Mente

Arquitetura da Casa Mental^{16}

Aqui surge uma questão, remanescente do capítulo anterior. Trata-se do seguinte:

— Como se efetua a relação entre o espírito (ou princípio inteligente), ainda nas primeiras fases de seu processo evolutivo, com os corpos em que estejam encarnados, quando esses corpos não apresentam um sistema nervoso organizado com encéfalo, cérebro, etc.?

Vamos recorrer novamente a Calderaro, mentor de André Luiz em suas vivências relatadas em *No Mundo Maior*, Cap. 4.

Assevera ele: “Voltamos aos ascendentes em evolução. O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade. Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, lhes impondo o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas,

de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das Inteligências superiores? Impossível responder por enquanto” (destaques meus)

Todo esse texto de Calderaro encontra respaldo no que a Ciência hoje admite. Não se fala, no meio científico, em princípio espiritual mas, fala-se em vida, e a ideia é essa mesmo, de que as primeiras manifestações de vida, no planeta, surgiram nos “mares mornos”, expressando-se no protoplasma, um gel formado de matéria orgânica. “Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...”, refere André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, Cap. III.

“O protoplasma é a base física da vida”, dizia Huxley^{17}.

Na organização celular, o protoplasma representa o conjunto do núcleo e do citoplasma, revestido externamente e contido pela membrana celular. Ainda em *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz informa, no Cap. V – “Células e corpo espiritual”: “Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas, conforme a situação da inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo”.

Mas, o que o protoplasma tem a ver com o sistema nervoso?

Tem tudo a ver, porque a maneira como o protoplasma funciona, para a manifestação da vida, é a mesma maneira como o sistema nervoso funciona, para a expressão do comportamento.

A base de tudo é o chamado "complexo estímulo-resposta". Imaginem uma ameba, que é um ser unicelular. Seu protoplasma, como todo protoplasma, tem uma característica fundamental e importantíssima, que é a da irritabilidade ou excitabilidade, ou seja, de ser sensível a estímulos. Na presença de uma partícula de alimento, por exemplo, a ameba, percebendo sua presença (estímulo), emite pseudópodos (resposta) de maneira a incorporar o alimento.

Em seres pluricelulares (simples), como é o caso de celenterados (ex.: água-viva), já encontramos diferenciação celular, ou seja, células diferenciadas morfológicamente, para atenderem a funções específicas. Assim, na água-viva e em outros organismos similares, já encontramos a presença de células nervosas, os neurônios e, mais do que isso, já existe a diferenciação em neurônios sensitivos, motores e de associação.

E assim o processo vai se desenvolvendo de tal maneira que esse denominador comum, o tal “complexo estímulo-resposta” permanece, constituindo a base de organização morfofuncional do sistema nervoso, em todas as espécies, inclusive o homem.

A recepção, condução e processamento dos estímulos (relacionados a dor, temperatura, tato, pressão, visão, audição, olfação, gustação etc.), bem como a condução da “ordem” para a execução das correspondentes respostas, são feitas por estruturas do sistema nervoso.

Para Dethier & Stelar (*Comportamento Animal* – Edusp - 1973), a análise dos comportamentos característicos de uma determinada espécie animal nada mais é do que a própria análise das potencialidades de seu sistema nervoso.

"O *Homo sapiens-sapiens* é apenas mais uma espécie animal única. Nada há nele de tão singular – como afirma a Antropologia – que não possa ser analisado biologicamente como qualquer outra espécie", considera Robert Foley (*Another Unique Species*, traduzido pela Edusp, 1993). A veia mestra do livro de Foley registra que "ou o homem não foi feito especialmente à imagem e semelhança de Deus ou os outros animais (e toda a matéria viva) também o foram. Ao contrário de uma espécie singular e superior, o homem é na verdade apenas mais uma espécie...Ou seja, Charles Darwin continua imbatível".

Na evolução filogenética do sistema nervoso, existe um modelo básico, primário (alicerçado no complexo estímulo-resposta), ao qual vão sendo "acrescentadas" novas estruturas, à medida que vão surgindo organismos de constituição mais complexa.

Conforme refere Carl Sagan, em seu livro *Os Dragões do Éden*, 1977 – Cap. III, "O cérebro e a carroça", o principal expoente contemporâneo do estudo desse aspecto é Paul Mac Lean^{18}, que aborda em seu trabalho, diferentes espécies animais, desde lagartos até macacos, além do ser humano.

A partir de experiências como as realizadas com macacos-de-cheiro, Mac Lean concebeu um interessante modelo da estrutura e da evolução cerebral, que ele próprio chama de cérebro trino. Diz ele: "Somos obrigados a nos olhar e a olhar o mundo através dos olhos de três mentalidades bastante diferentes, duas das quais carecem do poder da fala". O cérebro humano, sustenta Mac Lean, "compreende três computadores biológicos interligados... Cada cérebro corresponde a uma etapa evolutiva diferenciada e fundamental. Os três cérebros são sabidamente distintos, em termos neuroanatômicos e funcionais... (destaques meus, para lembrar que se trata

do encéfalo como um todo, e não apenas do cérebro).

Na parte mais arcaica, que chamou de Complexo Reptiliano situa-se o mecanismo neural básico para a reprodução e autopreservação, regulação cardiovascular e respiratória, comportamento agressivo, demarcação territorial etc. Até nos peixes, anfíbios e répteis, é praticamente esse o encéfalo existente.

“É surpreendente” – comenta Carl Sagan – quanto de nosso comportamento (humano) real pode ser descrito em termos reptilianos. Falamos comumente de assassinato a sangue-frio. O conselho dado por Maquiavel em *O Príncipe* era deliberadamente assumir a fera”.

Carl Sagan refere-se, aqui, ao “desligamento” dos centros comandantes do comportamento, lidando-se então apenas com esse “cérebro arcaico”.

É impressionante a quantidade de mitos e lendas sobre dragões e serpentes, enfim, sobre répteis, encontrados em todas as culturas. Isso seria uma metáfora da atuação do complexo reptiliano de nosso cérebro? A figura de São Jorge matando o dragão, exibida no livro de Sagan, parece representar o esforço do neocórtex para conter a “fera”, ou seja, os impulsos ditos “instintivos”.

O quadro “A tentação por uma serpente – homem e a expulsão do Éden”, de Michelangelo, no teto da Capela Sistina, também exibido no livro de Carl Sagan, é bastante sugestivo da influência do complexo reptiliano (serpente) que se projeta, literalmente, de baixo para cima. Na organização do cérebro trino, também o complexo reptiliano envia projeções que ascendem ao córtex cerebral.

A segunda parte do encéfalo, para Mac Lean, seria o Sistema Límbico , conjunto de estruturas relacionadas à expressão de comportamentos acompanhados de emoção. Emoção primária, básica, dos comportamentos de autopreservação e perpetuação da espécie, representada por raiva, medo, prazer, etc.

O sistema límbico circunda o complexo reptiliano e se evidencia bem em todos os mamíferos.

Finalmente, envolvendo as duas primeiras partes, surge o neocórtex^{19} , complexo de diferentes funções que se torna progressivamente mais desenvolvido nos mamíferos mais evoluídos.

Segundo William H. Calvin, em *The Emergence of Intelligence* – Scientific American, october/94, o neocórtex, intimamente relacionado à inteligência, apresenta a extensão em área, correspondente a quatro folhas de papel-ofício no homem, a uma dessas folhas, no chimpanzé, a um envelope de carta nos pequenos macacos e a um selo de carta, no rato.

No homem, ele é bastante elaborado e representa cerca de 85% de todo o cérebro, o que certamente é um índice de sua importância em relação aos outros segmentos.

No neocórtex, distinguem-se regiões ou áreas, chamadas lobos, que são os seguintes conforme a fonte referida: frontal – ligado à deliberação e regulação de ações e comportamentos; parietal – relacionado a intercâmbio de informações com o restante do corpo; temporal – ligado à noção espacial e algumas funções associativas complexas, como memória; occipital – relacionado à visão.

Para Carl Sagan, ainda mais evidente que a eventual relação que se tente estabelecer entre o cérebro trino de Mac Lean e a divisão do psiquismo humano em id, ego e superego, de acordo com Sigmund Freud, é a divisão da mente em inconsciente, subconsciente e consciente. Maior harmonia – continua Sagan – é alcançada na metáfora do psiquismo humano contida no diálogo platônico “Fedro”. Sócrates compara a alma humana a uma carroça puxada por dois cavalos – um negro e um branco – que seguem direções diferentes, fracamente comandados pelo cocheiro. A carroça corresponderia ao chassi neural (representado pela medula espinhal); os dois cavalos, ao complexo reptiliano e ao sistema límbico; o cocheiro, ao neocórtex.

A maneira como Mac Lean concebe o cérebro trino é absolutamente compatível com a noção estabelecida por Haeckel, de que a ontogênese recapitula a filogênese, mas com um novo aspecto a ser visto. De fato, durante o desenvolvimento embrionário e fetal de nosso encéfalo (humano), cumprimos sucessivas fases que caracterizam espécies mais primitivas; assim, acha-se representando morfologicamente, no chamado “complexo reptiliano” do cérebro, um resumo desse processo.

Dissemos, logo aí atrás, que na evolução filogenética do sistema nervoso, existe um modelo básico, ao qual vão sendo acrescentadas novas “camadas”.

É isso mesmo!

O nosso encéfalo, isto é, o encéfalo do *Homo sapiens-sapiens* atual tem, segundo a interpretação de Mac Lean, três camadas, ou melhor, uma massa central, que é o complexo reptiliano, acrescido de duas camadas, isto é, o sistema límbico e o neocórtex.

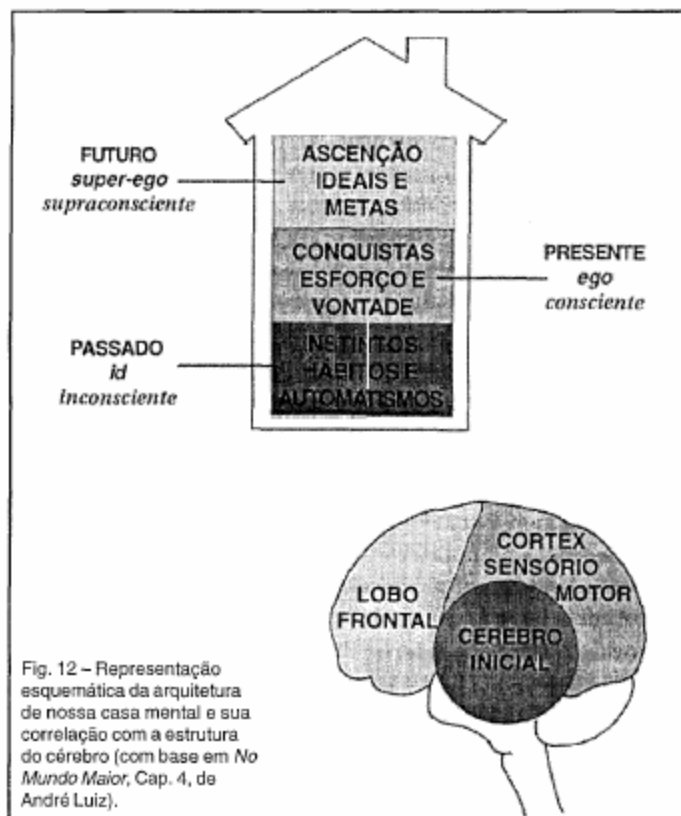
É maravilhosa a associação que podemos efetuar desses conhecimentos que a Ciência nos traz com conteúdos de obras da Doutrina Espírita. É impressionante a óbvia ligação entre as informações exaradas por Mac Lean e a estruturação de nossa Casa Mental, referida por André Luiz em *No Mundo Maior* (1947, Cap. 3 - A Casa Mental). Diz ele, resumidamente: “No Sistema Nervoso, temos o cérebro inicial, repositório dos movimentos instintivos e sede das atividades subconscientes; figuramo-lo por porão da nossa individualidade, onde arquivamos os menores fatos da vida; aí moram hábito e automatismo. Na região do córtex motor, temos o cérebro desenvolvido consubstanciando as energias motoras de que se serve a nossa mente para as manifestações imprescindíveis no atual momento evolutivo do nosso modo de ser; aí localizamos o domínio das conquistas atuais, onde residem esforço e vontade. Nos planos dos lobos frontais, jazem materiais de ordem sublime que conquistaremos gradualmente, no esforço de ascensão, representando a parte mais nobre de nosso organismo divino em evolução; aí demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, desse modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro”. Tentei representar essas informações de André Luiz, na Fig. 12.

Portanto, André Luiz também considerou (e com bastante antecedência em relação a Mac Lean) o encéfalo humano consubstanciado em três partes, cada uma delas interagindo com um dos três andares de nossa casa mental. Somente que, nessa apreciação, André Luiz coloca em um só bloco, o complexo reptiliano e o sistema límbico (de Mac Lean), desdobrando a atuação do neocórtex em dois níveis: a região do córtex motor e a dos lobos frontais.

Para o meu entendimento, a colocação de André Luiz é, do ponto de vista funcional, mais adequada na interação com os três níveis considerados

para a casa mental.

André Luiz que me perdoe o atrevimento, mas poderíamos considerar no bloco relativo ao córtex motor, também todas as áreas sensitivas. Diríamos, então “córtex sensório-motor”, à maneira de Piaget^{20} . Não que se transmita a ideia de um córtex que atue simultaneamente em sensibilidade e motricidade. Entenda-se que o córtex sensório-motor compreenderia áreas do córtex sensíveis à recepção e processamento de estímulos (de dor, temperatura, tato, pressão, visuais, auditivos etc.) bem como áreas motoras das quais se destaca, pela importância funcional, a chamada área motora piramidal ou voluntária, pois interage com os comandos de nossa vontade.



Ao focalizar diretamente o córtex motor, André Luiz foi direto ao assunto considerando, no complexo “estímulo-resposta”, o componente final, a resposta, que é elicitada, realmente, pelo córtex motor.

Entretanto, como esse conteúdo é muito técnico, julgo que o fato de considerarmos o passo anterior do processo, isto é, a necessidade da atuação das áreas sensitivas, facilita o nosso entendimento.

Voltando à associação de complexo reptiliano e sistema límbico em um mesmo bloco, isso é coerente porque o sistema límbico vai trabalhar com a expressão de comportamentos acompanhados de emoções (primárias), e esses comportamentos são particularmente ligados a funções básicas, isto é, sexuais e reprodutivas (perpetuação da espécie) e de autopreservação (marcação de seu território, ataque-defesa, funções alimentares etc.).

Por sua vez, o lobo frontal, particularmente a sua porção mais anterior, possui um neocórtex de aquisição filogenética recentíssima! Representa a chamada área pré-frontal do neocórtex. Ela é considerada a base funcional das chamadas funções psíquicas superiores, tais como capacidade de julgamento, crítica de situações, estratégias de comportamentos, livre-arbítrio, capacidade de aprendizado e de associação de ideias, ideação futura, planejamento etc.

Enfim, as nossas mais nobres funções mentais são manifestadas fenomenicamente através da atuação das áreas pré-frontais (direita e esquerda).

Assim, tudo o que já aprendemos em nossas vivências milenares, desde quando princípio inteligente – protoplasma, transformamos em hábitos e automatismos e rotulamos com essa palavra enigmática "instinto". O porão de nossa individualidade, como refere André Luiz. Ele interage, organicamente, com o nosso cérebro inicial, correspondente ao complexo reptiliano mais sistema límbico, de Mac Lean. Nessa dimensão, estão os nossos arquivos, os registros do passado; correspondem ao id das instâncias

de nossa personalidade, e ao nosso inconsciente.

Atuando no momento presente, estão as áreas sensitivas e motoras do córtex: os estímulos chegam, são processados e as ordens são emitidas. Esforço e vontade marcam as conquistas do ego; é a dimensão do nosso consciente.

Mas, quando estamos projetando coisas para o futuro, traçando ideais e metas, a atuação é do superego, na dimensão do supraconsciente. A porção do nosso cérebro, então atuante, é o lobo frontal, particularmente a área pré-frontal.

E nos animais, como isso acontece?

O esquema é o mesmo; o que varia é a proporção entre as partes. Em todos os mamíferos, a organização do cérebro é a mesma do ser humano. O cérebro inicial tem uma representação avantajada, o córtex sensório-motor também, mas a área pré-frontal é menos desenvolvida e varia de dimensão, nas diversas espécies animais. Nos primatas e golfinhos, ela já se mostra bem desenvolvida.

Este é bom momento para voltarmos à Fig. 5 e verificar novamente que, no próprio crânio, é a parte frontal que mais vem se desenvolvendo, desde o *Homo habilis* até o *Homo sapiens-sapiens*, aspecto este compatível com a expansão progressiva do lobo frontal. De projeção acanhada em alguns animais, ela vem evoluindo, *pari passu* com as conquistas da mente.

No Cap. 4 - “Estudando o cérebro” do livro *No Mundo Maior*, de André Luiz, lê-se: “Todo o campo nervoso da criatura constitui a representação das potências perispíricas, vagarosamente conquistadas pelo

ser, através de milênios e milênios...

O cérebro real é aparelho dos mais complexos, em que o nosso eu reflete a vida. Através dele, sentimos os fenômenos exteriores segundo a nossa capacidade receptiva, que é determinada pela experiência; por isto, varia ele de criatura a criatura, em virtude da multiplicidade das posições na escala evolutiva”.

Com isso podemos entender mais claramente porque as conquistas são individuais e intransferíveis!

Conforme refere André Luiz, a individualidade já se define nas células, como “princípios inteligentes de feição rudimentar...” (*Evolução em Dois Mundos*, Cap. V), e vai se firmando na escalada evolutiva.

“Nem os símios ou os antropoides, a caminho de sua ligação com o gênero humano, apresentam cérebros absolutamente iguais entre si. Cada individualidade revela-o consoante o progresso realizado” {*No Mundo Maior* - Cap. 4).

Aliás, diga-se de passagem, não há como aceitar, face ao exposto, a ideia de que os animais só teriam uma alma-grupo.

Sinto como um dos grandes enigmas da criação, o surgimento da individualidade, e parece-me bastante lógica a noção de que isso aconteceu, no plano material, com o aparecimento desse “algo” que delimitou e conteve, dentro de seus limites, um tanto de protoplasma. Na célula, esse “algo” é a membrana externa, que reveste o citoplasma. Assim, aceito plenamente a ideia de que a célula já é um indivíduo e que corresponde a um princípio inteligente rudimentar, como refere André Luiz.

Penso que a noção de alma-grupo apenas pode ser entendida como o estado de sintonia e consequentemente de interação energética e vibratória, em que vivem seres afins.

São ainda trechos desse livro, cap. 3: “O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana...

Em síntese, o homem das últimas dezenas de séculos representa a humanidade vitoriosa, emergindo da bestialidade primária...”

E por falar em individualidade, ficaram famosos alguns chimpanzés, como Washoe (que já referi), Lucy, Lana e outros, estudados pelo casal de psicólogos Beatrice e Robert Gardner, da Universidade de Nevada, nos Estados Unidos, pela maneira singular de seu comportamento, demonstrando inteligência e sentimentos. Esses animais foram ensinados a se comunicar com humanos e, entre si, por linguagem gestual, conforme já registrei.

Aliás, Carl Sagan faz, em *Os Dragões do Éden*, interessante comentário a respeito deles: “Se os chimpanzés têm consciência, se têm capacidade de abstração, não devem eles ter acesso àquilo que se convencionou chamar até agora de direitos humanos? Que inteligência terá de atingir até que seu assassinio seja considerado crime?”

Meu Deus, como estamos ainda longe, enquanto humanidade, de uma atitude ética desejável em relação à toda a criação!

Quando abdicarmos desse absurdo paradigma antropocêntrico, que prioriza em tudo apenas o bem-estar do homem, para adotarmos o paradigma egocêntrico ou biocêntrico, que inspira respeito pela vida e pelo sofrimento

dos outros seres? Tomara que não demore!

Temos também no mesmo Cap. 3 {*No Mundo Maior*, de André Luiz): “Não somos criaturas milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio a milênio. A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório; as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes de inverno e acalentadas pelas carícias da Primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza as faculdades da palavra”.

Assim se estrutura a casa mental, de experiência em experiência, interagindo com a matéria e orientando a organização morfofuncional do cérebro.

Não estaria Jesus se referindo à casa mental, ao discorrer sobre a edificação de nossa casa sobre a rocha ou sobre a areia?

Vamos rever a passagem?

Mateus. 8

Os dois fundamentos Lc. 6.46-49

24 Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;

25 E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a

rocha;

26 E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;

27 E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

A figura da “casa desabar” é registrada na ocorrência dos processos obsessivos graves, principalmente na subjugação, quando a vontade do obsediado é dominada pelo espírito obsessor, sendo então rebaixada. O indivíduo como que se recolhe ao seu porão. Perde a capacidade de comandar sua própria vida. “Espiritualmente, rolaram do terceiro andar, onde situamos as concepções superiores, e entregando-se ao relaxamento da vontade, deixaram de acolher-se no segundo andar, sede do esforço próprio, perdendo valiosa oportunidade de reerguer-se; caíram, destarte, na esfera dos impulsos instintivos, onde se arquivam todas as experiências da animalidade anterior”, refere André Luiz em *No Mundo Maior*, Cap. 4, ao relatar a situação do obsessor – obsediado, unidos no processo simbiótico do ódio e da vingança. E completa: “Outra seria a situação de ambos se houvessem esquecido a queda, reerguendo-se pelo trabalho construtivo e pelo entendimento fraternal, no santuário do perdão legítimo”.

A figura zooantropomórfica de Nabucodonosor, rei babilônico, pintada por William Blake (Fig. 13), artista inglês (1757 - 1827), exemplifica as circunstâncias em que se pode encontrar o espírito humano retido em patamares inferiores. Como referiram os próprios críticos de arte, o artista talvez tenha pretendido, com essa imagem, simbolizar a escravidão do espírito humano aos sentidos.



Fig 13 “Nabucodonosor - William Blake (1757 - 1827)^{21}

O relato bíblico de Daniel (DN. 4.33) a respeito da loucura de Nabucodonosor parece expressar bem a situação do espírito que rolou as escadas de sua casa mental, retomando a vivência de seus estágios primitivos, de sua “animalidade anterior”: “Foi expulso entre os homens e passou a comer erva como os bois, o seu corpo foi molhado pelo orvalho do céu, até que lhe cresceram os cabelos como as penas da águia e as suas unhas como as das aves.”

Para o confrade F. E. MíngHELLI, em *A Reencarnação* – out./ 92 - FERGS, nos processos obsessivos que atingem funções mentais mais elevadas, há uma espécie de “desligamento” dessas atividades superiores. Quem assume o comando do corpo, então, são as áreas mais primárias e instintivas, que fazem o corpo executar automaticamente suas funções, independentemente da vontade, da razão e dos sentimentos, como nos casos de subjugação grave.



Fig. 14 – “Daniel na Cova dos Leões” – Rubens (1577 – 1640)^{22}

Em contrapartida, a passagem bíblica de Daniel (DN. 6.22), lançado à cova dos leões, é significativa: "O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano, porque foi achada em mim inocência diante dele".

A figura de “Daniel na Cova dos Leões” (Fig. 14) foi pintada por Rubens^{23}, pintor belga (1577 - 1640), e inspira a ideia de domínio do espírito humano sobre as características da natureza primitiva representada pelas feras.

Daniel, entregue sempre a orações, certamente vivia sintonizado no 3º andar de sua casa mental, tendo conseqüentemente serenado já, as suas “feras”, entenda-se, os seus impulsos instintivos, primários.

Em relação aos animais, surge um conceito importante: quando nos referimos a estágios animais, condições de animalidade, etc. em absoluto isso não deve significar maldade, violência, coisa ruim, mas sim fases primitivas, fases iniciais da evolução do ser.

Ao tratar da “Matéria Mental”, no Cap. IV de *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz discorre a respeito do “Pensamento das Criaturas”, informando que “do Princípio Elementar fluem incessantemente no campo cósmico as energias profundas que produzem eletricidade e magnetismo. É assim que a mente dos homens, indiretamente controlada pelo comando superior, interfere no acervo de recursos na direção do plano angélico, e a mente embrionária dos animais, influenciada pela direção humana, hierarquiza-se em serviço nas regiões inferiores da Terra, no rumo das conquistas da Humanidade”.

O autor comenta, ainda, a respeito da maneira como o pensamento ou fluxo energético do campo espiritual, de cada um dos seres criados, manifesta-se através de diversos tipos de onda, ou seja, os raios superultracurtos, em que se exprimem as legiões angélicas, as ondas curtas, médias e longas, em que se exterioriza a mente humana e as ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos.

Dada a imensa variedade de formas animais, devemos examinar com cuidado a informação de André Luiz, relativa ao fato de que o pensamento dos animais se expressa em ondas fragmentárias, e que esse pensamento é descontínuo.

Declaro, de minha parte, uma grande dificuldade em entender o que realmente seja pensamento descontínuo. Não posso aceitar a concepção de algumas pessoas, de que animais que indubitavelmente demonstram inteligência, como cães, cavalos, macacos, golfinhos etc., tenham simplesmente um ou outro *flash* de pensamento, com períodos intermitentes de dormência mental.

A melhor ideia que posso fazer, sobre esse pensamento descontínuo, está relacionada a certas limitações do animal, por vezes, em estabelecer relação entre passado e futuro e, conseqüentemente, entre causa e efeito. Talvez isso explique porque eles não sejam dotados, como o homem, do chamado senso moral, isto é, da responsabilidade de conduzir seus atos, sabendo-os as conseqüências.

Mas, o assunto não é nada simples, pois, como dizia, existem milhares de formas animais, e cada espécie, melhor dizendo, cada indivíduo alcança o patamar que conquistou. Pelas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, não há como negar que golfinhos e chimpanzés têm um nível de inteligência bastante considerável, derrubando antigos mitos, como o relativo à citação de John Locke (filósofo inglês - 1630 - 1704), de que “as feras não têm capacidade de abstração”.

Experiências como a efetuada por Roger Fouts e o casal Gardner, transmitindo a linguagem gestual de surdos-mudos para Washoe e outros chimpanzés derrubam a presunçosa supremacia do homem sobre as demais criaturas. Não apenas os chimpanzés aprenderam a linguagem e se comunicam com o ser humano, como também se comunicam com outros chimpanzés. “Do ponto de vista científico, o que a pesquisa revelou de mais importante foi o fato de que a habilidade de aprender e de transmitir informações não é exclusividade dos seres humanos”, afirma Fouts. De fato, na sua relação com os filhotes e outros membros do grupo, Washoe ensinou a eles a linguagem humana aprendida.

Outro aspecto impressionante demonstrado na pesquisa é o de que os chimpanzés conseguem expressar, por essa linguagem, conteúdos da chamada “realidade abstrata”, como a noção de passado e de futuro, de morte, além de emoções variadas.

Aos cinco anos (hoje ela deve estar com aproximadamente 35 anos) Washoe não só empregava 132 sinais com exatidão e desenvoltura, como também criava as suas próprias combinações de frases que ainda não tinha aprendido, o que levou ao desespero linguistas famosos, como Noam Chomsky, que atribuíam essa capacidade apenas aos humanos.

É claro que o objetivo de Fouts e dos Gardner não era provar que os chimpanzés tinham a mesma capacidade linguística dos homens, mas demonstrar que eles tem essa capacidade.

E isso foi sobejamente comprovado!

Retomando a questão do pensamento descontínuo, as evidências que hoje temos, a respeito de chimpanzés como Washoe, deixam-me bastante reflexiva.

Segundo o meu entendimento, um pensamento descontínuo, expresso em ondas fragmentárias, não estaria compatível com a riqueza do conteúdo mental desses animais, bem como com a sua capacidade cerebral de transmiti-lo em comportamentos bastante elaborados.

Mais uma questão que fica para esclarecimentos futuros!

O que vale já sinalizar, é que não podemos generalizar, pois existem animais e animais...

Notas:

1 - "A Casa Mental" é o título do cap. 3 do livro ***No Mundo Maior***, pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, no qual também nos baseamos.

2 - Pode tratar-se de Thomas Henry Huxley (1825 - 1895), fisiólogo e naturalista inglês, ou de um de seus famosos netos: Julian Huxley (1887-1975) , biólogo e educador; Aldous Huxley (1894-1963), romancista e ensaísta ou Aldrew Fielding Huxley, fisiólogo inglês, nascido em 1917 e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1963.

3 - Entre outras obras, consulte-se *A Triune Concep of the Brain and Behavior*, University of Toronto Press, Toronto, 1973.

4 - Usualmente, quando alguém fala em córtex, na realidade está se referindo ao neocórtex.

5 - Jean Piaget, especialista em Psicologia Evolutiva e Epistemologia Genética, filósofo e educador suíço (1896 - 1980)

3

Animais e Sofrimento

Certa vez, ouvi de um palestrante espírita – referindo-se à lei de causa e efeito – que a epilepsia é uma doença carmática resultante de aviltamentos sexuais no passado. Para reforçar a ideia, ainda tentou estabelecer semelhança entre os tipos de chilique que se manifestam em ambas as situações!

Isso me incomodou muito na ocasião, primeiro porque estava comigo um aluno meu, jovem e muito querido, que é epilético. Esse tipo de coisa dita lá na frente, na tribuna, parece plasmar a figura de um dedo que aponta e expõe a ferida alheia.

Segundo, fiquei pensando que tipo de explicação, coerente com o que ele estava dizendo, poderia se dar ao acaso da Nãna, uma de minhas cachorras, também epilética desde os primeiros meses de vida. Como a Nãna, existem muitos cães, cavalos, macacos e outros animais das mais variadas espécies, que sofrem de epilepsia. E a epilepsia dos animais tem as mesmas características clínicas que a do ser humano, com os mesmos sintomas, como a ocorrência do *ictus* (crise) e similitude no traçado do eletroencefalograma.

Nesses momentos, sou tomada da consciência plena de que sabemos

pouco e falamos muito.

Como entender o real significado do sofrimento?

Uma coisa parece ser bastante razoável! Deve haver um denominador comum na justificativa da dor em todos os seres, seja o próprio homem, sejam os animais.

Todos os dias nos deparamos com notícias sobre violências, doenças e acidentes que afetam os seres humanos causando-os sofrimento. A cada episódio, repete-se a pergunta de sempre: — Por que sofremos?

Por outro lado, os animais também sofrem toda sorte de afecções. Nasceram com malformações, tem câncer, cegueira, hidrocefalia, doenças cardíacas, infecciosas, epilepsia... E, além de sofrimentos físicos, ainda vivenciam medo, insegurança, abandono, solidão e toda sorte de crueldades.

Inevitavelmente, vem o questionamento: Por que os animais sofrem?

Se estamos acostumados a justificar nossos sofrimentos atuais, com erros de momentos anteriores, como entender a dor nesses seres para os quais não existe expiação?

Este é um bom momento para revermos nossos conceitos a respeito do próprio sofrimento humano.

Por nossas heranças culturais e religiosas, a humanidade habitou-se a responder esta pergunta tendo por base o binômio pecado-castigo (Gn: 3-1 a 19). Quando a dor nos atinge, muitas vezes, somos levados atavicamente a suspeitar que tipo de faltas cometemos, que justifiquem os sofrimentos de agora.

É claro que, dado o nível de consciência do ser humano, não há como fugir à responsabilidade de seus atos, mas não podemos ficar atrelados à ideia reducionista de que tudo o que sofremos é para resgatar falhas do passado. Aliás, no ESE^{24} - V9 - "Bem- Aventurados os Aflitos", está a advertência: “Não se deve crer entretanto que todo sofrimento por que se passa neste mundo seja necessariamente o indício de uma determinada falta”.

Herculano Pires, em *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte* comenta: “Por influência do antropomorfismo, desenvolveu-se no meio espírita a ideia restrita de que todo aleijão ou situação anômala é de natureza cármica. Nasce uma criança com deficiência em um braço ou uma perna e logo um sabereta espírita promove a suposta devassa de seu passado, acusando-a de crimes inverificáveis”.

De fato, nem todo sofrimento deve necessariamente significar débitos do passado. Assim, quando em manhã chuvosa e fria tiramos nosso filho da cama aconchegante para levá-lo à escola, não o estamos punindo mas sim oferecendo-o oportunidade de aprendizado e amadurecimento.

Também para os animais a coisa funciona assim.

Certa feita, perguntaram a Chico Xavier o que seria desses cães adestrados para perseguir e matar, particularmente em períodos de guerra. Chico respondeu que eles deverão ser reconduzidos ao aprendizado do amor. E o aprendizado impõe disciplina, restrições...

No LE^{25}- 602, Kardec pergunta aos Espíritos: “Os animais progridem como o homem por sua própria vontade ou pela força das coisas?” Resposta: “Pela força das coisas; e é por isso que, para eles, não existe expiação”.

Em *O Mistério do Ser ante a Dor e a Morte*, Herculano Pires lembra Kardec: "Tudo se encadeia no Universo" e comenta: "Sofre a pedra, sofre o vegetal, sofre o animal e sofre o homem em cada curva implacável do desenvolvimento de suas potencialidades".

Nesse livro, respondendo à questão: "Por que sofrem os animais?", Herculano registra: "Sofrem porque evoluem e porque toda evolução, consciente ou inconscientemente é sempre acompanhada das dores do parto que anunciam as transações evolutivas para planos superiores... A dor apresenta-se em todo o cosmos, como decorrência natural dos processos evolutivos. É uma consequência dos esforços dispendidos pelas coisas e os seres, em luta com os obstáculos internos e externos com que todos nós e todas as coisas e seres se deparam nos caminhos da evolução universal".

Essa é uma lição e tanto!

Psique e Princípio Inteligente

Quero ilustrar essa reflexão a respeito das causas do sofrimento dos animais, com uma estória - O Mito de Psique^{26} – relatada por Lúcio Apuleio, expressiva figura da literatura romana do século II, em sua obra *Metamorfoses*^{27}.

Resumidamente, a estória conta que num país muito antigo, um rei possuía três filhas muito bonitas. Uma delas, de nome Psique, era a mais formosa, tão formosa que, diziam, poderia representar a encarnação de Afrodite, a deusa da beleza.

Enciumada, Afrodite passa a nutrir por Psique grande ira.

Talvez por sua beleza extrema, nenhum pretendente se atrevia a pedir a mão de Psique em casamento. Preocupado, o rei vai ao oráculo, através do qual a enciumada e irada Afrodite impõe à princesa uma série de sofrimentos.

Psique vê-se, assim, entregue ao abandono, à solidão e à angústia, sofrendo a imposição de várias proibições.

Intervém Eros, o deus do amor, e se tornam enamorados, um pelo outro. Eros vai ao Olimpo e pede a Zeus, o deus dos deuses, seus favores para com Psique, a fim de casar-se com ela. Zeus convence Afrodite a reconciliar-se com Psique, torna-a deusa e assim ela se une a Eros, para sempre!

Psique representa, culturalmente, o símbolo da alma imortal, do espírito. Percebemos, no desenrolar da estória, que, em sua natureza primeira, material, Psique já era bela em suas potencialidades, e transcende dessa condição para a de divindade, por meio das experiências vividas, nas quais busca o conhecimento, vencendo obstáculos e dificuldades. Ao vivenciar suas experiências, a dor lhe veio pelas próprias circunstâncias de sua natureza material, primitiva; veio também através da lei de ação e reação, representada no vencer deliberadamente as dificuldades surgidas.

Por outro lado, a busca do conhecimento permitiu a ela adquirir consciência cada vez maior do que acontecia, isto é, ciência da lei de causa e efeito e, conseqüentemente, também cada vez maior responsabilidade sobre seus atos.

Permitam-me um parênteses, pois a mesma colocação é encontrada em Gênesis, na simbologia da criação: surge a proibição (Gn: 2:15-17): “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e colocou no jardim do Éden para o

cultivar e o guardar. E lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia que dela comeres, certamente morrerás".

Aqui, como na estória de Psique, certamente as proibições devem representar os obstáculos a serem vencidos no desenrolar do processo. Quanto à busca do conhecimento, vejamos o referido em Gn: 3:1-9: "Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou seu do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu".

Observamos que a mulher foi induzida a esse ato pela serpente "mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito" e que, após comerem do fruto proibido, não morreram, apesar da advertência.

Decretaram, sim, a morte da sua ignorância, pois comeram da árvore do conhecimento.

E o texto bíblico continua: "Abriram-se, então, os olhos de ambos e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si".

O conhecimento, portanto, trouxe a eles consciência do que se passava, e de como estavam.

Representação interessante é a da serpente, símbolo não do "elemento indutor do pecado" mas, inequivocamente sim, símbolo da astúcia, da sagacidade, da mola propulsora à aquisição do conhecimento.

Depois da ação – o pecado, vem a reação – o castigo imposto pelo "Senhor Deus". Aliás, diga-se de passagem, em *O Espírito e o Tempo*,

Herculano Pires nos esclarece como, através dos tempos, concebemos Deus à nossa imagem e semelhança, isto é, antropomorficamente. Nessa fase a que se refere o texto, o "Senhor Deus", como nós, era violento e vingativo.

E eis o castigo: à serpente - "rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida", à mulher – “em meio de dores dará à luz, filhos”; a Adão – “do suor do teu rosto comerás o teu pão”.

Talvez possamos entender, em relação à simbologia da serpente, que a busca do conhecimento requer nosso contato (o rastejar) com as vivências mais básicas da matéria (simbolizadas pela terra, pelo pó), impostas ao espírito pela necessidade do aprendizado nas reencarnações.

À mulher e ao homem, a consciência adquirida com o conhecimento torna-os cocriadores; ela gerará filhos e ele tirará o sustento da terra, ambos com esforço próprio, não pela "graça".

A dor surge como resultante da inexperiência na execução da obra e não como "castigo", simplesmente. O homem encarnado, sob condições terrenas, busca progressivamente aprender a dominar sua natureza material em prol de sua espiritualização.

Figuras de deuses mitológicos ou de santos religiosos aparecem, por vezes, pisando sobre uma serpente. Interpretações apressadas dizem tratar-se, na realidade, do domínio das forças telúricas, o que lhes garantiu (aos deuses e santos) a transcendência. Talvez seja preferível entender que a conquista dessa condição de transcendência se faça mediante o desenvolvimento de nossas potencialidades, representada simbolicamente na figura da serpente.

Também a Hatha-ioga ensina existir uma potencialidade divina dormente, denominada Kundaline (poder da serpente) situada na base da espinha, ligando-se, através dos chacras, ao centro supremo do poder psíquico, no lótus de mil pétalas (correspondente ao centro coronário, de que nos fala André Luiz, em *Entre a Terra e o Céu*).

Na Mitologia grega, a serpente também é símbolo da sabedoria no sentido da transcendência telúrico-cósmica, ou seja, de se aproveitar a vivência das “coisas terrenas” para fins superiores.

Assim deve ser vista, ainda, a figura da serpente, no símbolo da Medicina Pragmática, com Esculápio.

Mas, voltemos à estória de Psique, que transcende de sua natureza humana à condição divina, unindo-se definitivamente com o amor, representado na figura de Eros.

A estória mitológica de Psique não reflete a própria trajetória evolutiva do Princípio Inteligente?

Criado simples e ignorante, mas já belo em suas potencialidades, ele vai vivenciando suas experiências. “É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o Princípio Inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito” (LE² - 607 a).

Aí está a figura da transcendência, tal como aconteceu com Psique.

Pela dor - “Lei de Equilíbrio e de Educação”, segundo Leon Denis em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, o Princípio Inteligente esculpe suas sensações e depois seus sentimentos, terminando pela conquista definitiva do amor.

Aliás, em *O Problema do Ser ante a Dor e a Morte* – Cap. III, Herculano Pires refere ser a dor “um elemento do Sensível”, ao abordar a escalada do Sensível ao Inteligível.

Mas, entenda-se, a vivência da dor não tem valor em si mesma. Não é uma moeda com a qual compramos os favores de quem possa nos ajudar.

Vale, sim, como oportunidade de aprendizado e de amadurecimento. Infelizmente, nem sempre quando sofremos, aprendemos.

Mas, felizmente, podemos aprender com o esforço da conquista, que não necessariamente se traduz em sofrimento.

A Palavra de Emmanuel

Para finalizar, não poderia deixar de transcrever uma página desse luminoso Espírito, recebida por Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, em 14/12/69, em Uberaba-MG.

Ela diz tudo!

Animais e Sofrimento

Se os animais estão isentos da lei de ação e reação, em suas motivações profundas, já que não tem culpas a expiar, de que maneira se lhes justificar os sacrifícios e aflições?

Assunto aparentemente relacionado com injustiça, mas a lógica nos deve orientar os passos na solução do problema.

Imperioso interpretar a dor por mais altos padrões de entendimento.

Ninguém sofre, de um modo ou de outro, tão somente para resgatar o preço de alguma coisa. Sofre-se também angariando os recursos preciosos para obtê-la.

Assim é que o animal atravessa longas eras para instruir-se.

Que mal terá praticado o aprendiz a fim de submeter-se aos constrangimentos da escola? E acaso conseguirá ele diplomar-se em conhecimento superior se foge às penas edificantes da disciplina?

Espírito algum obtém elevação ou cultura por osmose, mas sim através de trabalho paciente e intransferível.

O animal, igualmente, para atingir a auréola da razão, deve conhecer benemérita e comprida fieira de experiências que terminarão por integrá-lo na posse definitiva do raciocínio.

Compreendamos, desse modo, que o sofrimento é ingrediente inalienável no prato do progresso.

Todo ser criado simples e ignorante é compelido a lutar pela conquista da razão, e atingindo a razão, entre os homens, é compelido igualmente a lutar a fim de burilar-se devidamente.

O animal esforça-se para obter as próprias percepções e estabelecê-las. O homem esforça-se avançando da inteligência para a sublimação.

Dor física, no animal, é passaporte para mais amplos recursos nos domínios da evolução.

Dor física, acrescida de dor moral, no homem, é fixação de

responsabilidade em trânsito para a Vida Maior.

Certifiquemo-nos, porém, que, investindo-se na posição de espírito sublime, não mais conhece a dor, porquanto o amor o será sol no coração, dissipando todas as sombras da vida ao toque de sua própria luz.”

Emmanuel

Notas:

1 - O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec

2 - O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

3 - Segundo “*A Mente Humana*”, do prof. R. Manno Vieira- Escola Paulista de Medicina-Unifesp (Tese - 1985)

4

Figuras Animais no Plano Espiritual

Na literatura espírita, encontramos com bastante frequência alusões a figuras de animais, no plano espiritual. Por exemplo, Hermínio C. Miranda, em *Diálogo com as Sombras*, descreve o “Dirigente das Trevas” como sendo visto quase sempre montado em animais.

Brota imediatamente, em nossa mente, a pergunta: Qual a natureza desses animais?

Também André Luiz refere-se, em suas obras, a cães puxando espécies de “trenós” (*Nosso Lar*), aves de monstruosa configuração (*Obreiros da Vida Eterna*), e assim por diante.

Realmente, identificar a natureza dessas figuras de animais no plano espiritual, não é tarefa fácil. Alguns casos são de mais direto entendimento.

Assim, na GE^{28} XIV. 14 lê-se que “o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tem o hábito de se servir; um avaro manejará o outro..., um trabalhador o seu arado e seus bois...”

Esses bois, portanto, não são animais propriamente ditos, mas criações fluídicas, formas-pensamento.

Em outras situações, em que são vistos animais, ou sentida a sua

presença, existe também ainda a possibilidade de que sejam, mesmo, perispíritos de animais ou, se quisermos assim dizer, animais desencarnados. Digo animais desencarnados, mas haveria ainda a hipótese de serem também animais encarnados, em “desdobramento”, estando então seu espírito e perispírito desprendidos do corpo físico, por exemplo, durante o sono. Mas, o Espírito Álvaro^{29} esclareceu-nos, dentre muitas outras questões, que “os animais quando encarnados possuem raros desprendimentos espirituais, isso acontecendo apenas em casos de doenças, fase terminal da existência ou em casos excepcionais com a atuação dos Espíritos, pois geralmente permanecem fortemente ligados à matéria”.

Essa a razão porque estou considerando, nesta possibilidade de explicação da presença de animais no plano espiritual, de modo particular os animais desencarnados, uma vez que a colocação de Álvaro me parece lógica e portanto aceitável.

O prezado confrade Divaldo Pereira Franco contou-me, certa feita, a ocorrência de interessante episódio, que tentarei reproduzir o mais fielmente possível. Autorizando-me, por carta, a citação de seu relato neste livro, acrescentou detalhes que passaram a contar da segunda edição em diante.

Há alguns anos, Divaldo foi convidado a proferir palestra em Campo Grande (MS), sendo recebido na residência da Sra. Maria Edwiges Borges, então presidente do Centro Espírita Discípulo de Jesus e mais tarde também presidente da Federação Espírita do Mato Grosso do Sul, quando de sua fundação. Ao chegar pela primeira vez à casa de d. Edwiges – que passou a hospedá-lo desde então, e estando no momento acompanhado por ela e alguns amigos, foi surpreendido por um enorme cão que saltou sobre ele, pondo as patas quase nos seus ombros. Acometido pelo susto, emitiu um grito, chamando a atenção das outras pessoas, que prontamente o arguíram

sobre o acontecido. Ao elucidar, desconcertado, o que ocorrera, notou a emoção de d. Edwiges. Comovida, ela identificou, pela descrição feita por Divaldo, que se tratava de seu cão de estimação, que havia morrido há meses e ali estava dando o testemunho da sua imortalidade através da presença.

Segundo Divaldo, presenciaram o ocorrido certamente poderão testemunhá-lo.

Tudo leva a crer que o cão de d. Maria Edwiges, mesmo desencarnado, permanecia ali, no ambiente doméstico que o acolheu carinhosamente por muitos anos, enquanto encarnado, tendo sido, sua presença espiritual, detectada pela mediunidade de Divaldo.

Lindo, este caso!

Mas, esperem, tenho outro relato, também muito bonito, sobre a existência de animais no plano espiritual.

Em abril/99, após concluir palestra sobre a questão espiritual dos animais, na IAM - Instituição Assistencial Meimei, em São Bernardo do Campo - SP, fui abordada pela Sra. Miltes Aparecida Soares de Carvalho Bonna, presidente da entidade. De passagem, disse-me sorrindo: — Devem ser os atavismos!, em resposta à alusão que, brincando, fiz a respeito do ar de nobreza e imponência de seu nome. D. Miltes tem a faculdade de desdobramento, condição em que participa do atendimento de entidades necessitadas. Assim, durante meses, contou-me ela, quando da realização desses trabalhos específicos, lá na Meimei, desdobrava-se e ia em socorro de Petra, uma jovem desencarnada em condições lamentáveis, que se encontrava em atendimento hospitalar, no plano espiritual. Mas, passava o

tempo e a paciente não saía do seu estado de aparente “coma”. Não dava o menor sinal de que estivesse respondendo ao tratamento, até que um dia, D. Miltes percebeu a figura espiritual de um lindo cãozinho branco e peludo que, como ela, também se aproximava do leito de Petra. A médium se surpreendeu, primeiro pelo inusitado da presença do animalzinho no plano espiritual e, segundo, pelo fato de presenciar, em seguida, a tão esperada manifestação da paciente que, despertada e exibindo evidente felicidade, exclamava: — Xuxu!!!, ao mesmo tempo em que acariciava o seu alegre amiguinho.

Mais tarde, a própria Petra contou a d. Miltes que Xuxu havia sido sua única companhia, amiga e fiel, nos difíceis tempos que antecederam seu desencarne, e que seu maior sofrimento, ao ser levada para um hospital, ainda quando encarnada, consistia em não ter mais a presença do cãozinho a seu lado.

Nas seguintes oportunidades em que se desdobrava e ia ao encontro de Petra, concluiu d. Miltes, percebia imediatamente a presença de Xuxu que corria à sua frente, acompanhando-a em direção ao leito de Petra.

Que maravilha a dedicação dos animais!

E eu fico me perguntando como é que este cãozinho foi parar lá, ao lado de Petra! É provável que os bons espíritos tenham facilitado o encontro, sabendo que a amizade de Xuxu seria um fator importante na recuperação da paciente.

Por outro lado, que pena a nossa insensibilidade em perceber melhor o íntimo dessas criaturas, pobres animais de que simplesmente dispomos para nos servir!

Talvez por isso, os Espíritos tenham dito (LE^{30} 607a): ...É nesses seres (inferiores da Criação), que estais longe de conhecer inteiramente... (destaque meu).

Aos poucos, vamos aprendendo...

Não posso deixar de referir, novamente, a obra magnífica de Ernesto Bozzano *Os Animais têm Alma?*, que recomendo para leitura e aprendizado sobre o assunto, porque dos 130 casos descritos, de manifestações metapsíquicas envolvendo animais, muitos estão inseridos nessa categoria de fenômenos, ou seja, em que animais, pela atuação de seu perispírito são vistos e ouvidos ou sentida a sua presença.

Também Herculano Pires comenta a respeito de "casos impressionantes de materialização de animais, em sessões experimentais", em seu livro *Mediunidade. Vida e Comunicação*, cap. XI, do que se presume que esses animais se encontravam previamente na dimensão espiritual.

Uma terceira possibilidade que vejo, em relação à presença de figuras animais no plano espiritual é a de perispíritos humanos se encontrarem metamorfoseados em formas animais sem, contudo, perderem a sua condição de Espíritos humanos, é claro!

É o fenômeno que se conhece com o nome de zoantropia (zoo = animal e *antropos*, do grego = homem), do qual uma variedade é a licantropia (*lycos*, do grego = lobo).

Temos o relato de um caso de licantropia no livro *Libertação*, de André Luiz. O obsessor, desencarnado, encontra a sua "vítima", uma mulher e conhecendo-a a fragilidade sustentada por um complexo de culpa, passa a

acusá-la cruelmente, e conclui: “A sentença está lavrada por si mesma! Não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba...”

E assim, induzida hipnoticamente, a própria mente da mulher vai comandando a metamorfose de seu perispírito que, aos poucos e gradativamente, se modifica, assumindo pôr fim a figura de uma loba.

Diga-se de passagem, não foi o obsessor que diretamente transformou a sua figura humana, em loba. Foi ela mesma, ao aceitar a sugestão mental que partiu dele.

Afinidade e sintonia são os elementos básicos para o estabelecimento do "pensamento de aceitação ou adesão", conforme explica André Luiz em *Mecanismos da Mediunidade*, Caps. V e VI.

E por falar em perispírito de animais, em *A Evolução Anímica*, Gabriel Delanne comenta (resumidamente), que na formação da criatura vivente, a vida não fornece como contingente senão a matéria irritável do protoplasma e nada se lhe encontra que indique o nascimento de um ser ou outro, de vez que a sua composição é sempre uma e única para todos. É o perispírito, que contém o desenho prévio e que conduzirá o novo organismo ao lugar na escala morfológica, segundo o grau de sua evolução.

Animais e Erraticidade

No LE³ 224 encontramos a seguinte questão que Kardec coloca aos espíritos: O que é a alma (entenda-se humana) nos intervalos das encarnações?

R: “Espírito errante, que aspira a um novo destino e o espera”.

Nas questões que se seguem, lemos também a expressão "estado errante".

Um dos significados da palavra errante, no dicionário de Caldas Aulete é "nômade, sem domicílio fixo", e de errar, é "vaguear" (Errando ao acaso...). Por sua vez, erraticidade, o mesmo que erratibilidade, quer dizer: "caráter do que é errático. (Espir): Estado dos espíritos durante os intervalos de suas encarnações".

Bem, chegando aos animais, surge a natural curiosidade de se saber como o seu espírito se comporta na erraticidade, se é que para eles existe erraticidade.

No LE³ 600, lemos: "A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?

R: "Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. Mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. O Espírito do animal é classificado após a morte, pelos Espíritos incumbidos disso, e utilizado quase imediatamente: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas".

Bem, vamos por partes!

Algumas pessoas entendem, a partir deste texto, que os animais, assim que desencarnam, são prontamente reconduzidos à reencarnação.

A expressão "utilizado quase imediatamente" não necessariamente deve ter esse significado. O espírito do animal pode ser prontamente "utilizado"

para uma infinidade de situações, dentre elas inclusive o reencarne e, então, em todas elas, "não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas".

Entendo que os animais, sendo conduzidos por espíritos humanos, não dispõem de tempo livre, para atuarem à sua maneira mas, sim, conforme o estabelecido por seus orientadores. Aliás, é o que sugere o texto em foco (LE³ 600): "o espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade".

No LM^{31} 2ª, XXV283, Kardec trata da possibilidade da "Evocação de Animais" e pergunta aos espíritos: "Pode-se evocar o espírito de um animal?" R: "O princípio inteligente, que animava um animal, fica em estado latente após a sua morte. Os espíritos encarregados deste trabalho, imediatamente o utilizam para animar outros seres, através dos quais continuará o processo de sua elaboração. Assim, no mundo dos espíritos, não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos..." Herculano Pires, tradutor da obra, faz a seguinte chamada em rodapé: "Espíritos errantes são os que aguardavam nova encarnação terrena (humana) mesmo que já estejam bastante elevados. São errantes porque estão na erraticidade, não se tendo fixado ainda em plano superior. Os espíritos de animais, mesmo dos animais superiores, não tem essa condição. Ler na *Revista Espírita* nº 7 de julho de 1860, as comunicações do espírito Charlet e a crítica de Kardec a respeito.

Apesar da colocação dos espíritos ter sido taxativa, de que não há espíritos errantes de animais, os fatos falam o contrário. Se assim fosse, isto é, se não existissem animais (desencarnados) no plano espiritual, como explicaríamos tantos relatos?

Como explicaríamos a existência dos chamados “Espíritos da Natureza”? Trataremos deles no próximo capítulo e já posso adiantar que vivem na erraticidade!

Ernesto Bozzano, em *Os Animais Têm Alma* refere, dentre os 130 casos de fenômenos supranormais com animais, dezenas de episódios com aparição de bichos em lugares assombrados, com materializações e visão com identificação de fantasmas de animais mortos.

Quanto às referências de Charlet e a correspondente crítica de Kardec, voltarei em seguida.

“Nos mundos superiores, a reencarnação é quase imediata”, lemos no LE³ 223. Se é assim a reencarnação dos espíritos humanos mais evoluídos, seria até de se esperar que os espíritos de animais, sendo mais primitivos, demorassem mais tempo para voltar à matéria sobre o que, entretanto, nada conheço de conclusivo.

Muito mais do que supomos, os animais são assistidos em seu desencarne, por espíritos humanos zoófilos^{32}, que os recebem no plano espiritual e cuidam deles.

Notícias pela *Folha Espírita* (dez. 1992) nos dão conta de que Konrad Lorenz (zoólogo e sociólogo austríaco, nascido em 1903), o pai da Etologia^{33} continua trabalhando, no plano espiritual, recebendo com carinho e atenção animais desencarnados.

Também temos informações que nos foram transmitidas pelo espírito Álvaro, de que há vários tipos de atendimento para os animais desencarnados, dependendo da situação, especialmente para os casos de

morte brusca ou violenta, possibilitando melhor recuperação de seu perispírito. Existem ainda instalações e construções adequadas para o atendimento das diferentes necessidades, onde os animais são tratados.

Tendo sido perguntado se os animais tem “anjo da guarda”, Álvaro respondeu que sim; alguns espíritos cuidam de grupos de animais e, à medida que eles vão evoluindo, o atendimento vai tendendo à individualização.

Concluindo, podemos dizer que para os animais é discutível se existe o estado errante ou de erraticidade. Eu particularmente estou propensa a aceitar que esse estado existe, sim, para os animais, se o entendermos como "o estado dos espíritos durante os intervalos das encarnações”.

Se esses intervalos são curtos ou longos, não se sabe exatamente. Tenho para comigo que existem situações as mais variadas possíveis, em face da grandeza da biodiversidade animal, devendo portanto acontecer tanto reencarnes imediatos, quanto mais ou menos tardios.

Por outro lado, existe ainda a consideração feita pelos espíritos (LE³ 600) de que o espírito errante pensa e age por sua livre vontade, além de ter consciência de si mesmo, o que não aconteceria em relação aos animais.

Mas, isso não aconteceria mesmo em relação a espíritos humanos em determinadas e graves condições de alienação mental, como é o caso dos “ovoides”, a exemplo do que refere André Luiz em, *Libertação*, Cap. VII.

A rigor, nesta abordagem, teríamos que condicionar o conceito de erraticidade, não apenas ao fato do espírito (humano ou animal) estar desencarnado (vivenciando, portanto, o intervalo entre duas encarnações)

como também às suas condições mentais do momento.

Desencarne e Reencarnação

Quanto ao reencarne dos animais, perguntou-se ao espírito Álvaro se os animais estabelecem laços duradouros entre si. "Sim, disse ele, existe uma atração entre os animais, tanto naqueles que formam grupos como naqueles que reencarnam já domesticados. Procuramos colocar juntos espíritos que já conviveram, o que facilita o aparecimento e a elaboração de sentimentos".

Os animais criam laços afetivos não apenas entre si, como também com os seres humanos, e disso temos provas todos os dias.

Aqueles que amam os animais, de modo geral sofrem bastante com o seu desencarne, às vezes "como se fosse uma pessoa da família"! – Alguns chegam mesmo a se sentirem culpados por amarem mais seus cães e gatos que certos parentes...

Paciência, se não podemos amar a todos indistintamente! Vamos aos poucos, "tentando o amor até que ele domine soberano em nosso coração", conforme ouvi de uma gravação do prezado conferencista espírita Divaldo Pereira Franco.

Para as pessoas que lamentam a separação de seus queridos bichos desencarnados, tenho um lindo caso que me foi narrado pelo próprio Divaldo, quando do lançamento da 1ª. edição deste livro, no II Congresso Espírita Mundial, realizado em Lisboa, Portugal, em outubro/98.

Contou-me ele que Chico Xavier possuía um cão de nome Dom Pedrito, de que gostava muito. Dom Pedrito foi atropelado e assim morreu, para

desconsolo do Chico, que muito lamentou o acontecido. Uns tempos depois, Chico andava pela rua quando percebeu que estava sendo seguido por um cachorrinho, filhote. Surge então Emmanuel, o mentor do médium, que lhe diz: — Chico, pare e preste atenção neste cãozinho. É o Dom Pedrito que está voltando para você! Chico recolheu afetuosamente o filhote e deu a ele o nome de Brinquinho, que será novamente lembrado no último capítulo, e do qual também se encontram referências nos livros escritos sobre a vida do famoso e querido médium Francisco Cândido Xavier.

Sobre reencarnação de animais muito queridos pelos seus donos, tenho o depoimento do sr. Gregório Benevenuto da Silva, conhecido por “Tito”, que me foi gentilmente enviado pelo Dr. Marcelo Nalesso Lombardi, médico residente em Sorocaba - SP, bastante sensível em relação ao sofrimento dos animais, os quais vive recolhendo das ruas, salvando e cuidando. Que bom, Marcelo!

O sr. Tito, espírita desde os 11 anos, conforme acentua (agora tem perto de 40), e que trabalha no Grupo Espírita da Prece, de Piedade – SP e na Casa do Caminho, em Ibiúna – SP) possuía um cão pastor de nome Leão, de singular inteligência e também muito bravo, que aos 5 anos morreu envenenado. Tinham uma forte ligação, motivo pelo qual todos na família sofreram demais com a perda do Leão. Sr. Tito estava mesmo resolvido a não ter mais nenhum animal, e assim se passaram três anos. Certo dia, teve de ir a uma loja de produtos agropecuários, e lá deparou com alguns filhotes de cão da raça pastor alemão, colocados à venda, em uma gaiola. Um dos filhotes chamou a sua atenção, pois assim que o viu passou a latir desesperadamente. Ficou intrigado, conforme salientou, porque havia umas seis pessoas ao redor da gaiola, todas brincando com os cãesinhos, menos ele que não queria se deixar envolver. Assim, disfarçou o quanto pode mas, vencido pela insistência do filhote, acabou não resistindo e levou-o para

casa. Era uma 4ª. feira, por volta de 15:00 horas, e a chegada do cãozinho ao lar foi uma festa só. À noite do mesmo dia, sr. Tito foi à Casa do Caminho, dirigir o trabalho de desobsessão, como sempre fazia. Um dos médiuns, o sr. Manoel de Aquino Resende, que vem a ser sobrinho de Eurípedes Barsanulfo, recebeu o espírito que se identifica como Max. Sem que ninguém dali soubesse do fato, Max referiu-se ao animalzinho que o sr. Tito levava para casa naquele dia, revelando tratar-se do Leão, que havia voltado. Explicou ainda que o amor dedicado pela família a esse animal havia possibilitado o seu retorno. Ele agora se chama Gibran e tanto quanto eu saiba, ainda vive feliz e satisfeito ao lado do sr. Tito, igualmente feliz e satisfeito.

Mais um caso bastante sugestivo de reencarnação de animais, voltando ao ambiente de afetividade em que se achavam envolvidos.

“Renasceu por Amor”! Este é o título de um dos livros de nosso eminente pesquisador espírita Hernani Guimarães Andrade, e focaliza a história de pessoas que se amavam e que se reaproximaram através da reencarnação. Pelos relatos que acabei de apresentar, é bem provável que a reencarnação também possa favorecer o reencontro afetivo de homens e de animais para que continuem juntos o aprendizado do amor.

E por que não?

E qual é a finalidade da reencarnação para os animais?

A finalidade é sempre a da oportunidade de progresso, como nos esclarece o LE³ 132.

Na *Revista Espírita* de Kardec III, 1860, encontramos várias

dissertações feitas pelo espírito Charlet, a respeito da existência de animais em mundos adiantados, como Júpiter. Esse espírito faz inúmeras considerações, algumas fortemente contestadas por Kardec, e nas quais prefiro não me deter, uma vez que são contraditórias e não convencem, a mim pelo menos. Quando Kardec pergunta a Charlet o que pensa das reflexões (contestações) que a ele apresentou, responde: “Apenas as posso aprovar. Eu era pintor e não um literato ou cientista. Por isso, de vez em quando me deixo arrastar pelo prazer, novo para mim, de escrever belas frases, mesmo com sacrifício da verdade”, (destaque meu)

Sem comentários!

Fico com a advertência expressa no LM^{34} 2ª XXVII 299: “Como só aos espíritos perfeitos é dado tudo conhecer, para os demais como para nós, há mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas ideias...”

Herculano Pires (tradutor), em rodapé complementa: “Como Kardec sempre acentuou, devemos considerar os Espíritos como criaturas humanas desencarnadas e não como entes divinos. Essa posição natural evitaria que aceitássemos grande parte das suas comunicações, evitando muitos enganos”.

Notas:

1 - *A Gênese*, de Allan Kardec.

2 - Segundo entendimentos com o plano espiritual, agendou-se data (4/5/91) em que o espírito Álvaro, líder de uma grande equipe de espíritos zoófilos, respondeu pessoalmente a 64 questões sobre os animais, previamente organizadas e formuladas por integrantes do Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Américo, do Jardim Amanda, em Hortolândia,

SE a convite do grupo, participei e agradeço.

3 - 0 *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

4 - 0 *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

5 - Ciência do comportamento animal, que enfoca também aspectos do comportamento humano, a ele eventualmente vinculados.

Os “Espíritos da Natureza”

Duendes, Gnomos e Fadinhas Existem?

Em *Libertação*, Cap. IV, André Luiz relata incursão a zonas inferiores, quando então o Instrutor Gúbio esclarece: “Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência sub-humana. Milhares de criaturas, utilizadas nos mais rudes serviços da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacoide e a ideia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contato com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercermos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas...” (destaques meus).

Interessante o relato da existência desses espíritos (“milhares de criaturas”) de inteligência sub-humana, utilizados em trabalhos na natureza, o

que vem de encontro ao conteúdo do folclore de muitas culturas.

De fato, a figura de gnomos, duendes, fadas, silfos e elfos acha-se sempre presente em contos, lendas, histórias, enriquecendo a imaginação popular em todo o mundo. No Brasil são conhecidas as figuras do saci, cuca, caipora e curumim, entre outras.

Mas, será que são apenas espíritos de inteligência sub-humana, os que se dedicam aos serviços da natureza?

Ao tratar da classificação dos espíritos (LE¹ 2.1. VI.103), Kardec assim se refere à Nona Classe – Espíritos Levianos: "São ignorantes, malignos, inconsequentes e zombeteiros. Metem-se em tudo e a tudo respondem sem se importarem com a verdade. Gostam de causar pequenas contrariedades e pequenas alegrias, de fazer intrigas, de induzir maliciosamente ao erro, por meio de mistificações e de esperteza. A esta classe pertencem os espíritos vulgarmente designados pelos nomes de duendes, diabretes, gnomos, trasgos. Estão sob a dependência de espíritos superiores, que deles muitas vezes se servem como fazemos com os criados. Nas suas comunicações com os homens, a sua linguagem é muitas vezes espirituosa e alegre, mas quase sempre sem profundidade; apanham as esquisitices e os ridículos humanos, que interpretam de maneira mordaz e satírica. Se tomam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade" (destaques meus).

No próprio LE¹ 540, ainda encontramos mais esclarecimentos sobre esses espíritos. Kardec pergunta: "Os espíritos que agem sobre os fenômenos da Natureza agem com conhecimento de causa, em virtude de seu livre-arbítrio, ou por um impulso instintivo e irrefletido?" R: "Uns sim, outros não. Faço uma comparação: figurai essas miríades de animais que

pouco a pouco fazem surgir do mar as ilhas e os arquipélagos; acreditais que não há nisso um objetivo providencial, e que essa transformação da face do globo não seja necessária para a harmonia geral? São, entretanto, animais do último grau os que realizam essas coisas, enquanto vão provendo às necessidades e sem se perceberem que são instrumentos de Deus. Pois bem, da mesma maneira, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto eles ensaiam para a vida e antes de terem plena consciência de seus atos e de seu livre-arbítrio sobre certos fenômenos de que são agentes sem o saberem. Primeiro, executam; mais tarde, ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, pois ele mesmo começou pelo átomo. Admirável lei de harmonia, de que o vosso espírito limitado ainda não pode abranger o conjunto!” (destaques meus).

Portanto, podemos entender que vários são os estágios dos espíritos que se ocupam da Natureza, desde aqueles que animam as “miríades de animais de ínfima ordem”, até os que, “tendo alcançado um certo desenvolvimento, ordenam e dirigem primeiro as coisas do mundo material e, depois, as de ordem moral”.

Aliás, o que lemos no LE¹538-a não nos deixa dúvidas: “Esses espíritos pertencem às ordens superiores ou inferiores da hierarquia espírita?” R: “Segundo o seu papel for mais ou menos material ou inteligente: uns mandam, outros executam; os que executam as ações materiais são sempre de uma ordem inferior, entre os espíritos como entre os homens”.

O prezado confrade Divaldo Pereira Franco, em entrevista concedida à *Revista Espírita Allan Kardec*, ano V – agosto a outubro/92, esclarece que a grande maioria dos não evoluídos, que ainda não tiveram reencarnações na

Terra, apresentam-se, não raro, com formas especiais, de pequena dimensão, o que deu origem aos diversos nomes nas sociedades mitológicas do passado. Divaldo refere ainda que, pessoalmente, por experiências mediúnicas, acredita que alguns vivem o período intermediário entre as formas primitivas e as hominais, preparando-se para futuras reencarnações humanas.

Nessa mesma revista, encontra-se narrado interessante caso ocorrido com Chico Xavier. Diz o artigo que Chico foi procurado por um casal de fazendeiros que, aflitos, buscavam socorro para espantar as cobras que infestavam suas terras. Chico recomendou a eles que levassem à fazenda um benzedor, que naturalmente é um médium de efeitos materializantes. “Quando ele fizer suas orações”, recomendou Chico, “os espíritos que cuidam da Natureza utilizarão esses fluidos, tocando as cobras dali para uma região de menos perigo. Quanto a mim”, complementou Chico, “minha tarefa é com os livros!” (destaques meus).

Voltemos ao LE¹ IX. “Ações dos espíritos sobre fenômenos da Natureza”, 536 a 540:

— 538 - "Os espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza formam uma categoria especial no mundo espírita, são seres à parte ou espíritos que foram encarnados, como nós? R - Que o serão, ou que o foram”.

— 539- "Na produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é somente um espírito que age ou se reúnem em massa? R - Em massas inumeráveis”.

Onde vivem esses espíritos da natureza?

Vejamos o LE¹537 - a: “...poderia, então haver espíritos habitando o interior da Terra e presidindo aos fenômenos geológicos? R: Esses espíritos não habitam precisamente a Terra, mas presidem e dirigem os fenômenos, segundo as suas atribuições...”

Divaldo P. Franco também dá a sua contribuição à elucidação do assunto, na mesma fonte antes referida. Ao lhe perguntarem qual é o hábitat natural desses espíritos, responde: “A erraticidade, o mundo dos espíritos, pertencendo a uma classe própria e, portanto, vivendo em regiões compatíveis com o seu grau de desenvolvimento, de evolução, misturam-se aos homens e vivem, na grande maioria, na própria Natureza, que lhes serve de espaço especial” (destaque meu).

Com o título de “Espíritos não Humanos”, foi publicado na *Folha Espírita*, artigo de Eduardo Simões, no qual, entre outras informações, lembra a evidente correlação entre a existência dos elementares, espíritos não humanos ou espíritos da natureza, com o relato da passagem em que “Jesus apazigua a tempestade” (Mt.8-23-27), repreendendo os ventos e o mar.

Conforme conclui o autor, de maneira bastante lógica, Jesus teria falado não aos ventos e ao mar mas, sim, aos espíritos não humanos que, conforme o LE¹ 539, agem nos fenômenos da natureza.

Fica uma advertência importante, a exarada por Gúbio, de que esses espíritos são inclinados ao bem ou ao mal, na dependência do tipo de influência que sofram, dada a característica “infantil” de suas mentes e devendo, portanto, merecer o respeito de todos nós, como seres em evolução que certamente estão trilhando os mesmos caminhos que já percorremos.

Nota:

1- O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

6

Animais e Mediunidade

No LM^{35} - XXII.236, encontramos comentário de Erasto de que há evidências que os espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais, e que estes compreendem certos pensamentos do homem. Ernesto Bozzano, em *Animaux et Manifestations Metaphychiques* – 1926, refere que certos animais percebem a presença de espíritos antes dos próprios sensitivos, e que há ainda animais que mostram possuir certas faculdades psíquicas, como a telepatia. Em seu livro *Mediunidade. Vida e Comunicação*, Herculano Pires comenta a respeito da ocorrência de casos impressionantes de materialização de animais em sessões experimentais, informando ainda sobre o relato de numerosos casos de manifestações animais na Inglaterra, constante dos Anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas. Andrew Lang, conforme se lê em *Espírito e o Tempo*, de Herculano Pires, registra que fantasmas de cães foram vistos, bem como ouvidos seus ganidos, por diversas pessoas ao mesmo tempo, na tribo de Queensland, na Austrália.

Perante essas colocações, surgem naturalmente as perguntas: O que tudo isso significa? Esses fenômenos são mediúnicos? Os animais podem atuar como médiuns? Na época de Kardec, conforme indica Erasto (LM¹ - XXII. 234), a questão da mediunidade dos animais era frequentemente proposta principalmente em razão de fatos que revelavam indícios de inteligência de alguns pássaros educados pelo homem, e que pareciam adivinhar pensamentos, chegando a tirar de um maço de cartas, as que correspondiam

exatamente ao pedido feito. Dado o interesse que despertou, essa questão foi discutida na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, estando a matéria correspondente publicada na *Revista Espírita* de Kardec, de setembro de 1861.

Para analisar a possibilidade dos animais atuarem ou não como médiuns, vamos considerar as diferentes maneiras de atuação do médium, nos diferentes tipos de manifestações dos espíritos. Assim, vejamos:

1 - Manifestações Inteligentes (LM^{12ª} - III).

Embora à primeira vista pareçam simples as questões referentes ao conceito de fenômeno mediúnico, de médium e à precisa definição de Fenômenos de Efeitos Físicos e de Manifestações Inteligentes, na realidade elas são complexas e envolvem muita reflexão e senso crítico. Por essa razão, é melhor definir, de início, o perfil desses fenômenos, para que tenhamos condição de avaliar de que maneira os animais poderiam ou não participar de seu mecanismo.

Para as Manifestações Inteligentes, Kardec usa também por vezes o termo “Intelectuais”. Aliás, conforme refere Hermínio C. Miranda em *Diversidade dos Carismas*, Vol. I, cap. XII, “fenômeno mediúnico, de fato, na plenitude de sua conotação semântica, é o de efeito intelectual, no qual o sensitivo funciona, realmente, como o canal de comunicação entre encarnados e desencarnados”. Hermínio lembra ainda o que se lê no LM^{12ª} XVI. 189: “Os efeitos inteligentes são os que o espírito produz, servindo-se dos elementos existentes no cérebro do médium...”(o próprio cérebro como central nervosa, como ponto de comando do sistema, segundo o autor).

Nesse tipo de manifestação, portanto, o médium age como

intermediário, entendendo-se que a ligação é de mente a mente. No LM¹2^a - XIX.225, lê-se: “com a irradiação do pensamento”. Ainda do LM¹2^a. XIX.223.9, obtemos a informação: "Para uma comunicação inteligente há necessidade de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o espírito do médium”.

Caracterizam-se nesse tipo de manifestação, a psicofonia e a psicografia. Para que o fenômeno aconteça é necessário que o fluido do perispírito do espírito comunicante se “combine” com o fluido do médium; cria-se então a “atmosfera” apropriada para que o pensamento do espírito comunicante alcance a mente e o cérebro do médium. A respeito, leia-se *Nos Domínios da Mediunidade* – Cap. 8, em que André Luiz descreve o mecanismo intrínseco do fenômeno de psicofonia consciente e inconsciente.

Erasto, em comunicação que se seguiu à discussão do assunto na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, e que consta do LM¹ 2^a - XXII.236 – “Da Mediunidade nos Animais”, comenta que, não havendo afinidade entre o fluido do homem e o fluido do animal, não há possibilidade deste atuar como médium; refere ainda que os espíritos tiram do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao pensamento deles a forma sensível e apreensível para nós. Questiona, então, que elementos encontraríamos no cérebro de um animal! Erasto admite que alguns animais, principalmente os amestrados, compreendem certos pensamentos do homem mas, não os podendo reproduzir, não podem servir-nos de intérpretes (destaque meu). Aqui surge um fato interessante, em sendo a restrição apontada por Erasto a de os animais não poderem reproduzir, o que eventualmente entendam, pois há os que podem!

A Ciência acaba de demonstrar que chimpanzés e gorilas são capazes

de se comunicar com os homens, usando a linguagem de sinais para surdos-mudos. Uma linguagem humana, portanto. O casal Allen e Beatrix Gardner, ambos cientistas do corpo docente da Universidade de Nevada, nos Estados Unidos, e seu assistente Roger Fouts, autor do livro *O Parente Mais Próximo*, ensinaram a Washoe, uma chimpanzé, conforme já referimos, a linguagem dos sinais através da qual ela consegue articular frases gramaticalmente corretas e expressar sentimentos como solidariedade, raiva, compaixão, ciúme e inveja ou senso de humor.

Fouts ressalta que, além da habilidade de aprender, demonstrada por Washoe e outros chimpanzés, o mais importante foi a confirmação de que a capacidade de transmitir informações não é exclusivamente dos seres humanos. De fato, na sua relação com o filhote e outros membros do grupo, Washoe ensinou a linguagem humana aprendida demonstrando, portanto, sua capacidade de reproduzir informações. Fouts salienta, ainda, que o caso de Washoe não é isolado, pois vários outros chimpanzés demonstraram a mesma aptidão.

Ficam essas considerações como uma porta aberta a reflexões e, quem sabe um dia, à possibilidade de pesquisas sobre o assunto.

Talvez à essa capacidade de os animais compreenderem certos pensamentos do ser humano, como refere Erasto, esteja relacionada a citação de Bozzano, no início do capítulo, a respeito da participação de animais em fenômenos de telepatia. Herculano Pires, em *Mediunidade. Vida e Comunicação*, no capítulo intitulado “Mediunidade Zoológica”, expõe sobre o desenrolar do processo evolutivo a partir do reino mineral até o hominal, asseverando que o “animal só terá condições para a mediunidade ao atingir a síntese dos poderes dispersos nas espécies de seu reino para elevar-se ao plano humano. Mas, então, não será mais animal, será homem”.

É claro que entre a mente do homem e a dos animais mesmo que seja a do chimpanzé, há um abismo mas, certamente o julgávamos muito maior do que ele realmente o é.

Portanto, no caso do fenômeno mediúnico de efeitos intelectuais ou inteligentes, parece correto admitirmos, em coerência com o que encontramos nos livros básicos da Codificação, que os animais, considerados de um modo geral, não tem condições de participar do processo, como médiuns (intermediários).

Assim, em que pese o respeito que devemos à figura de Edgard Armond, não há como aceitar, à luz da Doutrina Espírita, o que se encontra, em relação ao assunto, descrito em seu livro *Mediunidade* – Cap. 13: “Na Índia,... homens-tigres, incorporação ou semi-incorporação de feiticeiros em tigres que funcionam como médiuns...”; “Na África e outros lugares, mulheres e homens encarnados e desencarnados, se incorporam em animais domésticos: gatos, cães etc., e selvagens: lobos, raposas, veados etc.”

2 - Manifestação de Efeitos Físicos (LM¹2^a - II). Neste caso, o médium não age como intermediário mas, sim, como colaborador do fenômeno, doando fluidos que, “combinados” com fluidos do espírito agente, “saturam” a matéria objeto do fenômeno. No LM¹ 2^a - 1.58, lê-se: “O Espírito precisa da matéria para agir sobre a matéria”. Entendo que se trate da necessidade do Espírito valer-se da matéria mais sutil, isto é, de fluidos, para agir sobre a matéria mais grosseira. Esse também é o mecanismo dos processos de materialização de espíritos (humanos) e, quem sabe, igualmente explique “os casos impressionantes de materialização de animais” que, como referi, nos relata Herculano Pires. Erasto, na fonte já citada, faz o seguinte alerta: “Costuma-se dizer: os Espíritos mediunizam e fazem mover-se a matéria inerte, as cadeiras, as mesas, os pianos. Fazem mover, sim; mas mediunizam,

não!”. Aliás, o próprio Erasto esclarece que “os espíritos agem sobre a matéria inerte com os elementos que ele (o médium) lhes fornece. Assim, o envoltório fluídico (mais sutil) do espírito, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico (mais animalizado) do médium permite ao espírito movimentar os objetos... “Vamos nos lembrar que a expressão ‘fluido animalizado’ refere-se ao fluído vital, do ser que tem o ‘anima’, ou seja, que tem vida, que é encarnado. Aliás, no LM¹ 2^a V98, lemos: ‘o fluido vital, apanágio exclusivo do encarnado...’” Sabemos que os espíritos buscam em elementos da natureza, como determinadas ervas e outras plantas, “substâncias” de que necessitam para o auxílio de encarnados ou desencarnados. André Luiz relata que são levados à beira do mar – fonte inesgotável de fluido vital, espíritos (perispíritos) de enfermos encarnados, em desdobramento durante o sono.

Ora, o mar tem uma infinidade de seres vivos, animais e vegetais e o fluido vital que ali existe, certamente vem deles, e com certeza são adequadamente modificados para que possam ser utilizados na terapia de espíritos humanos.

Esse é um fenômeno de ectoplasmia, contando com a participação de vários tipos de seres vivos que se acham na condição de doadores de fluidos vitais.

Concluindo, no caso das Manifestações de Efeitos Físicos, julgo aceitável admitir-se que determinados animais, em determinadas circunstâncias, possam atuar como médiuns colaboradores na produção dessas manifestações, quando existir, por parte deles, a possibilidade de doação de fluidos compatíveis com as exigências do tipo de manifestação em ocorrência.

3 - Em determinados fenômenos, discute-se se a ocorrência é de mediunidade mesmo, ou de animismo. Assim, em OP^{36} “A Segunda Vista”, Kardec, referindo-se aos médiuns videntes comenta: "seria, porventura, demasiado considerar essas pessoas como médiuns, porquanto a mediunidade se caracteriza unicamente pela intervenção dos Espíritos, não se podendo ter como ato mediúnico o que alguém faz por si mesmo. Aquele que possui a vista espiritual vê pelo seu próprio espírito, não sendo de necessidade, para o surto de sua faculdade, o concurso de um espírito estranho”. A mesma observação feita em relação aos "médiuns" videntes, poder ser igualmente estendida aos “médiuns” auditivos e sensitivos ou impressionáveis sendo, portanto, nesses casos, o fenômeno anímico e não propriamente mediúnico.

Sabemos que o “médiun” vê, ouve ou sente o que está na esfera de irradiação do seu perispírito, havendo então uma "combinação” de seus fluidos com os do plano espiritual.

Assim, podemos entender o mecanismo segundo o qual espíritos (humanos) se tornam visíveis para os animais, como referiu Erasto, exemplificando com o relato bíblico da “Mula de Balaão”. Entre os vários casos que já ouvi, com a participação de animais, lembro-me agora de um bastante interessante. Em certa família, era hábito de um idoso senhor chegar em casa, à tarde, sentar-se em sua cadeira de balanço e tirar os sapatos. Ato contínuo, seu amigo e fiel cão ia ao quarto e lhe trazia os chinelos.

Passou-se o tempo e esse senhor desencarnou. Certo dia, estava a família reunida na sala, quando perceberam, no cão, mudança repentina de comportamento, com demonstração de alegria. E o impressionante é que o cão foi ao quarto do antigo dono e, trazendo os chinelos, depositou-os no lugar costumeiro, na frente da cadeira de balanço... Os familiares se

entreolharam, surpresos e emocionados, e ainda se perguntam: Será que “ele” estava lá? Analisando o que aconteceu, não podemos afirmar que sim, nem que não. Obedecendo os rigores do método racional, apenas podemos dizer que o ocorrido é sugestivo de que, de fato, o espírito do senhor desencarnado lá esteve, sendo sua presença percebida pelo cão.

Outra passagem interessante, sobre este item, encontramos no relato bíblico da “cura do endemoninhado geraseno” (Lc 8:26-34): o homem possesso de demônios (legião) recorre a Jesus para curá-lo; então, “rogaram-no (os demônios a Jesus) que não os mandasse sair para o abismo. Ora, andava ali, pastando no monte, uma grande manada de porcos: rogaram-no que lhes permitisse entrar naqueles porcos. E Jesus o permitiu. Tendo os demônios saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se despenhadeiro abaixo, para dentro do lago, e se afogou”.

Podemos entender, pelo texto, que os demônios (espíritos obsessores) exerciam sobre o homem uma influência deletéria; certamente, o vampirizavam, pois esses espíritos “alimentam-se” do fluido vital de encarnados. Aliás, André Luiz relata como esses espíritos amontoam-se nos matadouros para usufruir do fluído vital que emana dos animais sacrificados. Uma vez tendo de se afastar do homem, porque assim o determinava a autoridade de Jesus, serviram-se dos porcos que por ali passavam, certamente para continuarem a se valer de alguma fonte do fluido vital de que necessitavam. Esse é o sentido que vejo, no texto, pois não podemos levar ao pé da letra a informação de que os demônios “entraram nos porcos”. Esses animais “sentiram” a influência ou presença da legião de obsessores, tornando-se extremamente perturbados.

Bem, se os porcos “sentiram” a presença e a influência dos obsessores, e se o cão do relato anterior “viu” o espírito desencarnado, será que eles

atuaram, então, como médiuns? No LM¹ 2^a - XIV159 lê-se: “Todo aquele (na tradução de Herculano Pires está indicada toda pessoa) que sente a influência dos espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium (destaques meus)”. Esse é um conceito bastante amplo, *lato sensu*, como poderíamos dizer, e nesse caso abrangeria até os porcos do caso do “endemoninhado geraseno”, como também o cão que foi buscar os chinelos do desencarnado, do caso que contei. Numa visão mais focal, entretanto, e remontando à origem etimológica do termo, o vocábulo “médium” seria utilizado exclusivamente para as manifestações de efeitos intelectuais, quando a atuação do indivíduo é a de intermediário.

Permitam-me uma reflexão: imagino que os prezados confrades, à essa altura, estão entendendo bem a razão pela qual decidi tratar do assunto como questão, ou seja, como tema a ser discutido. E se estamos com a proposta de discutir, temos de estar abertos às possíveis explicações, sem ideias pré-concebidas nem preconceitos e valendo-nos, é óbvio, de informações contidas nas obras básicas da Codificação Espírita, assim como da lógica e da razão, conforme recomendou Kardec.

Finalizando, não há como negar a participação de animais em certas manifestações espirituais, como as constantes dos itens 2 e 3. Se podem nesses casos ser chamados de médiuns e de que maneira atuariam no mecanismo intrínseco desses fenômenos, temos de continuar a refletir e discutir. Por isso, no meu entender, a questão da mediunidade dos animais continua em aberto, pois ainda existem mais perguntas que respostas, estando implicada, na discussão do assunto, a própria discussão do conceito de “médium”.

Notas:

1 - *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec

2 - *Obras Póstumas*, de Allan Kardec

Comer ou não Comer Carne

Uma Abordagem Ética e Doutrinária

— Nossa alimentação exige o sacrifício dos animais?

Em *Missionários da Luz*, Cap. 4, “Vampirismo”, André Luiz oferece-nos maravilhosa lição, abrindo o nosso entendimento a respeito do assunto. É Alexandre, seu instrutor no momento, quem esclarece: "... a nossa inteligência, tão fértil na descoberta de comodidade e conforto, teria recursos de encontrar novos elementos e meios de incentivar os suprimentos proteicos ao organismo, sem recorrer às indústrias da morte”.

Acho essa lição maravilhosa porque ela nos impulsiona, nos motiva a conquistar mais um passo, em nossa caminhada evolutiva. Somos advertidos de que nossa inteligência já tem recursos de buscar o suprimento proteico de que necessitamos, em outras fontes que não mediante o sacrifício da vida dos animais. Não precisamos mais nos acomodar à antiga noção de que a nossa saúde não se manteria sem o consumo de carne. No próprio LE¹723 encontramos a questão: “A alimentação animal, para o homem, é contrária à lei natural?” Na resposta, lemos: “Na vossa constituição física, a carne nutre a carne, pois do contrário o homem perece. A lei de conservação impõe ao

homem o dever de conservar as suas energias e a sua saúde, para poder cumprir a lei do trabalho. Ele deve alimentar-se, portanto, segundo a sua organização”.

De fato, a alimentação humana não pode prescindir de proteínas, ácidos graxos essenciais (elementos encontrados em óleos e gorduras), açúcares, vitaminas e minerais. Entretanto, temos a errônea noção de que só a carne é rica em proteínas.

Mas elas também podem ser encontradas em outras fontes como ovos e leite, de origem animal, além de uma infinidade de vegetais.

Uma dieta variada em itens vegetais (frutas, verduras, grãos) já atende bastante nossas necessidades. Se somarmos a isso a ingestão de alguns produtos de origem animal (leite, seus derivados e ovos), então as exigências de nosso corpo, em termos de aporte nutricional, estarão completamente satisfeitas.

É o próprio LE¹ 720-a, que nos leva nessa direção: “Há privações voluntárias que sejam meritórias?” Resposta: “Sim: a privação dos prazeres inúteis, porque liberta o homem da matéria e eleva sua alma...”

Então, se podemos conservar as nossas energias e a nossa saúde, privando-nos voluntariamente do consumo de carne, isso não é meritório? Se está ao nosso alcance poupar a vida e o sofrimento de outros seres vivos, por que não fazê-lo?

O pessoal do GRÃO - Grupo de Apoio e Orientação, de Ribeirão Preto - SP, cujo objetivo é a divulgação de mensagens enviadas pelos espíritos, à luz da Doutrina Espírita, referentes ao amor e ao respeito pelos animais,

passou-me este interessante texto de Emmanuel, contido em *O Consolador*:

— Pergunta 129: É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

Resposta: “A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar, semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar porém a máquina econômica do interesse e harmonia coletiva, da qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos delicadamente pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.”

André Luiz, em *Missionários da Luz*, Cap.4, “Vampirismo” expõe sua estranheza à infeliz condição de “muita gente na terra que vive à mercê de vampiros invisíveis”. Indaga ele, então: “E a proteção das esferas mais altas? E o amparo das entidades angélicas, a amorosa defesa de nossos superiores?”

A resposta de Alexandre, o instrutor, não tarda: “André, meu caro... Em todos os setores da Criação, Deus, nosso Pai, colocou os superiores e os inferiores para o trabalho de evolução, através da colaboração e do amor, da administração e da obediência... no capítulo da indiferença para com a sorte

dos animais, da qual participamos no quadro das atividades humanas, nenhum de nós poderia, em sã consciência, atirar a primeira pedra. Os seres inferiores e necessitados do Planeta não nos encaram como superiores generosos e inteligentes, mas como verdugos cruéis...

Se não protegemos e nem educamos aqueles que o Pai nos confiou, como germes frágeis de racionalidade nos pesados vasos do instinto; se abusamos largamente de sua incapacidade de defesa e conservação, como exigir o amparo de superiores benevolentes e sábios, cujas instruções mais simples são para nós difíceis de suportar, pela nossa lastimável condição de infratores da lei de auxílios mútuos?"

Vale a pena revermos esse trecho em que Alexandre fala a André Luiz: "Por que tamanha estranheza? — perguntou o cuidadoso orientador — e nós outros, quando nas esferas da carne? Nossas mesas não se mantinham à custa das vísceras dos touros e das aves? A pretexto de buscar recursos proteicos, exterminávamos frangos e carneiros, leitões e cabritos incontáveis. Sugávamos os tecidos musculares, roíamos os ossos. Não contentes em matar os pobres seres que nos pediam roteiros de progresso e valores educativos, para melhor atenderem à Obra do Pai, dilatávamos os requintes da exploração milenária e infligíamos a muitos deles determinadas moléstias para que nos servissem ao paladar, com a máxima eficiência. O suíno comum era localizado por nós, em regime de ceva, e o pobre animal, muita vez à custa de resíduos, devia criar para nosso uso certas reservas de gordura, até que se prostrasse, de todo, ao peso de banhas doentias e abundantes. Colocávamos gansos nas engordadeiras para que hipertrofiassem o fígado, de modo a obtermos pastas substanciosas destinadas a quitutes que ficaram famosos, despreocupados das faltas cometidas com a suposta vantagem de enriquecer os valores culinários. Em nada nos doía o quadro comovente das vacas-mães, em direção ao matadouro, para que nossas panelas

transpirassem agradavelmente”.

Aí fica a sugestão do inspirado mentor Alexandre para que pensemos no assunto: "Abandonando as faixas de nosso primitivismo, devemos acordar a própria consciência para a responsabilidade coletiva. A missão do superior é a de amparar o inferior e educá-lo. E os nossos abusos para com a Natureza estão cristalizados em todos os países, há muitos séculos. Não podemos renovar os sistemas econômicos dos povos, dum momento para outro, nem substituir os hábitos arraigados e viciosos de alimentação imprópria, de maneira repentina. Refletem eles, igualmente, nossos erros multimilenários. Mas, na qualidade de filhos endividados para com Deus e a Natureza, devemos prosseguir no trabalho educativo, acordando os companheiros encarnados, mais experientes e esclarecidos, para a nova era em que os homens cultivarão o solo da Terra por amor e se utilizarão dos animais, com espírito de respeito, educação e entendimento...

Semelhante realização é de importância essencial na vida humana, porque, sem amor para com os nossos inferiores, não podemos aguardar a proteção dos superiores; sem respeito para com os outros, não devemos esperar o respeito alheio. Se temos sido vampiros insaciáveis dos seres frágeis que nos cercam, entre as formas terrenas, abusando de nosso poder racional ante a fraqueza da inteligência deles, não é demais que, por força da animalidade que conserva desveladamente, venha a cair a maioria das criaturas em situações enfermias pelo vampirismo das entidades que lhes são afins, na esfera invisível”.

Os Recursos do Estábulo

E se optarmos por buscar os recursos proteicos de nossa alimentação, poupando a vida dos animais, é o próprio Alexandre quem aconselha: "...O aumento dos laticínios, para enriquecimento da alimentação, constitui elevada tarefa.." E completa com uma assertiva sobre a qual venho pensando muito e cujo real significado, de tão grande, sinto talvez não tenha ainda condições de apreender: "...porque tempos virão, para a humanidade terrestre, em que o estábulo, como o lar, será também sagrado", (destaque meu). Não é fácil entender o que Alexandre está nos dizendo. Vejamos! Constitui elevada tarefa o aumento da produção de laticínios, para enriquecimento da alimentação humana. De fato, o leite, os queijos, o creme de leite, a nata etc., são fontes riquíssimas não apenas de proteína, mas de outros elementos importantes em nossa nutrição. Portanto, recorrer aos seus derivados, seria perfeitamente válido. Entretanto, vem a contraparte – "o estábulo, como o lar, será também, sagrado".

Certamente ainda teremos de evoluir muito, para conseguir esse nível de entendimento e de libertação de nosso egocentrismo e egolatria. Tomara chegue mesmo esse dia, porque hoje, como já disse alguém, muito sofrimento dos animais ainda acompanha o nosso copo de leite. Infelizmente, em nosso meio, para que as criações de gado leiteiro sejam economicamente viáveis, a maioria dos bezerros machos são descartados, sendo encaminhados para os matadouros; os que permanecem (a maioria fêmeas) são imediatamente, após o parto, separados de suas mães entre berros de ambas as partes; as vacas matrizes (vacas parideiras) são submetidas a intenso processo de seleção genética, para que se transformem em verdadeiras máquinas produtoras de leite, mal podendo movimentar-se com seus enormes úberes. Quem duvidar, é só dar um pulo nesses abomináveis concursos de produção leiteira e conferir o que andam fazendo com as pobres vacas!

Há pouco tempo, ao comentar esses fatos, tive a feliz notícia de que um

veterinário de Minas Gerais está conseguindo viabilizar uma criação de gado leiteiro, de maneira humanitária, como se diz, com razoável obtenção de lucros. Seja bem-vindo!

Também quanto à obtenção de ovos das galinhas, já começam a existir meios alternativos de criação das aves, que não o de ficarem confinadas e apertadas em restritas gaiolas nas quais não conseguem dar sequer um passo! Além disso, sofrem a famosa “debicagem”, isto é, corte de parte de seu bico por lâmina incandescente, do que resulta um processo inflamatório com edema inclusive da região dos olhos. E para que produzam tudo o que possam e mais um pouco, no final do período de postura são submetidas à chamada “muda forçada”, ou seja, mediante restrição alimentar, provoca-se a queda de suas penas e severo emagrecimento. Em seguida a esse estresse, são submetidas novamente a alimentação normal, do que resulta uma postura de melhor índice.

Nessas criações alternativas a que me referi, as aves são criadas naturalmente, soltas, à vontade, ciscando, comendo e botando ovos... Felizmente! Parte desses ovos é aproveitada para consumo na alimentação humana, e outra parte, de ovos galados (fecundados) é orientada para o setor de reprodução das aves.

Quem sabe, aos poucos, vamos aprendendo a respeitar aqueles que nos ajudam a nos mantermos vivos e saudáveis. Nesse sentido é que aceito a citação de Erasto, no LM¹ 2^a - XXII. 236: “Deus pôs os animais ao vosso lado como auxiliares para vos alimentarem, para vos vestirem e vos ajudarem...”

Entendo que os animais podem nos auxiliar em nossa alimentação, não com o sacrifício de suas vidas (aliás, isso não consta do texto de Erasto nem

do LE 723) mas, com os produtos que possam nos ceder, como o leite e os ovos. Também podem nos auxiliar em nossas vestimentas, sem que lhe arranquemos a pele mas, por exemplo, valendo-nos de sua lã, mediante tosquia adequada. Em uma camiseta com a figura de um filhote de raposa li a sugestiva frase: “Su madre tien abrigo de piel? De la mia, lo arrancaron”. De fato eles podem nos auxiliar de muitas maneiras. Que o digam muitos idosos e solitários cuja única companhia, sempre fiel e amiga, é a de seu cão ou gato. Que o diga a nossa querida Francisca que vive no Abrigo Padre Vitor, anexo ao Centro Espírita Luz e Caridade, em Itobi - SR sempre rodeada de seus gatos, que tanto ama.

No livro “50 Anos Depois”, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier (FEB, 21^a ed.,1940), às pag. 318 e 319 lê-se interessante passagem que exemplifica o poder do amor para com toda a criação. O diálogo é entre Helvídio Lucius e o Irmão Martinho, figura masculina que na realidade oculta a identidade de sua filha Célia, a quem procura e ainda não reconhece. Helvídio admira-se que a terra lá se mostre tão dadivosa e exuberante, ao que Martinho retruca: — “Não sei, aqui tão somente amamos muito a terra! Nossas arvores frutíferas nunca são cortadas, para que recebamos as suas dadivas e as suas flores. Os cordeiros nos dão a lã preciosa, as cabras e as jumentas, o leite nutritivo, mas não os deixamos matar nunca. As laranjeiras e oliveiras são as nossas melhores amigas. Às vezes, é à sua sombra que fazemos nossas preces, nos dias de repouso. Somos, aqui, uma grande família. E os nossos laços de afeto são extensivos à Natureza”(destaques meus).

E o Irmão Martinho continua: “Um dia observamos que os cabritos mais idosos gostavam de perseguir os cordeirinhos mansos e pequeninos. Então, as crianças da escola, recordando que Jesus tudo obtinha pela brandura do ensinamento, resolveram auxiliar-me na criação das ovelhas e das cabras,

construindo para isso um só redil... Ainda pequenos, uns e outros, filhos de mães diferentes, eram reunidos em todos os lugares e, com o amparo dos meninos, levados às nossas preces e aulas ao ar livre. As sempre acreditaram que as lições de Jesus deveriam sensibilizar os próprios animais e eu as tenho deixado alimentar essa convicção encantadora e suave. O resultado foi que os cabritos brigões desapareceram. Desde então, o redil foi um ninho de harmonia. Crescendo juntos, comendo a mesma relva e sentindo sempre a mesma companhia, uns e outros eliminaram as instintivas aversões!... Por mim, observando essas lições de cada instante, fico a pensar como será feliz a coletividade humana quando todos os homens compreenderem e praticarem o Evangelho!...”

O ouvinte sensibiliza-se e comenta: — “Irmão Marinho, estou compreendendo, agora, a exuberância da terra e a maravilha da paisagem. Todos esses feitos são um milagre do devotamento com que vindes consagrando todas as energias à terra benfazeja! Tendes amado muito e isso é essencial. Por muitos anos, fui também homem do campo mas, até agora, venho explorando o solo apenas com o interesse comercial. Agora compreendo que, doravante, devo amar também a terra, se algum dia regressar à lavoura. Hoje entendo que tudo no mundo é amor e tudo exige amor”.

Que belíssima lição de vida em harmonia com tudo e com todos!

A Questão Vibratória

Outra razão para não se comer carne, é a de, com isso, se acabar com os matadouros. Quanto aos bovinos, além do horror de serem abatidos a

marreta ou a pistola, centenas deles por dia, imagine-se o ambiente espiritual desses locais de matança! André Luiz nos informa que, nesses lugares, amontoam-se espíritos de baixa condição vibratória que lá comparecem para vampirizar o fluido vital que se desprende dos animais sacrificados. Repetem-se as cenas relatadas no Velho Testamento (veja-se o terceiro livro de Moisés, chamado Levítico), em que os animais eram sacrificados, sendo seu sangue espargido pelos altares. Por aí percebemos que o “Senhor”, que recomendava esses procedimentos, nada tinha de divino; pelo contrário, representava entidade bastante necessitada. Na moderna versão dos matadouros, o "Senhor" também somos nós, que ainda nos valemos dos animais sacrificados, alimentando-nos de suas carnes.

São palavras do Irmão X, em *Treino para a Morte*^{37}, F. C. Xavier: "O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe de nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros... comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição”.

A Implicação Ecológica do Comer ou não Comer Carne

Para Jeremy Rifkin, autor do livro *Beyond Beef: The Rise and Fall of the Cattle Culture* (Além do Bife: Ascensão e Queda da Cultura do Gado) a sempre crescente população bovina afeta diversos ecossistemas da Terra, destruindo seus habitats em seis continentes, sendo fator primário da destruição de florestas tropicais e da desertificação do subsaara africano e do Oeste dos EUA e da Austrália. Em 1996 havia 1,3 bilhão de bois e vacas no mundo, ocupando 24% da área de terra útil do planeta. O peso coletivo

desses bovinos é superior ao peso coletivo dos humanos. Esse gado consome um terço de toda a safra de grãos do planeta, enquanto um bilhão de pessoas sofre de fome crônica e desnutrição. Ainda para Rifkin, um acre de cereal produz cinco vezes mais proteínas do que um acre devotado à criação de gado; um acre de legumes (feijões ou lentilhas) dez vezes mais; um acre de outros legumes e verduras, até quinze vezes mais. Assim, se uma parte da terra ocupada por gado fosse destinada a culturas, a maior parte dos famintos poderia ser alimentada adequadamente.

Aliás, segundo dados bastante atuais, do setor agropecuário, um bovino ocupa área de 1,5 hectares (média brasileira), espaço adequado ao plantio de vegetais para cesta-básica, que alimentariam muitas famílias.

Em 1,5 hectares pode-se produzir, em média, 9 toneladas/ano de arroz ou 12 toneladas/ano de milho.

A criação extensiva de gado só se faz com desmatamento. Estima-se que 40% da floresta amazônica foi devastada para a criação de gado. Tira-se a mata nativa, e com ela toda a fauna e a flora correspondentes, transformando a área em pasto para os bois. Desmatar, já desmatamos demais. O planeta precisa é ser reconstituído, em seus ecossistemas naturais. É uma questão de sobrevivência para o próprio homem.

Como podemos concluir, a opção de não comer carne pode ajudar individualmente a cada um de nós e, conjuntamente, ao nosso planeta como um todo.

Convido você a pensar nisso!

Notas:

1 - 0 *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec

2 - 0 *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec

8

Zooterapia

Em 1982, profissionais do Instituto Medico Educativo de Sablettes, em La Seyne-sur-Mer, que abrigava 90 jovens retardados mentais, resolveram levar seus pacientes a uma visita ao parque de Clos Olive, em Toulon, na França, segundo matéria da revista *Manchete* de abril/88.

Logo os terapeutas, surpresos, se deram conta de que as crianças corriam em direção aos bichos. Nem todos preferiam os mesmos. Alguns escolheram os pôneis, ou corsas, ou aves, e assim por diante.

Michele Fory, uma das terapeutas, lembra o caso de uma pequena menina africana, de dez anos, que jamais emitira qualquer som. Com a aproximação e posteriores contatos com um pônei, conseguiu expressar emoções (se irritava quando o animal não queria andar) e a se comunicar (punha-se a repreendê-lo com sons onomatopaicos e a gesticular).

Vários outros casos são relatados.

Além da alegria e do equilíbrio que as crianças encontravam no parque – comentaram os profissionais – essas experiências mostram um novo modelo de terapia, a zooterapia, isto é, conjunto de procedimentos que visam auxiliar o paciente para a melhoria de seu quadro clínico, mediante a utilização de animais.

Com esse recurso, educadores e médico puderam estabelecer contato com seus pacientes autistas, “despertados” de seu estado constante de recolhimento, pela presença e convívio com animais.

O prof. Charles Pilet revela que, no adulto, o simples contato com um cão ou um gato, o ato de acariciá-los é um santo remédio para baixar a pressão sanguínea. E, nos lares de pessoas idosas, a presença de um animal aumenta as expectativas de vida.

Hoje, várias entidades que trabalham com deficientes mentais valem-se do precioso recurso da zooterapia.

Utilizada na Europa já há vários anos, uma forma de zooterapia, a equoterapia ou hipoterapia usa o cavalo como agente terapêutico. No Brasil, começou a ser aplicada em meados da década de 80, como coadjuvante terapêutico no desenvolvimento psicomotor de portadores da síndrome de Down ou de outras deficiências neuropsicomotoras congênitas ou adquiridas.

A terapia complementar com auxílio do cavalo tem sido indicada também para pessoas com deficiências sensoriais (como cegos e surdos), atrasos psicomotores e dificuldades de coordenação motora (ataxia), atrofia musculares, paralisia cerebral, distúrbios comportamentais e outras afeções.

A equoterapia ainda é uma técnica de elite, segundo a revista *Saúde*, de jan./98; o primeiro passo para minimizar esta situação parece ter sido dado pela Universidade de Santo Amaro, em São Paulo, que implantou na Faculdade de Fisioterapia a equoterapia como curso de extensão universitária, atendendo a pacientes de baixa renda, ao mesmo tempo em que promove a especialização de profissionais.

Segundo Leticia Junqueira, equoterapeuta dessa equipe, "o cavalo é inteligente e sabe que está sendo usado, sente que está sendo útil, não reclama e coopera. Ele transmite equilíbrio, poder e amor, sentimentos que dão confiança e ajudam no melhor desempenho de crianças e adolescentes".

Conforme a revista *Momento*, de nov./dez. 97, existem atualmente 25 federações de equoterapia espalhadas pelo mundo, sendo que a federação brasileira contabiliza cerca de 70 centros.

“Talvez mais importante que a parte fisioterápica, a relação que o paciente estabelece com o cavalo é que vai promover sua melhoria - comenta Ylna Nascimento, da equipe da Ande (Associação Nacional de Equoterapia); o praticante, ao se relacionar afetivamente com o cavalo, passa a se aceitar também. O cavalo ajuda a resgatar a autoestima, pois aceita a pessoa independentemente de sua condição. Seu amor é incondicional”.

Quem ilustra bem essa relação é a paciente Cathlen Cudo , de 24 anos, que tem problemas na fala e na parte motora. Diz ela: “O cavalo não tem preconceito. Não dá para explicar o que o praticante sente, quando está em cima do cavalo! Ele percebe que é amado pelo animal e essa relação é recíproca”.

A equoterapia proporcionou a Cathlen maior agilidade, tonicidade muscular e autoestima, possibilitando que enfrentasse desafios que jamais ousaria antes do tratamento, como tirar carteira de motorista ou mesmo emitir opiniões na sala de aula.

O clima de afeto criado entre o cavalo, a equipe de profissionais e os pacientes é fundamental para o sucesso do tratamento, possibilitando a estes

últimos criar laços de amizade e confiança que muitas vezes não encontram no mundo exterior, comentam as terapeutas.

Essa relação afetiva torna-se tão preciosa que um dos grandes problemas enfrentados pela equipe e pelos pais, é o fato de que os praticantes não podem postergar o tratamento para sempre. Somente na sede do Distrito Federal, onde 213 pacientes são atendidos semanalmente, há mais de 100, na fila. Alguns esperam vaga há dois anos!

À medida que são atingidas as metas propostas, o que ocorre em 80% dos casos, o praticante deve ceder seu lugar na terapia, para que uma nova pessoa inicie o tratamento.

Mas, as crianças não querem parar e o rompimento do vínculo afetivo gera novas dificuldades.

Para os psicanalistas, o cavalo está associado à força e à vitalidade, e seu domínio por uma criança dá a ela a sensação de ser mais poderosa que o animal, resultando em intensa autoconfiança.

A revista *Hippus*, de dez. 96 também editou matéria a respeito ressaltando que, em deficientes mentais, nos quais invariavelmente o cavalo exerce imensa influência psicológica, o fluxo de afetividade é transmitido bilateralmente, isto é, cria-se um laço de amizade entre o praticante e o cavalo, o que ajuda no desenvolvimento do componente emocional do paciente.

Outra forma de zooterapia, que vem revelando sucesso é a que utiliza golfinhos; particularmente na Flórida, nos Estados Unidos, existem vários centros importantes que estão sendo acompanhados por uma de nossas

alunas. Os resultados são promissores!

O que vou tratar, em seguida, não se identifica exatamente como zooterapia, pois a finalidade da utilização de animais não visa à melhoria do estado clínico do indivíduo, mas sim estabelecer entre eles – pessoas e animais – uma forma especial de relacionamento com o objetivo, digamos assim, de “prestação de serviços”.

A revista *Manchete* de abril/88 traz interessante matéria sobre o trabalho de Henriette, um macaquinho fêmea do gênero *Cebus genus*, especialmente treinado para servir Sue Strong, 37, um dos 90 mil americanos tetraplégicos (paralisados dos ombros para baixo).

Animais como Henriette aprendem a suprir as necessidades básicas de pessoas fisicamente incapacitadas, como acender e apagar luzes, folhear livros para a leitura, aquecer refeições, servir água e sucos, colocar música no *tape-deck* etc.

A ideia de treinar macacos para auxiliar seres humanos foi desenvolvida por Mary Joan Willard, antiga colaboradora do psicólogo B. F. Skinner, o pai da teoria da modificação do comportamento.

O projeto, que deu certo, estendeu-se a outros países como Argentina, Canadá e Israel.

A *Helping Hands: Simian Aides for the Disabled*, empresa norte-americana de New York possui material (livro e vídeo) de apoio a interessados.

Nas fotos que ilustram o artigo, Henriette aparece em várias situações, demonstrando ser a mais devotada amiga de sua paciente humana.

No I Congresso Brasileiro de Bem-Estar Animal, realizado em São Paulo, em 1997, houve uma palestra seguida de atividade demonstrativa sobre o treinamento de cães para guias de deficientes visuais.

Pela revista *Primeira Pata*, de abril/98, Michael Geary transmite várias informações a respeito. Conta que a utilização de cães para esse fim surgiu na Alemanha, com a finalidade de ajudar soldados que perderam a visão na Primeira Guerra Mundial.

Ainda na Europa, a Guide Dogs for the Blind Association, que foi fundada em 1934, atualmente é composta por cinco unidades, sendo uma delas na Escócia.

Nos Estados Unidos, a introdução desses cães-guias deu-se em 1926, com a fundação do Master Eye Institute.

“Importante” – diz o autor – “são as características do cão; deve ser inteligente, adaptável a diferentes situações, afável, não efusivo demais, e que tenha porte compatível para que uma pessoa de estatura média possa andar confortavelmente segurando a guia”.

É impressionante o trabalho desses animais, graças ao qual o indivíduo que tem deficiência visual adquire maior liberdade e segurança em suas atividades.

Bem, de tudo isso surgem algumas considerações.

É preciso que avaliemos essas situações com discernimento, aceitando o fato de que os animais estão servindo ao ser humano nas atividades de zooterapia e de prestação de serviços, em circunstâncias restritivas à sua qualidade de vida.

Os cavalos, por exemplo, são necessariamente castrados, para que se tornem mais dóceis e obedientes; os macacos são retirados de seus habitats e submetidos a condições totalmente diferentes do que lhes seria natural; os golfinhos ficam confinados em tanques, deixando de usufruir as possibilidades inerentes à vida livre; os cães-guias de deficientes visuais passam a viver em função das atividades para as quais foram preparados.

Tudo isso sem dizer que, até se tornarem aptos, são submetidos a exaustivos treinamentos, nem sempre contando com a paciência e a tolerância de seus instrutores.

Por essas razões, pessoas ligadas a movimentos mais radicais, em defesa dos animais não aceitam a sua utilização para esses fins.

Embora essa questão tenha mérito em si mesma, não posso deixar de compará-la a outras situações em que se dispõem dos animais.

Quem dera os pobres bichos desses deprimentes espetáculos da ignorância humana – touradas, vaquejadas, rodeios, rinhas de galo e de cães, farra do boi e tantos outros –, pudessem estar inseridos em programas bem orientados de zooterapia ou atividades similares, ao invés de serem constrangidos à experiência da dor e, por vezes, ao sacrifício de suas próprias vidas em favor da simples satisfação do “prazer” alheio.

Assim, no relativo à questão do uso de animais em zooterapia, penso que o mais importante é atinarmos para a maneira como isso pode e deve ser feito.

Mesmo sob as condições restritivas apontadas, deve haver a preocupação de se manter os animais em uma boa qualidade de vida; é

preciso que sejam adequadamente treinados, com paciência e respeito, bem tratados e, principalmente, amados.

A relação de amizade e confiança que venha a se desenvolver entre as partes, certamente contribuirá para a evolução tanto do espírito do homem quanto do espírito do animal.

Outra consideração é relativa à evidência de que os animais são seres afetivos.

Têm sensibilidade, que parece ser maior ou menor, segundo a espécie e o próprio indivíduo, sensibilidade essa para a qual não estamos, de modo geral, despertados.

Entretanto, o trabalho especializado de zooterapeutas e de treinadores de macacos de companhia e de cães-guias vem demonstrando de maneira racional as qualidades e as aptidões desses animais, através das quais é possível o estabelecimento de uma forte relação de amizade e confiança para com o ser humano.

Esses procedimentos científicos e técnicos vêm confirmar a existência, nos animais, de um componente mental ou psíquico, ao qual se relacionam todas as características apontadas pelos profissionais, e necessárias como suporte ao trabalho que realizam e à relação afetiva que são capazes de estabelecer com as pessoas.

Esse componente mental ou psíquico dos animais, que a Ciência não tem como negar, sabemos que se encontra afeto ao espírito, no caso, ao espírito dos animais!

Existe um outro dado, bastante objetivo, que vem demonstrando a

capacidade de interação afetiva de animais e seres humanos.

Crescem a cada dia, em todo o mundo, atividades comerciais direcionadas ao “PET” , ou seja, ao animal de estimação; cães, gatos, hamster, macaquinhos, peixes de aquário, pássaros e outros tipos de aves, além de cobras, iguanas e assim por diante.

Basta dizer que as rações para *pets* representam hoje, no Brasil, o quarto produto agropecuário mais importado dos Estados Unidos (750 mil toneladas em 1997).

E qual será a razão pela qual as pessoas, sejam crianças, adultos ou idosos estão se apegando tanto aos bichos?

Penso em duas possibilidades.

A primeira é triste. Parece que as pessoas estão cada vez mais sozinhas, não confiam seus sentimentos a outras pessoas, e assim, na condição de carentes afetivos, transferem para os animais o seu apego e os seus cuidados.

A segunda, entretanto, é alentadora, embora julgo que se refira a uma minoria.

É possível que o ser humano esteja descobrindo a sensibilidade dos animais e, através dela, percebendo a possibilidade de interagir de maneira harmoniosa com toda a criação.

Tomara!

9

Por que Existem os Animais?

“De milênios remotos, vivemos todos nós, em pesados avatares... Da noite dos grandes princípios, ainda insondável para nós, emergimos para o concerto da vida... Em que esfera estivemos um dia, esperando o desabrochar de nossa racionalidade?”

Esses dizeres de Emmanuel, em *Emmanuel*, Cap. XVII, "Sobre os Animais", retomam a ideia de que o Princípio Inteligente vai “estagiando” na matéria, em diferentes formas de vida, e evoluindo.

E essas diferentes formas de vida, coexistindo em determinado espaço de tempo, acabam por interagir, do que resultam experiências comuns.

Como foi até agora a história do aparecimento dessas diferentes formas de vida, em nosso planeta?

Existe uma interessante estratégia, que inventaram, para melhor entendermos isso: é compactar os 15 bilhões (Bi!) de anos de existência do universo, dentro do período de apenas um ano.

Assim vejamos, resumidamente, a sequência dos acontecimentos, tendo por base os livros *A Origem da Humanidade*, de Gunter Haaf, 1979 e *A Vida na Terra*, de David Attenborough, 1981:

1º de janeiro - formação do universo, a partir da "grande explosão"
Princípios de maio - formação da nossa galáxia, a Via Láctea
10 de setembro - surgem o Sistema Solar e a Terra
Fins de setembro - surge a vida na Terra
1º de outubro - surgem bactérias e algas unicelulares
19 de outubro - bactérias iniciam o processo de fotossíntese
24 de novembro - surgem os primeiros seres vivos unicelulares
possuidores de núcleo celular (eucariotes)
Fins de novembro - surgem os processos sexuais em seres unicelulares
1º de dezembro - há 1,7 bilhões (Bi!) de anos
12 de dezembro - surgem as primeiras plantas e animais pluricelulares
16 de dezembro - seres pluricelulares expandem-se rapidamente na
Terra
17 de dezembro - surgem os primeiros seres animais invertebrados
portadores de carapaças
20 de dezembro - surgem os primeiros animais com coluna vertebral
21 de dezembro - surgem as primeiras plantas terrestres; pequenos
anfíbios abandonam os mares
23 de dezembro - surgem os primeiros anfíbios terrestres e os
primeiros insetos
24 de dezembro - surgem as florestas de carvão mineral e surgem os
primeiros répteis
25 de dezembro - surgem os predecessores dos dinossauros
27 de dezembro - desenvolvem-se os primeiros mamíferos, a partir
dos répteis
28 de dezembro - surgem as primeiras aves
29 de dezembro - apogeu dos dinossauros
30 de dezembro - extinção dos saurios; início da ascensão dos
mamíferos; surgem os primeiros primatas
31 de dezembro - surgem os símios e antropóides; aparecimento dos
primeiros homens:
21:40 - surge na África o *Australopithecus*, o precursor do homem, há
3,5 milhões (Mi!) de anos
22:50 - uso das primeiras ferramentas (pelo *Homo habilis*, a primeira
espécie do gênero humano, que viveu há 2 milhões (Mi!) de anos
22:57 - surge o *Homo erectus* - há 1,8 milhões (Mi!) de anos
23:56 - surge o homem de Neandertal (da espécie *Homo sapiens*)

23:58:40 - surge o homem de Cro-Magnon (da espécie *Homo sapiens-sapiens*)

Faltam 4 segundos - nasce o Cristo

Vamos destacar alguns dados:

Idade da Terra - 4,6 bilhões (Bi!) de anos

Primeiras plantas e animais pluricelulares - 1,7 bilhões (BI!) de anos

Primeira espécie do gênero humano (*Homo habilis*) - 2 milhões (Mi!) de anos.

Por ai vemos que o homem chegou ao Planeta depois, muito depois de uma infinidade de formas de vida, vegetais e animais.

Chegou, por assim dizer, na última hora, nos últimos minutos!

Assim, quando se ouve que “os animais existem para servir ao homem”– e este é um conceito estabelecido em nossa cultura –, isso soa muito esquisito, sendo necessário que se faça um grande esforço para se tentar entender o porquê dessa colocação, que não é justa nem verdadeira.

No próprio LM¹ - 2ª XXII.236 encontramos o seguinte trecho de uma mensagem de Erasto: “Deus pôs os animais ao vosso lado como auxiliares para vos alimentarem, para vos vestirem e vos ajudarem. Deu-lhes um certo grau de inteligência porque, para vos auxiliar, precisam compreender, e condicionou essa inteligência aos serviços que deviam prestar. Mas, na Sua sabedoria, não quis que fossem submetidos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados, assim ficarão até a extinção de suas espécies”.

Esse texto faz parte do capítulo “Da Mediunidade dos Animais”, do

LM¹ e Erasto vem discorrendo a respeito do assunto, ressaltando as diferenças existentes entre os homens e os animais para justificar a impossibilidade dos animais atuarem como médiuns, à semelhança do que acontece com os seres humanos.

Segundo entendo, Erasto reflete, em suas palavras, a opinião então vigente na cultura da época (século XIX), totalmente marcada pelo paradigma antropocêntrico. Os animais eram considerados, assim como tudo o mais na natureza, em função do ser humano; portanto, dentro desse contexto, é coerente a ideia de que a existência dos animais não tivesse outra finalidade que a de servir ao homem.

O texto de Erasto dá tanta margem a uma interpretação apressada e, portanto, equivocada que Herculano Pires (tradutor), com seu natural bom-senso e discernimento, faz a seguinte chamada em rodapé:

“Todo esse período deve ser compreendido em função do assunto, não se tirando ilações contrárias aos princípios fundamentais da Doutrina, o que seria absurdo. O Espiritismo ensina que tudo evolui no Universo, desde a matéria bruta até os Espíritos superiores. Os animais também evoluem, mas sua evolução é forçada e lenta, produzida por influências exteriores, enquanto a humana é determinada de dentro, pela consciência do Espírito já esclarecido do homem. O Espírito comunicante serviu-se das condições de aparente estabilidade da vida terrena para ilustrar o seu ensino. Trata-se apenas de um recurso didático, aliás bem aplicado, e que deve ser entendido como tal”.

Se assim fosse, isto é, se os animais existissem apenas para nos alimentar, nos vestir e nos auxiliar, por que razão teriam vivido, em milhares de espécies, durante milhões de anos, antes do nosso surgimento?

E os dinossauros, por exemplo, que surgiram e desapareceram sem nos conhecer?

Assim é que, em relação às coisas ditas e escritas quanto à evolução dos animais, na literatura espírita, torna-se necessário entender em que contexto e época aconteceram.

Volto a lembrar que Darwin, o pai da teoria da evolução das espécies, foi contemporâneo de Kardec, e só muito lentamente os princípios de sua doutrina evolucionista foram se sedimentando, não havendo tempo hábil para que constassem de maneira efetiva, dos conteúdos doutrinários, muito embora, como acaba de referir Herculano Pires, no trecho citado, "O Espiritismo ensina que tudo evolui no Universo".

Aliás, em outra oportunidade, Herculano refere que Kardec foi mais ousado que Darwin, pois enquanto este abordou a evolução no plano da matéria, Kardec enunciou a evolução do espírito.

Mas, voltemos a Kardec, no LE²593. Após a resposta à questão, Kardec faz um comentário (em negrito), do qual o primeiro trecho refere:

“Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação”.

Entretanto, na sequência, as palavras de Kardec, segundo o meu entendimento, refletem o pensamento da época:

“Não há entre eles (os animais) nenhuma criação, nenhum

melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de uma certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre uma natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmos, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal abandonado a si próprio, não tarda a voltar aos limites traçados pela Natureza”.

A Etologia , ciência do comportamento animal, assim estruturada a partir de 1951 - portanto, recentíssima! - levanta novas informações e novos conceitos que precisamos assimilar.

O comportamento é agora entendido como sinônimo de processo adaptativo, necessário à sobrevivência do indivíduo e da espécie, não se admitindo mais que as coisas sejam estanques e invariáveis.

Os animais têm sim criação e melhoramento, na medida em que, por exemplo, conseguem se adaptar a mudanças do ambiente e de circunstâncias. O que passam a fazer então, é diferente do que faziam antes.

O detalhe é que devemos analisar o seu comportamento segundo o passo deles e não segundo o nosso. O ritmo de aceleração, no processo evolutivo, vai aumentando gradativamente. Assim, as modificações encontradas na história evolutiva do ser humano são muitas, pois se processam rapidamente.

E mesmo dentro do gênero humano, nas diferentes espécies que foram

se sucedendo desde o *Homo habilis* (há 2 milhões de anos) até o atual *Homo sapiens-sapiens*, o ritmo em que as modificações aconteceram, não foi sempre o mesmo, pois vem se mostrando cada vez mais acelerado.

Tudo muda, constantemente; a mutabilidade é uma característica essencial da matéria viva. Assim, os nichos ecológicos, os alimentos disponíveis, enfim, as condições gerais e particulares do hábitat mudam, e os animais tem de se adaptar e, portanto, também mudam.

Nós é que não temos condições de entender o enredo de todo o “filme” pois, como chegamos tarde (aquela história da vida em um ano!), pegamos apenas algumas poucas cenas.

A história vem de muito longe, e além disso não dispomos de adequados recursos para investigar e obter todas as informações.

Daí, fazemos suposições, que assim precisam ser entendidas; algumas se confirmam e outras precisam ser reavaliadas.

Também hoje se sabe que os filhotes, inclusive os bebês humanos, apresentam comportamentos estereotipados ou inatos, ou seja, que já vêm com eles, ao nascer. Assim é que os filhotes de aves e répteis instintivamente quebram a casca do ovo, na eclosão.

O bebê humano, como todos os bebês de mamíferos, ao nascer já tem o reflexo de sucção; está pronto para mamar!

Outros comportamentos, entretanto, existem e são chamados de adquiridos e resultam de aprendizado.

A Ciência não tem modelos de investigação precisos para firmar a

ideia de que haja aprendizagem em animais abaixo do nível dos vermes, ou seja, a Ciência não pode confirmar que esses pequenos animais tenham essa capacidade, o que em absoluto não significa que ela não exista, neles.

Entretanto, já se sabe por investigações científicas que baratas e formigas podem aprender a resolver labirintos simples, ou seja, colocadas em caminhos tortuosos, acham a saída e aprendem o caminho.

Filogeneticamente, a capacidade de aprender parece estar ligada ao desenvolvimento do Sistema Nervoso. Nos mamíferos, que têm um sistema nervoso bastante bem organizado, o repertório de comportamentos aprendidos é muito grande; de modo geral os filhotes permanecem longo período junto a ambos os pais, ou a um deles, até que sejam capazes de desempenhar sozinhos os comportamentos a serem aprendidos, de sobrevivência e de perpetuação da espécie. Por exemplo, entre os grandes felinos, esse período é em média de dois anos e, entre os chimpanzés, de cinco anos.

O fato de grande parte do comportamento animal ser resultante de aprendizado constitui-se em grande obstáculo à chamada "reintrodução" de animais, isto é, à tentativa de colocá-los de volta em seus habitats.

Filhotes que foram separados de seus pais e semelhantes, tendo sido criados por seres humanos, não aprendem uma série de comportamentos necessários à sua própria sobrevivência. Assim, não adianta simplesmente soltá-los, porque eles não terão condições de sobreviver sem que haja um trabalho direcionado para isso.

Dependendo da espécie animal, a reintrodução torna-se praticamente impossível. Os primatas, por exemplo, dos quais fazem parte os chimpanzés

e os babuínos, vivem em grupos sociais de organização muito complexa, com papéis diversos entre seus componentes. Os mais velhos e mais agressivos – que alguns etólogos consideram sejam os mais sábios – dominam, dirigem e protegem os demais. À medida que o filhote vai crescendo, ele já é preparado, por aprendizado, a ocupar determinado lugar na hierarquia social do grupo e a viver o papel que lhe cabe.

De repente, a chegada de um “estranho” não encontra espaço na organização do grupo.

O caso de Washoe e de outros chimpanzés que aprenderam a linguagem para surdos-mudos mostrou também que o novo conhecimento foi transmitido pelos próprios animais a outros membros do grupo, surgindo daí, como disseram os técnicos, uma nova linhagem de macacos com uma nova forma de comunicação entre eles.

Retomando a pergunta inicial: Por que existem os animais?

Penso que basta entender que eles existiram e existem por razões intrínsecas a si próprios, a matéria compartilhando com o Princípio Inteligente, sua evolução.

A verdade é inexorável: nós mesmos já existimos, neles!

Não há animais de um lado e nós, seres humanos, de outro.

Somos todos espíritos na vivência dos infinitos degraus do processo evolutivo, do qual os seres humanos deste ínfimo planeta, por mais que sua pretensão assim o deseje, não representam o ponto final.

Notas:

1 - O *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec

2 - O *Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec

10

*Os Animais,
Nossos Companheiros*

*Se os animais só inspiram ternura, o que
houve, então, com os homens?*

Guimarães Rosa

Quantos relatos de companheirismo, fidelidade e amizade já ouvimos, todos nós, de pessoas que conviveram com os seus assim chamados animais de companhia, ou de “estimação”, como se diz no interior.

E dentre essas pessoas, nem Chico Xavier escapa. Não ouvi dele, diretamente mas, fiquei sabendo. Na *Folha Espírita* em revista, 1977, edição comemorativa dos 50 anos de mediunidade de Chico, a dra. Marlene Nobre insere, no artigo “Pequena História de uma Grande Vida”, pitorescos casos da vivência do médium com os animais, lembrando quantas vezes preás vinham comer em suas mãos ou nos seus pés, onde ele deixasse os miolinhos de pão.

Registrou a ocorrência de enorme formigueiro que começou a devastar as roseiras de Chico que, então, resolve conversar com elas, as formigas:

— Minhas irmãs, vocês são tão eficientes, tão unidas no trabalho! Mas,

olha, vocês precisam ir embora...

Várias vezes Chico conversou com elas e elas acabaram indo embora!

Outro caso relatado foi o do Brinquinho (reencarnação do Dom Pedrito, lembram?), o cachorro amigo da casa. Às quartas-feiras, conforme contou Chico, enquanto ele ia receber mensagens, o Brinquinho deitava-se quietinho, enquanto o trabalho de psicografia se desenrolava. Quando tudo terminava, Brinquinho levanta-se e aguarda Chico abrir a porta.

Nessa mesma noite de conversas sobre animais, Chico comentou ainda com a dra. Marlene, que o espírito André Luiz levou-o a um mundo mais adiantado que a Terra, onde os habitantes reúnem os macacoides mais inteligentes e treinam os mesmos para os trabalhos mais rudes.

Tem outros casos, como o da cobra enorme de “bote armado”, contado pela dra. Marlene e também por R. A. Ranieri, em *Recordações de Chico Xavier*. No livro *Lindos Casos de Chico Xavier*, de Ramiro Gama, acha-se registrada uma história do cão Lorde, muito bonita:

Chico e José, seu irmão, acompanhados do Lorde, vão a uma grande lapa, nas cercanias de Pedro Leopoldo, em busca de uma tal erva que somente se desenvolve em cavernas do subsolo, recomendada para um caso de reumatismo complicado.

Chegaram à caverna e José, segurando Lorde por uma corda, desceu à frente.

Depois de longa busca, encontraram a erva medicinal.

Contudo, os caminhos tortuosos e escuros acabaram por confundi-los e

se perderam...

De vela acesa, debalde procuravam a saída!

Gritavam, mas ouviam apenas o eco de suas próprias vozes.

Quando a luz se mostrava quase extinta, recorreram à prece.

Dona Maria João de Deus, a mãe de Chico e José, já desencarnada, apareceu e recomendou-nos:

— Vocês vão precisar do auxílio do Lorde. Aprendam a lição (referia-se à maledicência de ambos, anteriormente). Chega sempre o momento em que necessitamos o amparo de criaturas que supomos desprezíveis. Soltem o Lorde e sigam-no os passos.

— Ele sabe o caminho de volta!

Assim fizeram e, acompanhando o animal, venceram o labirinto em poucos minutos.

Uma vez salvos, fora da caverna, meditaram na lição recebida e renderam graças a Deus.

Segue-se outro caso do Lorde, segundo material que me foi enviado pelo prezado confrade Maurício Roriz, da USE de São Carlos, SP, a quem agradeço a gentileza: Em carta (25/01/1951) escrita por Chico Xavier a Wantuil de Freitas, então Presidente da FEB e apresentada no livro *Testemunhos de Chico Xavier*, de Suely Caldas Schubert, à pag. 283, 2ª ed. FEB, Brasília, 1991, lê-se: “...Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chamava-se Lorde e fez-se meu companheiro,

inclusive de preces, porque, à noite, postava-se junto a mim, em silêncio, ouvindo música. Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas, no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em Espírito, vinha ter comigo, era sempre acompanhado por ele, que se me apresentava à visão espiritual com insignificante diferença. Atrevo-me a contar-te as minhas experiências, porque também passaste por essa dor de perder um cão leal e amigo. Geralmente, quando falamos na sobrevivência dos animais, muita gente sorri e nos endereça atitudes de piedade. Mas, a vida é uma luz que se alarga para todos...”

Também existe referência à morte do cão Lorde no livro *Lindos Casos de Chico Xavier*, de Ramiro Gama. Acompanha a figura que ilustra o texto, a significativa legenda: “Ah, sim, os animais têm alma e valem pelos melhores amigos!”

Conforme ainda lembra o Maurício, no livro *Memórias do Padre Germano*, de Amália Domingo Soler, ed. FEB, acha-se registrada a lealdade de outro cão, o Sultão, que durante anos acompanhou o Padre Germano em todas as suas atividades fazendo-se, inclusive, grande amigo das crianças de sua aldeia. É admirável o modo como o padre Germano se refere ao cão:

— “Ah! Sultão! Sultão! que maravilhosa inteligência possuías. Quanta dedicação te merecia a minha pessoa! Perdi-te, e perdi em ti o meu melhor amigo! Outrora, quando me recolhia ao meu tugúrio; quando, prosternado ante o oratório, rezava com lágrimas; quando lamentava as perseguições que sofria, era ele quem me escutava imóvel, sem nunca se aborrecer da minha companhia. Seu olhar buscava sempre o meu e, quando às portas da morte, vi-o reclinar a cabeça em meus joelhos, buscar o calor do meu corpo, foi quando no seu olhar se extinguiu a chama misteriosa que arde em todos os

seres da Criação. Agora, sei que estou só...”

Em 1932 Chico Xavier psicografou mensagem do Padre Germano, publicada no *Reformador* e que se acha inserida no livro de Clóvis Tavares *Trinta Anos com Chico Xavier*. Interessante a menção de que tanto para a mediunidade de Chico Xavier quanto para a de Divaldo Pereira Franco, o Padre Germano se apresentava sempre acompanhado de seu fiel amigo Sultão.

Em Seleções do Reader’s Digest, set./74, li a emocionante história de Marco Polo, um gato resoluto que, após ter sido atropelado e ficado completamente cego, foi driblando as dificuldades, pouco a pouco.

Quem faz o relato é Era Zister, testemunhando seu aprendizado de 15 anos, no convívio com Marco Polo, de como enfrentar a adversidade e a derrotá-la com coragem.

Também aqui em nossa casa, não faltaram lições de toda ordem.

Teca, Nãna e Timi, nossos queridos cães — amigos que já desencarnaram —, passaram por períodos difíceis de doença, cegueira e velhice e em tudo nos ensinaram, com sua postura de recolhimento.

Quando temos perto de nós um animal em sofrimento, queremos recorrer ao passe, à prece e à água fluidificada, para socorrê-los.

Será que isso é válido, em relação aos animais?

Sim, tudo é válido a serviço do bem e em nome de Deus, e os animais também são merecedores de toda forma de auxílio.

Em relação aos passes e à água fluidificada, fui orientada pelo plano espiritual para nos ligarmos mentalmente aos espíritos zoófilos^{38}; assim, eles nos ajudam, promovendo a adequada modificação de nosso fluido vital, para o atendimento do animal.

Sabemos que o fluido vital, embora seja o mesmo para todos os seres orgânicos, modifica-se segundo as espécies (LE¹ 66).

Aqui em casa, quando a família se reúne semanalmente para o Evangelho no Lar, dela fazem parte a Tábala, nossa amorosa cachorra e a gata Branquinha. Antes também Borralheira e Eduína, mais recentemente desencarnadas.

Sempre nos lembramos com carinho dos que já partiram, nossos parentes e nossos bichos, com os quais compartilhamos as experiências da vida.

Eutanásia!

Quantas vezes esse assunto vem à tona, quando se está diante de um animal em sofrimento intenso.

Sacrificar ou não sacrificar!

Será melhor para ele, acabar com o seu sofrimento?

Como vamos saber?

Se isso fosse tão simples, a conduta também seria válida para o homem. Mas, sabemos que não o é. Basta lermos *Obreiros da Vida Eterna*, de André Luiz.

Por uma questão de bom-senso, concluímos que também não deve ser válida em relação aos animais.

Sei que existem situações muito difíceis, extremas mesmo. Certa vez uma aluna contou-me que, em extensa fazenda no Mato Grosso, um cavalo rolou o barranco e quebrou o pescoço. Estavam muito longe da sede e não tinham como transportar o cavalo. Para não deixá-lo ali, sozinho, morrendo inclusive de sede, optaram por sacrificá-lo.

Respeito que essa foi a atitude que julgaram ser a melhor, no momento.

Mas, o que se vê por aí é lamentável! Animais companheiros de anos e anos, de repente são "descartados" pelos motivos mais variados e fúteis: mudou-se de casa para apartamento, o animal está com urina solta, ou ficou paralítico, está velho, queremos comprar outro para pôr no lugar, etc.

Como referiu Konrad Lorenz em *Transcomunicação Instrumental* relatada por Sônia Rinaldi na *Folha Espírita* de dez./92, “Às vezes nos envergonhamos de ter vivido como ser humano na Terra (referindo-se à matança de animas na Guerra do Golfo).

Muitas vezes as pessoas me perguntam sobre seus animais velhos ou doentes: — Sacrificar ou não? Sempre respondo lembrando-me de uma página de Emmanuel intitulada “Quanto Puder”, em que recomenda: “Quanto puderes, não te afaste do lar.... Quanto te seja possível, suporta... Quanto estiver ao teu alcance, tolera..., etc.” Assim, digo: Quanto puder, quanto lhe seja possível, quanto estiver ao seu alcance, faça opção pela vida. Vale a pena!

O caso de nossa cachorra Nãna foi muito difícil.

Ela veio aqui para casa, com mais ou menos um mês de vida, e em fase terminal de cinomose^{39}, uma das piores doenças que acometem cães. Foi abandonada no pátio da Faculdade de Veterinária da USP, aqui em São Paulo, e Cristiana, uma de minhas filhas, a encontrou.

Mil cuidados com a Nãna.

Cuidados médicos, espirituais e afetivos.

Para surpresa de todos, ela sobreviveu.

Algumas sequelas persistiram. Ela ficou com uma escoliose (coluna vertebral torta para um lado), uma mioclonia (uma perninha, de trás ficava o tempo todo em movimento) e também enxergava pouco.

E se isso não bastasse, passados uns meses...convulsões.

A Nãna estava epilética!

Mas, tudo bem! Também nos animais as crises convulsivas são evitadas com medicação diária. E, assim, a situação ficou sob controle.

Num fim de ano, fomos para o interior e deixamos a Nãna, durante três dias, aos cuidados de uma pessoa que estava acostumada com ela e com a sua bateria de medicamentos diários.

Nãna voltou com carrapatos...

E eu pensei comigo: do jeito que a Nãna é complicada, só falta ela "pegar" alguma doença (transmitida por carrapatos).

"Pegou"!

Passaram-se uns dias e ela começou a mostrar icterícia e outros sintomas.

Apesar do tratamento, sobreveio um derrame cerebral intenso, e a Nãna ficou completamente parálitica. Só mexia a pontinha das orelhas, os olhos e os bigodinhos.

Montamos, em nossa copa/cozinha, uma verdadeira UTI e cuidamos dela, nessas condições, durante quase sete meses.

Em nossas preces, pedíamos aos espíritos que a ajudassem — Konrad Lorenz e outros espíritos zoófilos.

Até hoje, quando lembramos do quanto essa Nãna sofreu, questionamos se não teria sido melhor, para ela, a eutanásia.

Quem vai saber!

Como aqui em casa, nossa postura é a de sempre optar pela vida, foi o que fizemos com você, Nãna, e com todos os animais atropelados, sarnentos ou abandonados que de uma forma ou de outra vieram até nós.

O quanto enriqueceram nossas vidas supera de muito o que fizemos por vocês.

Ao longo dos anos, quanto pude aprender!

Vocês é que despertaram minha sensibilidade para os valores fundamentais da vida, onde quer que ela se manifeste.

De quanta coisa me arrependo!

Na ciência, somos levados a posturas equivocadas, de “frieza profissional”.

Quanta bobagem, quanta omissão!

Quanto sofrimento impingimos a esses pobres seres que se amontoam nos laboratórios, à mercê de tudo e de todos.

E a gente, na “santa” ignorância, vai entrando no esquema...

Felizmente, todo sono tem seu despertar e hoje é bem acordada que peço perdão a todos os animais que prejudiquei ou não pude ajudar.

Felizmente, também a vida me colocou no contato com eles, em oportunidades de aprendizado para enxergar a beleza da criação e respeitar a todos.

E para nós, enquanto humanidade, que histórica e egocentricamente sempre nos colocamos como seres excelsos, a quem tudo o mais na natureza devia se curvar e servir, abre-se a maravilhosa compreensão de que somos parte integrante desse imenso Universo, rede cósmica de interligações que comprometem as menores partículas, inclusive as de que somos formados.

Não estamos mais sozinhos no topo da pirâmide aristotélica pois entendemos, agora, nossa participação no todo e a do todo em nós. Somos hoje yin e yang, razão e intuição. Cultivamos a Ciência e queremos merecer a Poesia. Afinal, como já ouvi de nosso querido confrade Hermínio C. Miranda, a Ciência é para os que estão aprendendo e, a Poesia, para os que já sabem.

Um dia chegaremos lá!

Nota:

1 - O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

Súmula

Introdução

1 Os Animais têm Alma?

2 O Pensamento dos Animais

O Papel do Cérebro

Como É o Cérebro?

Como o Ser Humano Conquistou esse Cérebro? Foi Sempre Assim?

O Encéfalo. Análise Ontogenética

O Encéfalo. Análise Filogenética

A Ontogênese Recapitula a Filogênese

2 A Interação Cérebro-Mente

Arquitetura da Casa Mental

3 Animais e Sofrimento

Psique e Princípio Inteligente

4 Figuras Animais no Plano Espiritual

Animais e Erraticidade

Desencarne e Reencarnação

5 Os “Espíritos da Natureza”

Duendes, Gnomos e Fadinhas Existem?

6 Animais e Mediunidade

7 Comer ou não Comer Carne

Uma Abordagem Ética e Doutrinária

Os Recursos do Estábulo

A Questão Vibratória

A Implicação Ecológica do Comer ou não Comer Carne

8 Zooterapia

9 Por que Existem os Animais?

10 Os Animais, Nossos Companheiros

- {1} O Livro dos Espíritos, Allan Kardec
- {2} Idem (O Livro dos Espíritos, Allan Kardec)
- {3} A Gênese, Allan Kardec
- {4} O Livro dos Médiuns, Allan Kardec
- {5} Expressão utilizada apenas com a intenção de se oferecer um contraponto à realidade física da matéria, e não de caracterizar sua essência ou natureza.
- {6} Este assunto acha-se exposto de forma mais detalhada em meu livro anterior A Alma dos Animais - Editora Mantiqueira, S. Paulo, 1997.
- [N.R.] No quadro abaixo, ao alto, lado direito a nota da escritora diz: c/c^3 = sentimentos cúbicos
- {7} Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.
- {8} Para o meu entendimento, a melhor expressão seria ante = o que precede, e não anti = contra
- {9} Em contrapartida, a parte óssea da cabeça, que corresponde à face, é chamada de víscero-crânio.
- {10} Embrião humano - até aproximadamente o 32 mês de gestação.
- {11} Feto humano - do 3º mês de gestação até o nascimento.
- {12} Córtex (ou neocórtex) - é a fina camada de substância cinzenta que reveste externamente os hemisférios cerebrais; essa camada é formada por grande concentração de corpos de neurônios, que são as células nervosas.
- {13} Tese de doutoramento, Henrique Ayres Vasconcellos, 1990 - Escola Paulista de Medicina, São Paulo - Brasil.
- {14} Apesar de não serem mais aceitas pela moderna biologia, seu uso, neste momento, pode facilitar a compreensão da ideia.
- {15} Linguagem conhecida pelo seu acróstico Ameslan (American sign language).
- {16} "A Casa Mental" é o título do cap. 3 do livro No Mundo Maior, pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, no qual também nos baseamos.
- {17} Pode tratar-se de Thomas Henry Huxley (1825 - 1895), fisiólogo e naturalista inglês, ou de um de seus famosos netos: Julian Huxley (1887- 1975) , biólogo e educador; Aldous Huxley (1894-1963), romancista e ensaísta ou Aldrew Fielding Huxley, fisiólogo inglês, nascido em 1917 e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1963.
- {18} Entre outras obras, consulte-se A Triune Concep of the Brain and Behavior, University of Toronto Press, Toronto, 1973.
- {19} Usualmente, quando alguém fala em córtex, na realidade está se referindo ao neocórtex.
- {20} Jean Piaget, especialista em Psicologia Evolutiva e Epistemologia Genética, filósofo e educador suíço (1896 - 1980)
- {21} [N.R.] Troquei a imagem [colorida] conf. Pesquisa google 23/09/2019
- {22} [N.R.] Idem – troquei imagem colorida.
- {23} [N.R.] Peter Paul Rubens
- {24} O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec
- {25} O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec
- {26} Segundo "A Mente Humana", do prof. R. Manno Vieira- Escola Paulista de Medicina- Unifesp (Tese - 1985)
- {27} [N.R.] Metamorfoses ou o Asno de Ouro.
- {28} A Gênese, de Allan Kardec.
- {29} Segundo entendimentos com o plano espiritual, agendou-se data (4/ 5/91) em que o espírito Álvaro, líder de uma grande equipe de espíritos zoófilos, respondeu pessoalmente a 64 questões sobre os animais, previamente organizadas e formuladas por integrantes do

Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Américo, do Jardim Amanda, em Hortolândia, SE a convite do grupo, participei e agradeço.

{30} O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

{31} O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

{32} [N.R.] que ou o que demonstra interesse, amor pelos animais.

{33} Ciência do comportamento animal, que enfoca também aspectos do comportamento humano, a ele eventualmente vinculados.

{34} O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

{35} O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec

{36} Obras Póstumas, de Allan Kardec

{37} [N.R.] “Cartas e Crônicas”.

{38} [N.R.] Amigos do animais.

{39} [N.R.] Cinomose é uma doença altamente contagiosa provocada pelo vírus CDV (Canine Distemper Vírus) ou Vírus da Cinomose Canina (VCC) também conhecido como Vírus da Esgana Canina, da família Paramyxoviridae, que atinge animais da família Canidae, Mustelidae, Mephitidae e Procyonidae (entre eles cães, furões e alguns outros ...